

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa-Sociologia da Educação**

MARIA DE LOURDES DA CUNHA MONTEZANO

**CULTURA RELIGIOSA PROTESTANTE E RENDIMENTO ESCOLAR
NAS CAMADAS POPULARES:
um estudo sobre práticas socializadoras.**

**São Paulo
2006**

MARIA DE LOURDES DA CUNHA MONTEZANO

**CULTURA RELIGIOSA PROTESTANTE E RENDIMENTO ESCOLAR
NAS CAMADAS POPULARES:
UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS SOCIALIZADORAS.**

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação, para
obtenção do Título de Mestre em Educação, pelo curso de
Pós- Graduação em Sociologia da Educação.
Orientadora: Prof.^a Maria da Graça Jacintho Setton

São Paulo
2006

37.O47
M781c Montezano, Maria de Lourdes da Cunha
 Cultura religiosa protestante e rendimento escolar nas camadas
populares : um estudo sobre práticas socializadoras / Maria de Lourdes da
Cunha Montezano ; orientação Maria da Graça Jacintho Setton
São Paulo, Sp : s.n., 2006.
 97 p.; 03 anexos

 Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo.

 1. - Sociologia da educação 2. - Rendimento escolar 3.-
Protestantismo – Cultura I. Setton, Maria da Graça Jacintho,
orient.

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documento da FEUSP

FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria de Lourdes da Cunha Montezano

Cultura Religiosa Protestante e Rendimento Escolar nas Camadas Populares:
um estudo sobre prática sobre práticas socializadoras

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para obtenção do Título de
Mestre em Educação..
Área de Concentração: Sociologia da Educação

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

*Ao Nei,
o meu mais querido Amor,
de quem tive o privilégio
de ser esposa, e que súbito
ausentou-se. (em memória).*

*Aos meus filhos,
Fernando Felipe, José Flavio
e Ana Carolina Montezano,
lugar de descanso
para os meus olhos.
Pérolas sem fio.*

AGRADECIMENTOS

Ao Pai Maior, que me permitiu estender os olhos para os campos que já são brancos.

De modo especial, a Professora Maria da Graça Jacinto Setton, pela orientação competente, apoio e confiança depositados em mim desde o meu ingresso na pós-graduação, particularmente, minha profunda gratidão, por ter me escolhido, me acolhido e respeitado a minha construção intelectual como sua orientanda.

À professora Guiomar Fanganiello Calçada, exemplo de amor e compromisso com a palavra, com o aprendiz, por suas valiosas contribuições, empenho e constante incentivo.

Aos integrantes da Escola Municipal de Primeiro Grau Leonor Mendes de Barros, através da diretora Cleide Yara Arnaut e a Professora Claudia Fernandes Feitosa que não pouparam esforços para facilitar minha presença junto à comunidade escolar.

Às famílias entrevistadas, que compartilharam comigo momentos de suas vidas, da intimidade do cotidiano de seus lares.

Aos meus queridos filhos, Fefo, Zé e Carol, pela compreensão de minhas ausências e da minha dedicação ao trabalho, pelas palavras de incentivo, e pela paciência quase impaciente em esperar a mãe voltar para casa.

À minha mãe, companheira silenciosa na construção dos meus sonhos.

À vovó Elvira, pelas orações, pelo apoio moral, pela generosidade das palavras.

Às tias Zá e Dé, pelo desvelo irrestrito a todos nós, o que contribui para a conclusão desse trabalho.

À Pastora Carmem e a presbítera Dinorá pela intercessão constante, pela escuta sempre cuidadosa.

Aos meus amigos Anna Maria dos Santos, Maria Lucia Ovidio e Rui Lopes Teixeira pelas palavras de sabedoria, de discernimento e de conselho.

À Thaís D. Ribeiro, pelo apoio e incentivo constantes, pelas ricas trocas de idéias, por sua presença amiga e generosa.

Aos tantos outros amigos, pelas boas palavras, pelo carinho e amizade nos momentos de alegria e dor. Para Camilinha, minha gratidão.

E, finalmente, a todos que colaboraram, de alguma forma, para a realização deste trabalho e que apesar de não serem citados aqui estarão sempre vívidos na minha lembrança.

*“Antes do compromisso,
há hesitação, a oportunidade de recuar,
uma ineficácia permanente.
Em todo ato de iniciativa (e de criação),
há uma verdade elementar
cujo desconhecimento destrói muitas
idéias e planos esplêndidos.
No momento em que nos comprometemos de
fato, a Providência também age.
Ocorre toda espécie de coisas para nos ajudar,
coisas que de outro modo nunca ocorreriam.
Toda uma cadeia de eventos emana da decisão,
fazendo vir em nosso favor todo tipo
de encontros, de incidentes,
e de apoio material imprevisto, que ninguém
poderia sonhar que surgiriam em seu caminho.
Começa tudo o que possas fazer,
ou que sonhas poder fazer.
A ousadia traz em si o
gênio, o poder a magia”.*

GOETHE

MONTEZANO, Maria de Lourdes da C. **Cultura religiosa protestante e rendimento escolar nas camadas populares:** um estudo sobre práticas socializadoras. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo.

RESUMO

Este estudo trata da relação de afinidade entre a religião, a família e a escola e suas influências no desempenho escolar de alunos provenientes das chamadas "classes populares". Com base em entrevistas, realizadas em uma escola pública da periferia da cidade de São Paulo, investiga-se o estilo de vida de famílias de alunos protestantes, que apresentaram um rendimento escolar favorável no ensino fundamental. Para tanto, utiliza-se, como referência, o consumo, considerado em termos de práticas culturais relacionadas às demandas escolares. Analisa-se a articulação entre as práticas socializadoras da religião protestante, da escola e das famílias protestantes entrevistadas, a partir das afinidades eletivas entre elas, com o objetivo específico de determinar disposições de *habitus* que contribuem para que o aluno apresente um rendimento escolar favorável.

Demonstra-se, por meio de evidências empíricas, baseadas nas observações de campo e no discurso dos informantes, que o êxito escolar de alunos protestantes apresenta-se associado a um feixe de situações socializadoras, uma vez que tal êxito não se deve apenas ao fato da pertença religiosa protestante, mas ao modo como as famílias se relacionam com a religião. Dessa forma, focaliza-se o êxito no rendimento escolar dos alunos investigados enquanto relacionado a uma coerência nos projetos das instâncias de socialização aos quais esses alunos estão sujeitos – família, escola e religião.

Palavras –chave: estilo de vida; disposições e *habitus*; afinidades eletivas; rendimento escolar favorável.

MONTEZANO, Maria de Lourdes da C. **Protestant Religious Culture and Schooling Development Within Popular Layers: a study about socializing practices.** Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo.

ABSTRACT

This research is about the relation linking religion, family and school, and their influences on the schooling development on students who belong to layers named “popular classes”. Based on interviews made within a public school in São Paulo City suburbia, it’s surveyed the sort of life Protestants students’ families take due to their better shown schooling development at the elementary school. For this survey to happen it’s searched the purchasing habits considered in term of cultured practices in relation to the schooling demands. It’s analyzed the articulation between the Protestant religion socializing practices of schools and families from the interviewed ones, with the specific aim to determine the dispositions of habitués that contribute to the student with a better schooling development.

It’s shown, by the usage of empirics evidences, based on field observations and on informing speeches that the schooling improvement of Protestant students is linked to socializing situations, once this improvement doesn’t happen just due to the fact of the Protestant religion presence, but to the way families relate to religion. Through this the schooling improvement is spotlighted within the surveyed students along with coherence on the socialization to which these students are subjected – family, school and religion.

Keywords: lifestyle, dispositions of habitués, elective affinities, better schooling development.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRAT

1 INTRODUÇÃO	09
2 NO CAMPO DE PESQUISA: PERCURSO METODOLÓGICO	16
3 BREVES CONSIDERAÇÕES: O PROTESTANTISMO NO BRASIL	24
3.1 DO PROTESTANTISMO HISTÓRICO AO PENTECOSTALISMO E NEOPENTECOSTALISMO	25
4 OS SUJEITOS DA PESQUISA: IDENTIFICAÇÃO DE DIMENSÕES DO <i>HABITUS</i>	36
4.1 ESPAÇO FÍSICO.....	36
4.2 ORIGEM SOCIAL E FORMAÇÃO ESCOLAR	37
4.3 TRABALHO E RELIGIÃO.....	39
4.4 ESTILO DE VIDA.....	45
5 AFINIDADES ELETIVAS ENTRE ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO: FAMÍLIA, ESCOLA E RELIGIÃO	55
5.1 CONSIDERAÇÃO CONCEITUAL.....	55
5.2 AFINIDADES ELETIVAS NO UNIVERSO RELIGIOSO, FAMILIAR E ESCOLAR.....	59
5.2.1 RACIONALIDADE.....	59
5.2.2 DISCIPLINA.....	63
5.2.3 ASCETISMO	68
5.2.4 CULTURA ESCRITA.....	73
5.3 ARTICULAÇÃO DAS INSTÂNCIAS DE SOCIALIZAÇÃO.....	79
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	91
ANEXOS	97

1 INTRODUÇÃO

O foco desta dissertação é a relação de afinidade entre a religião, a família e a escola e suas influências no desempenho escolar de alunos provenientes das chamadas "classes populares". Seu objetivo mais específico, entretanto, consiste em determinar a articulação entre as práticas socializadoras da religião protestante, da escola e de algumas famílias das camadas populares, a fim de verificar em que medida facultavam ao aluno um rendimento escolar favorável, particularmente no que se refere à influência da religião protestante.

O interesse pelo tema surgiu de nossa experiência, como docente, em uma escola pública de um bairro da periferia do município de São Paulo, uma instituição em que a questão do fracasso ou do êxito dos alunos, no que se refere ao desempenho escolar, era explicada com base na situação socioeconômica de suas famílias.

Notava-se que, dentre os alunos dessa instituição, alguns se distinguiam com relação ao seu desempenho global, embora pertencessem à mesma camada social dos demais, àquela das chamadas "classes populares", conforme anteriormente denominadas. Esses alunos eram, em sua maioria, meninos e meninas "crentes", hoje conhecidos como evangélicos ou protestantes¹. Apresentavam características comuns: eram assíduos, pontuais, organizados e destacavam-se tanto em relação ao comportamento perante o grupo social quanto em relação à apropriação do conhecimento veiculado em sala de aula.

Ao longo dos anos, o trabalho, como coordenadora pedagógica de escolas públicas da periferia, possibilitou-me uma visão mais ampla desse fato, por poder observar esse mesmo comportamento dos alunos na escola como um todo e não apenas numa classe comum. Nessa função, coordenando avaliações do ensino fundamental², era freqüente ouvir do corpo docente muitas opiniões e argumentações que apontavam para as distinções em relação aos alunos protestantes, realçando-lhes o desempenho.

Mais tarde, no exercício da função de orientadora técnica da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, esses comentários se confirmaram num campo maior e mais

¹ Quanto a atual auto-identificação dos cristãos não católicos no Brasil, a designação "evangélica" auto identifica protestantes tradicionais de regiões urbanas e é o preferido dos historiadores dessas denominações; o termo "protestante" é utilizado por historiadores, teólogos e sociólogos não necessariamente alinhados com esses grupos (MENDONÇA, A.G.; VELASQUEZ FILHO, 1990, p.16). O termo "protestante" é aqui utilizado para representar os protestantes tradicionais ou históricos, bem como pentecostais e neopentecostais, também chamados evangélicos.

² O ensino fundamental representa a etapa obrigatória da educação básica da educação nacional, segundo a LDB 9394/96. Compreende um período de estudos de oito anos, sendo facultativo aos sistemas de ensino desdobrá-lo em ciclos.

diversificado. Já não provinham da observação de uma única classe nem de uma escola, mas de professores de um conjunto delas os quais ressaltavam o desempenho escolar positivo de alunos protestantes das camadas populares. Essa constatação foi se tornando uma inquietação mais contundente nesses anos, à medida que, trabalhando com formação de professores de diferentes realidades e culturas, em diversos estados brasileiros, pude perceber que a mesma idéia era compartilhada por outros docentes.

A importância que assumiam o comportamento dos alunos protestantes e o êxito que obtinham nos estudos, reiterados pelos professores nos decorrer dos anos intrigou-nos a ponto de indagarmos: seria a religião a causa determinante desse resultado positivo na escola?

Com vistas a resolver essa questão, começamos um percurso de leituras e questionamentos, que ainda não considero concluído. Na verdade, como o tema aqui privilegiado podia ser abordado de diferentes maneiras, optamos por empreender nosso trabalho a partir da compreensão das relações entre o *habitus*³ da família protestante e o desempenho escolar favorável dos alunos oriundos dessas famílias.

Lembramos, contudo, que pensar o diálogo entre educação e religião é mergulhar num espaço silencioso, particularmente em relação ao protestantismo, apesar de Martinho Lutero⁴, responsável pelo advento do protestantismo, ter sido um grande educador.

Embora cientes dessa condição, dedicamo-nos a uma pesquisa bibliográfica na área da Educação, referente ao período de 1990 a 2004. Investigamos, então, sobre a relação entre religião protestante e práticas pedagógicas e, com base em periódicos⁵ voltados à educação

³ *Habitus* é um conceito utilizado por Pierre Bourdieu, que será explicado ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

⁴ Martinho Lutero destacou-se como professor da Universidade de Wittenberg de 1508 a 1546, ano de sua morte. Dedicando-se ao ensino, a pesquisa e a filologia, de onde resultaram livros, a tradução da Bíblia para o alemão e a apropriação pela língua pátria de elementos de valorização do discurso utilizado pelo próprio Lutero. A Reforma Luterana não apenas propaga e instiga a leitura da Bíblia, como instrumento de compreensão da palavra escrita, mas considera que a educação da família cristã passa pela educação instituída, o que torna a proposta de Lutero uma referência relevante no processo educacional dos filhos e das famílias protestantes. Lutero não apenas utilizou o púlpito para divulgar suas pesquisas para o público, como demonstrou alta consideração com o ensino das crianças. No seu manifesto escrito em 1524, intitulado “Aos Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha para que Criem e Mantenham Escolas Cristãs (1524)”, enfatizou: “Falo por mim mesmo: se eu tivesse filhos e tivesse condições, não deveriam aprender apenas as línguas e história, mas também deviam aprender a cantar e estudar música, como matemática”. (LUTERO, 1994, V. 5, p. 319). Lutero escreve sobre educação, à medida que sente a necessidade de uma reforma educacional em decorrência das mudanças geradas pela própria Reforma. O seu trabalho espelha sua preocupação com o ensino alemão, à medida que procura esclarecer sobre a necessidade de uma reforma nas escolas médias e inferiores, por entender que, o ensino não tinha como único objetivo o sacerdócio que, por sua vez, tinha pais que investiam nessa estratégia de conquista, mas na certeza de que os cristãos deveriam conhecer o evangelho.

⁵ Os periódicos selecionados para investigação foram: *Educação e Sociedade*, que passou a denominar-se *Educação e Pesquisa* a partir de 1988, FE-USP; *Educação e Realidade*, UFRG; *Educação em Revista*, UFMG; *Revista Brasileira de Educação*, ANPED; *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, INEP.

brasileira, pudemos verificar a ausência de trabalhos a respeito dessa relação temática, pela qual nos interessamos.

Apesar de a maioria dos estudos sobre a questão do êxito ou fracasso escolar dos alunos, conforme pudemos observar, se concentrar nas relações econômicas e culturais, em detrimento da questão religiosa, percebia-se um razoável consenso, entre os educadores, sobre a importância da religião no processo de socialização familiar e de sua influência na vida escolar dos discentes. De um modo geral, essa relação era notada pelos docentes. Primeiramente era percebida em relação aos aspectos comportamentais e posteriormente, como um possível fator de êxito no processo de escolarização.

Essa relação entre religião e sucesso escolar, estabelecida pelos professores de forma "aleatória", concorreu para que direcionássemos nossa pesquisa para a área da Sociologia da Educação, dando continuidade à busca de resposta para o problema.

A pesquisa bibliográfica, nessa nova área, permitiu-nos encontrar os elementos necessários para a realização deste trabalho.

Ressalta-se que, desde os seus primórdios e até o presente, a religião parece não ter perdido a força mobilizadora que a caracteriza, empenhando-se recorrentemente em legitimar-se e definir o seu espaço, enquanto instituição social no mundo contemporâneo. Do ponto de vista sociológico, a religião faz parte das idealizações, ou seja, constitui-se como um sistema simbólico, como um conjunto de representações que os homens fazem do mundo e de si mesmos. Em outras palavras, manifesta-se em um amplo trabalho intelectual de interpretação da realidade, expresso em percepções e apreciações dessa realidade, transmitidas e transmissíveis (BERGER, 1985; DURKHEIM, 1978).

Atualmente, as novas formas de experiência da vida religiosa dão à religião maior visibilidade e revelam que, ao longo do tempo, ainda que ela tenha sabidamente perdido o monopólio de eixo norteador da vida social, jamais se retirou inteiramente da história.

No Brasil, como parte de uma tradição, nossa sociedade sempre conviveu de modo bastante amplo e plural com várias culturas religiosas. Segundo o Censo 2000, apenas 7,3% da população brasileira declarou-se "sem religião"; 73,7% disseram ser católicos; 15,4%, evangélicos e 1,8% compõem o grupo formado por "outras religiões". No entanto, Almeida (2004) observa que o pluralismo religioso brasileiro vem revelando uma outra faceta, ao admitir o crescimento e a difusão de práticas mais "espirituais", dentre elas a dos pentecostais, uma das vertentes do protestantismo.

No que se refere à cultura religiosa protestante e aos seus diferentes desdobramentos, observamos hoje sua significativa representatividade entre as classes

populares e, como se tem veiculado em publicações recentes, o movimento evangélico no Brasil é uma realidade presente no caldo cultural que frequenta a escola pública. Consta-se que o total de evangélicos aumentou cinco vezes nas últimas seis décadas – sobre o total da população (Revista *Veja*, julho de 2002).

Para o interesse desta exposição, vale lembrar que o protestantismo, como toda religião, segundo Max Weber (1982, p.309), deve ser entendido como uma forma de “regulamentação da vida”, de orientação de condutas que, de forma explícita, mostra o seu poder de explicação da realidade e sua capacidade distintiva de controle nos processos gerais de socialização.

Cabe destacar que, do ponto de vista de uma visão racionalista de mundo, o universo religioso não fica imune à modernidade e parece enfraquecido em seus valores, acuado a uma margem estreita de sobrevivência. Contudo, esse universo não se mostra à deriva, particularmente, em se tratando do protestantismo. Observa-se que este não se fechou em guetos defensivos, mas, adotando uma atitude contrária, tem ido às ruas e às mídias, manifestado publicamente suas ações e práticas socializadoras, atingindo de forma intensa as famílias brasileiras.

No que diz respeito à família, grande parte dos estudos sobre o desempenho escolar de alunos das frações das camadas sociais populares a considera como um importante elemento na determinação das trajetórias educacionais e profissionais do sujeito, representando, no processo de socialização dessas frações de classe, um dos fatores determinantes do êxito ou fracasso escolar no ensino fundamental. (SETTON, 2002a; ZAGO, 2003; LAHIRE, 1997; NOGUEIRA, 2003).

Não obstante essa representação é possível observar razoável concordância, entre os educadores, sobre a pluralidade de ações socializadoras que se superpõem ao universo familiar. Verifica-se, tanto na bibliografia estrangeira, segundo Lahire (1997), quanto na nacional, conforme Setton (2002b), que o processo de socialização pode ser considerado um espaço plural de múltiplas relações sociais. Nesse sentido, refletir sobre os processos educativos com vistas ao desempenho escolar implica pensar as relações que se estabelecem entre os programas de socialização dos diferentes espaços ou atores que se superpõem ao universo doméstico, buscando identificar, nas suas continuidades e rupturas, as disposições que potencializam o sucesso no aprendizado.

Aproximando-nos do ponto de vista de Lahire (2004), nossa pesquisa permitiu-nos formular uma segunda hipótese: seria a religião uma das matrizes socializadoras que, contemporaneamente, compartilha com a família e a escola de ações e práticas educativas muito mais entrelaçadas do que se imagina? A partir dessa premissa, agora associada à nossa

indagação inicial, com vistas à consecução de nosso objetivo, demos seqüência a nosso trabalho para verificar, por um lado, de que maneira esses contextos se entrelaçavam e, por outro, como a religião podia afetar o destino escolar de alunos, no nosso caso, oriundos de famílias de confissão religiosa protestante. Determinamos, assim, nosso objetivo específico, conforme inicialmente proposto.

Como se pode observar, nossa preocupação se concentra, agora, na compreensão das afinidades eletivas entre as matrizes distintas de socialização de alunos protestantes e as possíveis disposições de engendrar crianças adaptáveis ao nível das exigências escolares. Nesse sentido, consideramos a prática da religião como um dos fatores socializadores envolvidos no processo de escolarização, para observar um grupo de estudantes de uma escola pública, todos eles pertencentes às camadas populares.

Para a realização deste trabalho, procuramos verificar se o êxito no desempenho escolar de alunos de origem religiosa protestante se utilizava de um *habitus*⁶, adquirido na família e na igreja e potencializado na escola. Observamos se, de forma gradual, o *habitus* religioso, inculcado e fortalecido no universo familiar de alunos protestantes, agia em consonância com as práticas escolares, estabelecendo uma coerência de princípios que lhes facultasse sobressair no processo de escolarização.

Para o desenvolvimento dessa idéia, recorreremos às contribuições teóricas de Max Weber, particularmente a seus estudos sobre a ética desenvolvida pelo protestantismo, pelo fato de ele analisar a influência religiosa sobre o comportamento, as atitudes e o estilo de vida de seus adeptos. Conforme Pierucci (2003), a obra de Weber nos mostra que, no processo de modernização, não basta levar em conta exclusivamente os fatores econômicos ou materiais, uma vez que os fatores culturais pesam muito. Por esse motivo, entre os fatores culturais, valorizamos a dimensão religiosa, tornando-a bastante significativa em nossa investigação.

Nesse sentido, também foi-nos valiosa a contribuição do trabalho de Pierre Bourdieu, no que se refere ao conceito de *habitus*. Esse autor forneceu-nos os elementos necessários, para uma análise interpretativa das disposições pedagógicas a serem verificadas no universo de algumas famílias protestantes, pertencentes às camadas populares, pois “o *habitus* adquirido na família está no princípio da estruturação das experiências escolares”. (BOURDIEU, 1972 apud ORTIZ, 1983, p.19). Dessa forma, servimo-nos do conceito de *habitus* para explicar um conjunto de práticas sociais que contribuem para o desempenho

⁶ Utilizo o conceito de *habitus* como uma noção que me auxilia a pensar um sistema de orientação que caracteriza uma identidade social, embora não desconhecendo as contribuições de Bernard Lahire (2002), em sua

escolar de alunos que professam religião de matriz protestante. Entenda-se, porém, que o *habitus* não é a única explicação da prática, uma vez que Bourdieu deixa portas “entreabertas” para que sejam pensadas outras possíveis explicações da ação social. (CARIA, 2002, p.143; LAHIRE, 2002, p.11).

Tomando por base esses referenciais teóricos, elaboramos esta dissertação, a fim de explicitar os caminhos percorridos para responder às indagações que nos instigaram, buscando, sobretudo, evidenciar as consonâncias e dissonâncias, coerências e variações de *habitus*, com a finalidade de caracterizar o grupo familiar dos alunos selecionados e de pesquisar uma possível influência dos *habitus* no rendimento escolar favorável.

O trabalho, ora apresentado, constitui-se de quatro capítulos precedidos pela respectiva introdução. A eles se acrescentam as considerações finais, as referências bibliográficas e os anexos devidamente numerados.

No primeiro capítulo, intitulado “No campo da pesquisa: percurso metodológico”, item dois deste trabalho, abordamos os aspectos da entrada em campo, a metodologia adotada no projeto de pesquisa, bem como a nossa proposta analítica.

No segundo, denominado “Breves considerações: o protestantismo no Brasil”, representado pelo item três, encontram-se os aspectos históricos do protestantismo no Brasil e uma breve caracterização de seus desdobramentos, com vistas a evidenciar a sua dimensão educativa. Buscou-se traçar uma síntese que permitisse compreender, ainda que superficialmente, aspectos da relação entre protestantismo e educação. Para tanto, serviram de base tanto os dados históricos quanto a análise dedutiva, pela observação direta dos comportamentos e do discurso dos informantes.

No terceiro, nomeado “Os sujeitos da pesquisa: identificação de dimensões do *habitus*”, correspondente ao item quatro deste trabalho, reúnem-se os elementos constitutivos da estruturação do *habitus* das famílias protestantes pesquisadas, caracterizando-se o perfil sociológico do segmento estudado e as possíveis correlações com o êxito escolar de seus filhos, no âmbito do ensino fundamental.

No quarto, chamado “Afinidades eletivas entre espaços de socialização: família, escola e religião”, conforme o item cinco, apresentam-se os aspectos que traduzem as afinidades eletivas entre família, escola e religião protestante. Em continuidade ao processo de caracterização, direcionado agora para os elementos constitutivos da estruturação do *habitus* dessas famílias, analisamos algumas práticas que caracterizam seu estilo de vida, de modo a

obra o *Homem plural; os determinantes da ação* sobre os limites do conceito de *habitus*, no que se refere a sua incapacidade de apreender a totalidade das práticas sociais.

circunstanciar as estratégias recorrentes, nas referidas esferas de socialização, passíveis de influenciar o êxito dos alunos.

As considerações finais, destinam-se a apresentar as conclusões da pesquisa, sintetizando os aspectos que mostraram certa correspondência entre os projetos de socialização desenvolvidos no âmbito escolar, familiar e religioso, responsáveis pela construção de um “*habitus* com poucas fissuras”, ou seja, de um *habitus*, entendido como um conjunto de disposições que predispõe os agentes a comportamentos compatíveis com as demandas dos referidos espaços sociais.

Nessa seqüência apresentam-se as referências bibliográficas e os anexos devidamente numerados de um a três, contendo, nessa ordem, as respectivas tabelas com tabulação dos dados sobre a religião dos alunos, dos professores e dos demais integrantes da escola, o gráfico do desempenho escolar e religião dos alunos selecionados para a pesquisa e o roteiro das entrevistas realizadas com os pais dos alunos.

2 NO CAMPO DE PESQUISA: PERCURSO METODOLÓGICO

Nossa pesquisa foi empreendida com a colaboração de quatorze famílias de alunos protestantes, moradores da Zona Leste da cidade de São Paulo. Para a realização de nosso trabalho, partimos de uma investigação realizada numa escola municipal⁷ dessa mesma região, localizada no bairro de Sapopemba.

O trabalho de campo iniciou-se por meio de uma pré-investigação, caracterizada por um diálogo junto aos profissionais da referida escola (corpo administrativo e docente), com o objetivo de compreender e de apreender as representações religiosas de educadores e profissionais afins. Destinava-se também a verificar as possíveis correlações entre essas representações e o desempenho escolar dos alunos, num contexto educacional que se proclama laico, mas inserido numa realidade social notadamente plural em termos religiosos. Além disso, visava ainda circunscrever o espaço pesquisado em termos das religiões professadas.

Logo após os primeiros contatos com a equipe técnica do estabelecimento, determinou-se que a proposta de pesquisa deveria ser apresentada a todos os professores, o que ocorreu na reunião de planejamento. Além desse procedimento, a proposta foi submetida à aprovação do Conselho de Escola, antes de serem iniciados os primeiros contatos com professores e alunos a serem entrevistados.

A idéia de um trabalho de pesquisa relacionado com a escola foi bem recebida entre os futuros informantes. Essa receptividade positiva pareceu-nos, em princípio, estar atrelada ao fato de a pesquisadora ter sido anteriormente coordenadora pedagógica da instituição. Tal fato

⁷ A escola que serviu como entrada em campo, é uma das primeiras unidades municipais de São Paulo, fundada em 1958, com o apoio político da, então, primeira dama do município Dona Leonor Mendes de Barros. Está situada num bairro da periferia da zona leste de São Paulo, formado no mesmo período da fundação da escola. De acordo com depoimentos e material escrito, por ocasião dos 45º aniversário da escola, ela foi criada pelo decreto 3533 de 02 de abril de 1957 e inaugurada em 21 de março de 1958, com o nome de Escolas Agrupadas. Funcionou, primeiramente em salas de um galpão, por iniciativa de uma Igreja católica, sendo transferida para o prédio construído especialmente para ela, no local onde atualmente está localizada, por ocasião da sua inauguração oficial. Até 1961 funcionou como “Grupo Escolar”, oferecendo ensino de 1ª a 4ª série, antigo curso primário, com 20 salas, atendendo uma média de 900 alunos, em dois períodos, manhã e tarde. A partir desta data, de acordo com a legislação passa a Escola Municipal de Primeiro Grau, com ensino de 1ª a 8ª séries, funcionando com 13 salas em 04 períodos: manhã, intermediário, vespertino, noturno – atendendo cerca de 1200 alunos. Atualmente, ainda funciona em quatro períodos com cerca de 975 alunos. A escola ocupando uma área de 2500m², com 1600m² de área construída, totalmente arborizada, com duas grandes quadras poli esportivas, estacionamento, pátio coberto e descoberto, hortas, jardins, dependências externas com cinco cômodos para almoxarifado, salas em anexo para laboratório, sala de leitura com mais de 1500 títulos, sala de vídeo e informática com uma dezena de computadores, uma Associação de Pais e Mestres e um Conselho de escola atuantes. Embora, tenha desfrutado de prestígio por longos anos, devido a estabilidade no quadro de professores e demais funcionários, atualmente vem sofrendo com a rotatividade administrativa e docente.

contribuiu não somente para uma acolhida amistosa na comunidade escolar mas também facilitou-nos o acesso a pessoas e a documentos escolares.

Aceita a proposta, iniciaram-se as visitas regulares e semanais à referida escola, todas com duração de duas a três horas/dia, durante três meses consecutivos. Nesse período o projeto de pesquisa foi apresentado aos diferentes grupos de profissionais da escola, o que propiciou a coleta dos primeiros dados e impressões relacionados ao tema. Procurou-se, nessa fase, não somente identificar a religião dos informantes – alunos e demais profissionais do estabelecimento – mas também registrar as impressões e representações do corpo docente e administrativo da escola sobre o assunto em questão.

No que se refere à investigação relacionada ao universo dos alunos, esta teve como principal objetivo caracterizar quantitativa e qualitativamente a esfera escolar em relação à pertença religiosa, de modo a selecionar os informantes para a segunda fase da pesquisa. Numa amostra de 750 alunos⁸ presentes nos dias da investigação, obtivemos um total de 706 respostas. De acordo com essas respostas, 41,7% dos alunos declararam-se católicos e 5,5%, espíritas kardecistas. Ninguém se declarou representante de religião afro-brasileira, 26,3% declararam-se evangélicos, 21,1% não souberam responder, 3,9% declararam não possuir nenhuma religião e 1,2% qualificaram-se na categoria outra religião (budista, mórmon, alquimista). O mesmo levantamento feito entre professores e demais profissionais que compõem o universo escolar, num total de 50 representantes, indicou também uma predominância de adeptos do catolicismo em relação às demais religiões: 56% de representantes católicos, seguida de significativa presença de protestantes (16%) e de espíritas Kardecistas (14%). Nenhum informante se declarou representante das religiões afro-brasileiras, 8% deles se disseram sem religião e 6 % afirmam estar indefinidos quando à religião professada, por se encontrarem em “dupla filiação”⁹ ou em processo de desfiliação. Esse levantamento entre os profissionais da escola contribuiu não só para caracterizar a tendência religiosa do grupo, quanto para consubstanciar impressões sobre o tema pesquisado.

Após esse período de investigação, pudemos concluir que para a maioria dos professores a relação religião e desempenho escolar não é uma questão totalmente ausente de

⁸ Em relação ao grupo de alunos, a observação direta ficou restrita ao período entre a explicitação dos objetivos para o grupo e a aplicação do formulário. Ainda que num contato breve, foi possível perceber o estranhamento dos alunos em relação ao tema, manifestada pelas brincadeiras, fanfarrices e chacotas sobre a questão proposta. Alguns riam muito, outros se negavam a declarar sua religião, outros, ainda, se agrediam mutuamente, chamando-se “filho de macumbeiro”. Cabe esclarecer que para os alunos do primeiro e do segundo ano do ensino fundamental foi enviado um questionário para que os pais respondessem.

⁹ Dupla filiação, termo utilizado por Pierucci, no texto “Bye bye, Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000”. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.

suas reflexões. Contudo, pudemos perceber que para eles esse aspecto estava vinculado ao comportamento, à disciplina, à submissão às regras e normas escolares. Frequentemente, seus discursos apontaram para a dimensão social, normalmente relacionado com a moralização da criança ou do adolescente. Nesse sentido, a religião parece ser um dispositivo de que a família se beneficia para instigar e fortalecer a docilidade, a obediência e a submissão às ordens. Trata-se de uma atitude que alguns professores julgam ser compatível com aquelas das demandas escolares.

É possível interpretar pelo discurso de alguns professores que, no processo de avaliação, teoricamente vinculado ao mérito intelectual, se consideram também as dimensões afetiva e social e a forma como essas dimensões se manifestam na qualificação final de desempenho dos alunos. Para nós, essa consideração é responsável pela presença de certa subjetividade nos critérios de avaliação do aluno:

“A gente logo percebe a criança cuja família tem religião; mesmo apresentando algumas dificuldades para aprender, o seu comportamento em sala de aula acaba contribuindo para que se saia bem no processo final de avaliação.” (depoimento de dois professores sobre um aluno protestante da 8ª série, considerado com sérios comprometimentos em termos de conteúdo conceitual).

“Em educação física, tenho dificuldade com alguns alunos evangélicos; não gostam de se envolver nas aulas, mostram-se tímidos e envergonhados, parecem temer a censura dos colegas e apresentam certa dificuldade na realização de atividades corporais, mas, não deixam de vir aula, são pontuais, e acabam satisfazendo e preenchendo algumas condições do processo de avaliação”¹⁰.

Na visão dos professores, no que concerne à religião protestante, percebe-se que consideram que sua contribuição no campo educacional se relaciona mais à moralização do aluno do que a conteúdos intelectuais propriamente ditos. Essa interpretação, em princípio, nos distanciou de uma de nossas hipóteses, aquela de que é possível que a prática religiosa protestante possa contribuir com elementos cognitivos para o desempenho escolar de alunos das camadas populares, estudantes do ensino fundamental:

“A disciplina ajuda o aluno a perceber o que se ensina, e isso é uma coisa que a gente observa que grande parte dos alunos de religião evangélica tem. Mesmo tendo dificuldade para “guardar as coisas na cabeça”, a gente percebe que os pais ficam em cima, que as lições estão sempre feitas, nunca faltam às aulas, chegam sempre na hora...”. (Professor de alunos do quarto ano).

¹⁰ Os critérios de avaliação veiculados nos Parâmetros Curriculares nacionais, sem dúvida, no terceiro e quarto ciclos, valorizam as práticas da cultura corporal do movimento, contudo orientações didáticas remetem a atividades que podem representar instrumentos de avaliação, como por exemplo, aspectos relacionais, o trabalho com a mídia, apreciação e crítica, que não demandam apenas conteúdos cognitivos, mas procedimentais e atitudinais.

Diante disso, impôs-se um ajuste no rumo da pesquisa. Era preciso identificar que espécie de moralidade, vivida no contexto familiar protestante, poderia contribuir de alguma forma para o desempenho escolar de sucesso dos alunos. E, ainda, de que protestantismo se estava falando. Daí a necessidade de esclarecermos que, no contexto deste trabalho, o protestantismo a que se faz referência, de que se fala, é o praticado nos grandes centros urbanos brasileiros. São, em sua maioria, vertentes pentecostais e neopentecostais, notadamente diferenciadas por práticas que não somente expressam um apelo ascético em relação a uma conduta de vida disciplinada, compatível às normas e regras da religião, mas que também se apresentam vinculadas a práticas relacionadas à apropriação do conhecimento cognitivo por meio da aquisição de capitais lingüísticos, simbólicos e culturais, basicamente fundamentadas no texto bíblico.

É válido afirmar que a moralidade, a que se referem os professores, vivida no contexto familiar protestante, baseada no discurso dos pregadores, pastores e líderes dessa crença e propalada nos cultos, seja nas igrejas ou na rede de televisão nacional, mostra-se assentada numa ética que demanda não apenas a apreensão de valores, normas e regras do contexto religioso mas também a disposição em relação à leitura do texto bíblico. Assim considerada, essa moralidade demanda apreensão e compreensão do código escrito, cujos conteúdos são valorizados pela escola. Observe-se o que se lê no texto bíblico, versículo 29, capítulo 22 do “Livro de Mateus”: “Errais porque não conheceis as escrituras, nem o poder de Deus.” (BIBLIA SAGRADA, N.T.,22: 29).

Como se pôde constatar pela observação de campo¹¹, a maioria das vertentes e denominações protestantes da atualidade, ainda que reconhecidas pela sua ênfase na comunicação oral, não prescinde do texto escrito, da consulta e do manuseio, com maior ou menor freqüência, do livro sagrado. Da compreensão literal à interpretação discursiva, o crente da modernidade, na maioria das vertentes do protestantismo, interage com o texto escrito, exercitando a leitura com certa regularidade e freqüência. Essa interação se evidencia

¹¹ A observação de campo, neste aspecto, consistiu em visitas freqüentes, durante o primeiro semestre de 2005, a várias igrejas protestantes tradicionais, pentecostais e neopentecostais, a fim de observar o ritual dos cultos. Na Igreja Presbiteriana Independente, bíblias estão disponíveis para os fiéis em todos os bancos; tanto na igreja Assembléia de Deus como na Brasil Para Cristo os fiéis trazem a Bíblia para o culto e a manuseiam à medida que o pastor faz referência ao texto; na igreja Renascer em Cristo, onde foi possível acompanhar mais sistematicamente os cultos, os fiéis são solicitados a acompanhar a leitura no mínimo três vezes durante cada culto, além de completar em coro a leitura de versículos e textos nos quais o líder religioso se apóia para a pregação. Na Igreja Universal do Reino de Deus, embora não se perceba o manuseio sistemático do texto no decorrer do culto, como nas demais citadas, há um vasto material escrito à disposição dos fiéis, proporcionando um contato com o mundo da leitura, além de um ambiente notadamente letrado, visitado pelos fiéis com certa regularidade.

no discurso dos professores, quando direcionado à relação desempenho escolar e religião protestante.

Constatou-se, ainda, a respeito da moralidade familiar protestante, referida pelos professores, que o envolvimento dos pais no processo escolar dos filhos, assim como um relacionamento freqüentemente amistoso e solidário entre pais e professores são fatores que estabelecem e traduzem a relação confissão religiosa protestante e desempenho escolar.

Nas palavras dos professores: “Os pais evangélicos estão sempre presentes na escola, interessam-se pelo comportamento dos filhos, atendem prontamente às solicitações da escola e ou dos professores”. Como se pode observar, é notória a percepção dos educadores quanto à relação entre o envolvimento moral dos pais no processo de escolarização dos filhos e o desempenho positivo deles:

“São pais que não faltam à reunião de pais e mestres; quando a mãe não pode vir, vem o pai ou algum representante; o fato é que procuram sempre atender às convocações da escola”. (Depoimento de uma professora de Ciências)

Essas observações feitas na escola, foram para nós um objeto de uma pré-investigação, que não constitui uma abordagem etnográfica, segundo a visão de Gilbert Ryle (apud GEERTZ, 1989, p.21) porque para esse antropólogo a abordagem etnográfica, como uma descrição densa, requer tempo suficiente para que haja a imersão do pesquisador, condição não exigida para a consecução de nosso objetivo. Tal investigação se destinou apenas a uma seleção prévia dos alunos protestantes cujas famílias participariam das entrevistas. Entretanto, a pesquisa desenvolvida junto à escola corroborou nossa hipótese de trabalho, a de haver uma possível influência das práticas religiosas protestantes que contribuisse para o envolvimento dos pais nas práticas escolares, no que respeita ao plano da educação formal de seus filhos. Essa influência seria responsável pelos resultados positivos diretos, observáveis no desempenho desses estudantes.

No que se refere à nossa pesquisa, o tempo que passamos na escola esteve basicamente relacionado à apreensão de elementos para a seleção de casos¹² – famílias a serem entrevistadas. Essa seleção de casos foi realizada a partir de duas estratégias. A primeira delas baseou-se na indicação dos alunos com êxito no desempenho escolar, conforme apresentada pelos professores, e a segunda, na seleção daqueles que se declararam de confissão religiosa protestante.

¹² Seleção de casos: momento da seleção de famílias de alunos protestantes, tendo em vista o seu desempenho escolar.

Esclarecemos que esses dados foram coletados, tanto durante nossa participação em reuniões de comissão de classe¹³ quanto a partir da análise das atas de avaliações dos alunos.

Quanto à situação de êxito ou sucesso no universo investigado, esta se condiciona não só a um rendimento escolar compatível com as exigências da escola, em termos de conhecimento, mas também à adaptação do aluno em relação às suas pautas normativas. Isso significa dizer que, para efeito desse estudo, o rendimento escolar do aluno, expresso nas menções P (plenamente satisfatório), S (satisfatório) e NS (não satisfatório), síntese do processo de avaliação adotado na escola, por nós investigada, não representa apenas o resultado de conquistas cognitivas relacionadas à apreensão e compreensão de conteúdos conceituais. Esse rendimento também incorpora as respostas comportamentais dentro de alguns limites estabelecidos pela comunidade escolar, como esperadas ou desejáveis.

Para alguns professores, esse sistema de avaliação qualitativa possibilita uma avaliação global do aluno, mas pode gerar resultados, passíveis de qualificar o rendimento escolar a partir da comparação de seus avanços e dificuldades, o que, por vezes, não encontra correspondência nas categorias de avaliação propostas pelo sistema. Ou seja, nem sempre um aluno qualificado com o conceito P (plenamente satisfatório) é, na opinião desses professores, necessariamente aquele que se destaca enquanto adaptável e bem sucedido em termos das exigências escolares: conteúdos, relacionamentos, participação no processo ensino-aprendizagem.

Diante disso, para selecionar alunos com bom desempenho escolar, de acordo com nossa primeira estratégia, levamos em conta a opinião dos professores sobre o desempenho escolar dos alunos e os conceitos a eles atribuídos nos dois semestres de 2003. Observou-se, nesse momento, que os alunos indicados, na opinião dos professores, como alunos que se destacavam em termos de um bom desempenho escolar, na sua grande maioria, eram qualificados com conceito P. Não obstante essa avaliação, muitos deles detinham o conceito S e até NS em algumas disciplinas, fato que não impediu a indicação de um dos alunos nessas condições, para participar de nosso trabalho.

Dentre esses alunos¹⁴, considerando a segunda estratégia estabelecida para a seleção das famílias a serem entrevistadas, objeto principal de nossa pesquisa, privilegiamos os que se declararam de confissão religiosa protestante.

¹³ Comissão de classe é aqui entendida como uma prática do processo de avaliação escolar, realizada, no mínimo semestralmente, com os professores de uma determinada série ou ano, onde o desempenho de cada aluno é avaliado por todos, nas dimensões cognitivas, afetivas e sociais.

¹⁴ Para o cruzamento dos dados dos alunos indicados pelos professores como alunos de sucesso escolar e o conceito atribuído e registrado em livro próprio, nos pautamos num universo de 397 alunos, correspondente aos

Embora, não tenhamos realizado na escola uma “descrição densa”, sobre comportamentos e representações manifestadas por sujeitos (professores e alunos) envolvidos na pesquisa, em razão do pouco tempo de permanência no campo escolar, utilizamos recursos da etnografia para a realização desta pré-investigação. Das 14 famílias selecionadas, uma era de protestantes tradicionais (Igreja Batista); duas, de neopentecostais (Igreja Universal do Reino de Deus) e 11, de pentecostais (Assembléia de Deus, Brasil para Cristo e outras denominações)¹⁵.

A pesquisa realizada junto às famílias dos alunos protestantes representou a principal etapa do trabalho de campo por nós desenvolvido. Teve início pelo contato prévio com os informantes – pais ou representantes da família dos alunos – para confirmarmos a autorização e agendar a realização das entrevistas.

Com o propósito de qualificar a cultura familiar, foi utilizada a entrevista do tipo semi-estruturada, tendo como principais objetivos:

- a) identificar as representações das famílias relacionadas com o conhecimento escolar;
- b) conhecer a situação socioeconômica dessas famílias;
- c) identificar e descrever as várias dimensões de seus *habitus* e
- d) explorar e descrever as possíveis correlações entre o *habitus* das famílias pesquisadas e as práticas pedagógicas explicitadas no cotidiano escolar.

As entrevistas foram realizadas na residência dos informantes, para que se pudesse ser considerado o contexto doméstico dos entrevistados. De um modo geral, os informantes mostraram-se receptivos. Não se registrou uma única oposição a que as entrevistas fossem gravadas, tendo-se dissipado alguns constrangimentos iniciais, após as devidas explicações sobre o trabalho. Em média, as entrevistas tiveram duração de aproximadamente duas horas, com a presença do informante e, por vezes, dos familiares que permaneceram no ambiente, participando delas indiretamente.

Para o registro dos dados a serem analisados, elaborou-se um diário de campo contendo a descrição das pessoas e das situações. Nele incluíram-se a transcrição das

representantes das quatro últimas séries do ensino fundamental, em razão de estarem prestes a concluir o curso, sendo possível acompanhar o seu desenvolvimento escolar em anos anteriores, por meio de documentos e registros do processo de ensino-aprendizagem. Foram constatados os seguintes índices de aproveitamento escolar, de acordo com os grupos religiosos mais expressivos: entre os 166 alunos católicos, houve uma conquista 57,70% da totalidade de conceitos P; entre os protestantes tradicionais (5 alunos) houve 71,80% de conceito P; entre os pentecostais (70 alunos) houve 64,55% de conceito P; entre os neopentecostais (5 alunos) houve 40,63%.

¹⁵ O pentecostalismo é uma vertente do protestantismo histórico ou tradicional que ao longo de sua trajetória no Brasil, a partir de sua dinâmica interna permite uma categorização em “ondas” Freston (1993), o que origina diferentes igrejas, com especificidades próprias.

entrevistas e dos depoimentos, a reconstrução de diálogos, bem como elementos ocasionais surgidos no decorrer da pesquisa.

Quanto à interpretação dos dados, optou-se pelo processo indutivo de análise. Procuramos não buscar evidências no sentido de comprovar as hipóteses iniciais que impulsionaram esse estudo, mas pautar-nos em abstrações, a partir dos comportamentos e representações dos informantes. Nesse sentido, conforme os preceitos teórico-metodológicos sugeridos por de Bernard Lahire (2004, p.23), para a realização da análise das entrevistas, posicionamo-nos o mais próximos possível das formulações e interpretações dos informantes.

À medida que os dados foram sendo coletados, os delineamentos classificatórios, como por exemplo, famílias protestantes tradicionais ou não-tradicionais, tomaram corpo e as categorias descritivas foram sendo construídas com base no quadro teórico definido, bem como nas temáticas emergentes.

Da análise das entrevistas com as famílias, emergiram, basicamente, cinco temáticas principais:

- a) a estrutura e a organização familiar - poder e dominação; hierarquia e autoridade;
- b) a disposição à escolarização e às práticas educativas - educação formal, educação informal e religiosa e escolarização familiar;
- c) o investimento na prática da leitura - leitura da Bíblia, literaturas relacionadas, textos informativos e conhecimentos gerais;
- d) o estilo de vida centrado na religião e no trabalho - lazer, cultura, consumo, gosto, ética e estética e
- e) a disposição e a conduta ascética - regularidade e frequência das ações, disciplina e autocontrole.

Na análise dos dados e na interpretação dos resultados buscamos ultrapassar as evidências e compreender, por meio das práticas socioculturais do segmento social religioso em estudo, os elementos que estruturavam o *habitus* do grupo e as suas possíveis correlações com as práticas socializadoras adotadas no plano familiar e escolar.

A compreensão desses elementos e de suas possíveis correlações com práticas verificadas no contexto familiar e escolar, evidenciou-nos a necessidade de não somente delimitar o pertencimento religioso das famílias mas também de resgatar aspectos históricos da religião que nos dessem elementos para empreender tal compreensão no contexto atual, com vistas a nossos propósitos.

3 BREVES CONSIDERAÇÕES: O PROTESTANTISMO NO BRASIL

“*Parada da Fé, Evangélicos lotam Paulista no feriado de Corpus Christi*”. De acordo com a manchete de sexta-feira, 27 de maio de 2005, no jornal *Folha de S. Paulo*, a festa evangélica, que terminou com *show* de música na Avenida Paulista, atraiu mais de dois milhões de pessoas, conforme dados da Polícia Militar.

Quem são esses que, em pleno feriado católico de *Corpus Christi*, vão para as ruas, em caravanas, exibindo faixas com dizeres demonstrando distinções nos costumes, no jeito de ser, de crer e de viver? Uns apresentam-se mais de acordo com a moda, outros mais sóbrios, outros exóticos, audaciosos, talvez despojados. O líder evangélico que convocou a marcha usa *jeans* e boné preto. Sua esposa veste um modelo moldado ao corpo e camiseta com inscrição que chama a atenção para a “Marcha para Jesus 2005”.

Essas diferenças apontadas ficam amalgamadas na multidão de evangélicos, como se autodenominam os diferentes movimentos do protestantismo no Brasil. Mas quem são eles, que protestantismo é esse que praticam?

Cabe esclarecer que, de modo geral, o termo “evangélico” é empregado referindo-se ao universo de cristãos não-católicos, entendidos pela mídia e pela sociedade do país como uma espécie de “protestantismo brasileiro”, constituído pelo protestantismo histórico, pelo pentecostalismo e pelo neopentecostalismo. Atualmente esse “protestantismo brasileiro” é liderado pelos pentecostais e fortemente divulgado pelos neopentecostais.

Para estudar os aspectos da realidade social ligada ao protestantismo brasileiro deve-se ter em mente, em primeiro lugar, de que este não é um campo bem delimitado, porque, desde a Reforma, o protestantismo, em si mesmo, carrega visões teológicas distintas, na figura de Martinho Lutero, de João Calvino, de John Wesley. Em segundo lugar, deve-se considerar que, segundo Paul Freston (1999, p.329), o Brasil tem a segunda maior comunidade mundial de adeptos do protestantismo. Seria, portanto, surpreendente, se não houvesse, entre os mais de 20 milhões de protestantes brasileiros, grandes desdobramentos da religião, com teologias distintas e práticas litúrgicas diversas, como é o caso do pentecostalismo e do neopentecostalismo.

Sem ter a pretensão de traçar um histórico do protestantismo brasileiro, procuramos caracterizar as principais vertentes protestantes no contexto social do Brasil, com o propósito de identificar elementos que contribuam para a apreensão e compreensão do perfil sociológico das famílias investigadas, particularmente no que se refere às práticas relacionadas à

educação¹⁶. Para tanto, foram considerados três grandes grupos: o do protestantismo histórico de imigração e de missões, o do pentecostalismo e o do neopentecostalismo.

Interessa observar que, encarando o universo protestante e o campo religioso brasileiro como um cenário de notória pluralidade, optamos por considerar o denominado “tipo ideal” como método de trabalho que, conforme Rubem Alves (1979, p.35), "é uma das melhores maneiras de se apreender, em relação ao protestantismo brasileiro, 'idéias' que dominam o grupo religioso, de forma difusa, no momento histórico em questão". Contudo, a respeito desse ponto, cabe recordar Max Weber (2000), que chama atenção para o fato de que o tipo ideal é um construto heurístico, que não representa nenhum fenômeno empírico. Esse mesmo autor, em obras reeditadas em 1982 e 2003, observa que os tipos ideais possuem uma coerência que, sem dúvida, não é possível encontrar na realidade.

Pode-se dizer que o século XIX testemunhou, no Brasil, a implantação definitiva do protestantismo da pós-reforma, na sua diversidade. Como nos referimos acima o protestantismo brasileiro não é um campo bem delimitado, uma vez que o protestantismo em si, já carrega uma quantidade considerável de visões teológicas distintas, desde a Reforma. Nesse sentido, serão considerados aqui o protestantismo histórico e o pentecostalismo nos seus vários movimentos ou ondas, dentre eles o pentecostalismo de terceira onda ou neopentecostalismo.

3.1 DO PROTESTANTISMO HISTÓRICO AO PENTECOSTALISMO E NEOPENTECOSTALISMO

O protestantismo histórico está representado pelas igrejas reformadas de origem européia e norte-americana, estabelecidas no Brasil desde o século XIX. Na visão de Mendonça (2005), apresenta atualmente sinais de cansaço, posição corroborada por Pierucci (2004a), que indica certo declínio entre os luteranos, uma das primeiras representações do protestantismo no Brasil. Além das igrejas luteranas são representações do protestantismo histórico as igrejas presbiteriana, batista, metodista, episcopal, anglicana, congregacional e, na prática, as possíveis subdivisões delas.

¹⁶ Educação é aqui entendida, como a produção dos indivíduos através de meios e ou práticas sociais específicas: práticas educativas ou de socialização escolar ou não diferenciada, institucionalizada e relativamente autônoma (LERENA, 1985, p.21).

Para Pierucci e Prandi (1977), os evangélicos históricos perfazem cerca de 3% da população, apresentando-se em maior número nos estados do Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Segundo dados do censo de 2000, os evangélicos representam 15,4% da população, sendo 4,23% protestantes tradicionais e 10,43% pentecostais, compreendidos nas suas várias vertentes ou ondas. Não obstante esses percentuais, observa Pierucci (2004) que o censo de 2000 flagrou, em números absolutos, o minguado crescimento mais recente dos luteranos, indo de 1.029.679 para 1.062.144, um crescimento de pouco mais de trinta mil. Devido a esse fato, a sua participação relativa no total do protestantismo brasileiro decresceu de quase 8% para os magros 4% atuais, o que denota uma retração no contexto dos protestantes históricos.

Como é do conhecimento geral, o protestantismo surgiu com a Reforma Protestante, iniciada por Martinho Lutero, que, no início do século XVI, rompeu com a igreja católica, pregando uma reaproximação com o cristianismo primitivo. Lutero condenou a venda de indulgências pela Igreja, questionou alguns dogmas, bem como a degradação do clero, os preceitos e práticas adotadas por Roma na época, em 95 teses consideradas heréticas pela igreja católica. Em 1519, Lutero foi afastado definitivamente do catolicismo, sendo, dois anos depois, excomungado pelo Papa Leão X. Mas, contando com a simpatia de parte da nobreza e de camponeses, desenvolveu o luteranismo, que se difundiu pela Alemanha.

Martinho Lutero, apesar de perseguido pela Igreja, por estar amparado pela aristocracia, traduziu a Bíblia para o alemão e fundou uma nova igreja, que, dos sacramentos católicos, aceita apenas o batismo e a eucaristia, tendo abolido o celibato clerical, o jejum, o culto aos santos e à Virgem Maria.

A igreja luterana, assim caracterizada, propaga e instiga a leitura da Bíblia, como instrumento de compreensão da palavra escrita, e considera que a educação da família cristã passa pela educação secular instituída, desempenhando, dessa forma, um papel relevante na trajetória educacional dos filhos das famílias protestantes.

O primeiro país a aderir ao luteranismo foi à Alemanha, berço de Lutero. Depois, a Reforma irradiou-se pela Europa. Em 1537, a Dinamarca, a Suécia, a Noruega e a Islândia já tinham aderido aos princípios luteranos. Entretanto, nem todas as teses de Lutero foram aceitas por seus aliados em outros países, razão que motivou o aparecimento de novas igrejas cristãs, como a de João Calvino e a de João Wesley. Na Suíça, foi um ex-padre, Huldreich Zwingli, quem difundiu o protestantismo e, na França, o seu propagador foi João Calvino (1509-1564). A Reforma Protestante também triunfou, posteriormente, na Escócia e nos Países Baixos.

O luteranismo, base da eclesiologia oriunda da Reforma, foi à primeira das formações do antigo protestantismo a se instalar no Brasil, entre 1824 e 1864, com a vinda de imigrantes alemães que se fixaram, principalmente, no Rio Grande do Sul, instalando-se prioritariamente na cidade de São Leopoldo, em Santa Catarina e no Rio de Janeiro, na cidade de Nova Friburgo. Por essa razão, é denominado pelos cientistas sociais como "protestantismo de imigração".

Acompanhando a expansão das colônias de imigrantes alemães, a escola luterana espalha-se por várias localidades como São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais. Essas colônias foram criando igrejas, que não tinham a preocupação de evangelizar os brasileiros, mas de preservar os valores culturais, regionais e religiosos dos imigrantes. Por esse motivo, a preservação dos princípios da reforma luterana representa uma convicção de quase três séculos, trazida na bagagem dos imigrantes, assim como escola constitui um recurso para a continuidade de seus valores, crenças e tradições. Por essa razão, ao lado das suas igrejas, esses imigrantes estruturaram escolas para seus filhos, impulsionados pela visão de Lutero¹⁷ que valoriza a educação dos filhos e filhas de todos os seus seguidores, independentemente da posição social ocupada.

A filosofia do trabalho desses imigrantes luteranos estava voltada para a preservação da fé que tinha como base principal o catecismo elaborado pelo reformador, o que previa, no mínimo, leitura e compreensão do texto, capacidades estas que a escola poderia desenvolver. Assim, as escolas alemãs preocupavam-se com a evangelização e a manutenção da fé e faziam-no na língua materna¹⁸, vivendo à margem da cultura brasileira. No entanto, tal idéia se contrapõe ao que encontramos em Dreher (2004), que afirma que, nas escolas implantadas pelos primeiros imigrantes alemães de origem religiosa luterana, havia toda uma produção de um material didático¹⁹ que procurava inserir o jovem luterano no contexto brasileiro. Havia preocupação com a língua portuguesa, a história e a geografia do país.

¹⁷ Para Lutero a escola atendia a todas as crianças do burgo: do filho burguês à filha camponesa. Apesar de seu patriarcalismo, Lutero pressionava através de sermões e folhetos populares para que enviassem filhos e filhas para escola. Ameaçava pais e mães com o fogo do inferno e a danação eterna se não enviassem seus filhos e filhas à escola (PAULY, 2002, p. 46).

¹⁸ Segundo LARROYO (1974, p.373) as comunidades alemãs, assim estabelecidas, eram tipicamente igrejas de imigrantes. Usavam a língua materna nas igrejas e escolas, e muitos entenderam que a manutenção do idioma era a conservação da fé evangélica. Viviam, via de regra, à margem da vida e da cultura brasileira e, por força das condições da vida rural, muitos tinham pouca oportunidade de participação regular na vida da igreja.

¹⁹ Desde a primeira cartilha o jovem luterano era inserido no contexto brasileiro. As ilustrações da cartilha apresentam pessoas vestindo calça turca e o instrumental necessário para uma correta pronúncia do idioma falado no Brasil com a "A *Orthoropia da Língua Portuguesa em exercícios para as Escolas allemãs no Brasil*". Presentes estão o tamanduá, a laranjeira, a araucária, a arara, a serraria, a figueira, o papagaio. O mesmo autor da cartilha, Wilhelm Rotermund, preparou uma gramática para o estudo da língua portuguesa. Theodor Grimm publicou *Conhecimento do Estado do Rio Grande do Sul*. Nesse livro fala aos alunos, sobre a geografia, a

Vale ressaltar que o protestantismo imigratório ou luteranismo que chega ao Brasil, embora não tenha surgido como um esforço missionário, traz, na sua bagagem, convicções, maneiras de perceber, agir e pensar que se traduzem num estilo de vida que valoriza o conhecimento escolarizado. Apesar de as escolas ligadas às igrejas luteranas terem surgido, inicialmente, voltadas principalmente para a educação dos seus próprios filhos, são indiscutíveis a importância e o êxito trabalho que desenvolveram na área da educação escolarizada.

No que se refere ao protestantismo de missões, os missionários protestantes chegaram ao Brasil em meados do século XIX e, assim como os primeiros imigrantes luteranos, trouxeram uma prática litúrgica e educacional correspondente à da igreja dos países de origem.

Nos Estados Unidos, o sentimento expansionista e a teologia avivalista²⁰, que dominou o pensamento americano no final do século XVIII e início do XIX, resultaram em inúmeras sociedades missionárias com o intuito de conquistar adeptos em toda a América Latina, África e Oriente. Os norte-americanos assumiram a responsabilidade de propagar as idéias religiosas²¹ além de suas fronteiras, enviando seus missionários inclusive ao Brasil.

Para Mendonça (1995, p.65), o interesse pela educação foi uma das resultantes da Era da Bondade desinteressada para os protestantes americanos. Entretanto, o futuro do mundo estava nas mãos de três grandes potências protestantes: Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos. Dessa forma, pode-se inferir que não houve um projeto único de educação em relação ao protestantismo missionário que chegou ao Brasil, diferenciando-se este daquele que ocorreu com os primeiros luteranos, que compartilhavam uma mesma visão e denominação em termos teológicos.

composição populacional, os municípios. Bruno Stysinski preparou o *Esboço da História do Brasil*. Há também preocupação contínua com a formação do adulto. Por isso, impressiona o conteúdo da publicação de J. Juenemann compêndio para escolas complementares e noturnas bem como para a classe superior das escolas alemãs no Brasil. Neste livro há materiais sobre a história do Brasil, literatura brasileira, lendas, mitos indígenas, economia brasileira, cidadania, indústria, técnica, entre outros (DREHER, 2004).

²⁰ Os movimentos avivalistas no Brasil caracterizam-se por ter como principal objetivo a conversão do indivíduo ao protestantismo, através do convencimento de seu pecado, através da confrontação com o terrível juízo de Deus. Para tanto os sermões eram longos, veementes e emocionalistas, como ainda se vê nos dias atuais (MENDONÇA, 1995, p.198).

²¹ Para muitos, a pregação da salvação era urgente, deveria ser feita antes da segunda vinda de Cristo, no milênio, portanto (...) a empresa missionária, sem dúvida, tem como fulcro da sua atividade a doutrina arminiana do Infinito Amor de Deus e sua mercê para todos os homens, que só podia ser universalmente conhecida através da extensão das missões (MENDONÇA, 1995, p. 62).

No plano da tradição desse protestantismo de missões, percebe-se um diálogo com o Iluminismo²², e mesmo com o pietismo²³, contudo, a preocupação fundamental dos missionários recém-chegados no Brasil, em termos de educação, era com o analfabetismo, que constituía um empecilho para a evangelização e o aprendizado da doutrina calcada na leitura da palavra bíblica e nas matérias propagandísticas.

Por esse motivo, a supressão do atraso escolar e a instrumentalização das pessoas para a leitura do material propagandístico da religião constituiu a preocupação central desses grupos missionários, tendo eles elegido a educação como principal estratégia para o desenvolvimento da missão (MENDONÇA, 1991, p. 95).

Essa preocupação com o analfabetismo, com vistas à evangelização, gerou práticas em torno do desenvolvimento da leitura e da escrita, as quais mobilizaram outras capacidades: abstração, atenção, inferência, leituras em diferentes linguagens. Tais capacidades foram continuamente estimuladas em razão da própria liturgia do culto protestante, notadamente marcado pela pregação da palavra, pela hinologia, pela oração, pela freqüente solicitação e exposição dos fiéis ao mundo da leitura e da escrita.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a cultura letrada sempre esteve presente na prática protestante e a educação sempre ocupou um lugar relevante na sua história. Ou seja, educação e protestantismo sempre estiveram unidos.

Como o Iluminismo, o protestantismo viu na educação, desde os primórdios luteranos, um meio seguro para o surgimento de uma nova moral e de mudanças sociais. Era uma nova compreensão da educação, percebida como uma forma de melhoria da natureza humana. Para Martin Dreher (2004), o protestantismo luterano ou de missão mostrou-se, no Brasil, desde o princípio, como uma religião que educa não apenas para a fé mas também para a vida, embora inicialmente os missionários adotassem seus padrões culturais como modelo a serem seguidos pelos novos adeptos no Novo Mundo.

Segundo Ramalho (1976, p.58), apesar de não ter havido progressos expressivos nas missões protestantes, mesmo em relação aos grupos mais proselitistas – batistas metodistas e presbiterianos – em virtude de certa rejeição da sociedade nacional aos valores éticos não condizentes com a ideologia dominante, ampliaram-se as conversões ao protestantismo, atingindo famílias inteiras, inclusive intelectuais e membros da aristocracia. Essa expansão,

²² O Iluminismo, movimento cultural surgido na Europa, no século XVIII, valorizando a razão e as idéias progressistas, chegou aos Estados Unidos da América via Inglaterra, como a representação dos grandes ideais democráticos, apoiados nos argumentos intelectuais de Rousseau, Voltaire e John Locke. Para Mendonça (1991) as idéias iluministas se espalharam pela América, tendo como vítima principal a religião protestante.

²³ Para Mendonça (1995) o pietismo caracteriza-se por um pensamento religioso em prol da santificação pessoal,

segundo Emile Leonard (1963), justifica-se devido ao fato de essas famílias terem trazido consigo grande parte dos agregados e trabalhadores agrícolas que as cercavam. Tanto os agregados quanto os trabalhadores se sentiam atraídos pela religião protestante, face à grande importância que davam aos cânticos e à atmosfera afetuosa dos seus pequenos grupos e ao fato de terem a impressão de ascensão social enquanto adeptos da nova crença. Pensavam igualar-se com os “ilustres”, passando a constituir uma classe popular que contribuía para que as Igrejas Reformadas do Brasil imprimissem aos seus fiéis um caráter de igualdade social.

Essa disposição dos adeptos mais humildes parece, de certa forma, ter sido herdada pelos fiéis da contemporaneidade, que compartilham, nas diferentes vertentes do protestantismo atual, de uma situação de igualdade, que os distingue dos não adeptos, por enfatizarem os laços de similaridade que os une em grupos distintos. Embora a maioria das famílias pesquisadas seja oriunda de diferentes ondas do pentecostalismo, nota-se semelhança na disposição dos entrevistados com um conjunto mais amplo de evangélicos. O sentimento de pertença a um grupo organizado, com valores claros e definidos, é perceptível não apenas no discurso dos informantes, nas suas práticas pedagógicas, mas também na interpretação de suas ações expressas no gosto, no consumo, na forma de lazer, no estilo de vida observado no ambiente doméstico. Esse sentimento, fundamentado na ética cristã, veiculada nos ensinamentos bíblicos, pode ser percebido tanto internamente quanto externamente: internamente, pela segurança pessoal transmitida nos discursos dos informantes, pais e alunos e externamente, por meio das práticas sociais distintivas. Pode-se observar que essas práticas conferem certa singularidade educativa que diferencia as famílias evangélicas das demais, como se pode notar pelo discurso dos pais e educadores que participaram da pesquisa:

“Geralmente, eles (alunos protestantes) estão sempre juntos, dificilmente se envolvem com as confusões da classe.” (Professora de Português da 8ª série).

“Na reunião de pais e mestres, a gente percebe quando os pais são evangélicos pelo jeito de falar e de se comportar. Mesmo quando os filhos não vão muito bem na escola, esperam para serem atendidos, procuram ouvir e parece que estão sempre dispostos a ajudar.” (Professora de Geografia, da 5ª e da 8ª série).

“Acredito que os alunos vão mal porque a família deixa tudo para a escola resolver; os pais é que deveriam educar os seus filhos, e não deixar para os professores; escola é lugar de aprender, não para obter a educação que a família deveria dar.” (Pai de uma aluna da 7ª série).

No que diz respeito aos evangélicos pentecostais, manifestaram-se, primeiramente, no século XX, nos Estados Unidos, como um movimento dentro das igrejas metodistas e batistas já instituídas. Esse movimento evangélico se caracterizou pelo fato de a doutrina e a liturgia

envolvendo a negação do mundo; combatia nos seus adeptos o fumo, a dança, o jogo, a bebida etc.

acentuar a atuação do Espírito Santo, a cura de enfermidades e o dom de falar em línguas estranhas (glossolalia²⁴) como sinal visível do batismo pelo Espírito Santo. Para Rivera (2001, p.19), o pentecostalismo ressuscita práticas religiosas e mentalidades do cristianismo primitivo, buscando o êxtase espiritual no ideário místico veiculado nas Escrituras Sagradas.

Segundo Freston (1993), o pentecostalismo brasileiro resultou desse movimento que surgiu nos Estados Unidos em 1906, aqui chegando quando estava em sua infância. Dentre as igrejas pentecostais no Brasil, destacam-se a Congregação Cristã do Brasil, fundada em São Paulo por volta de 1910, e a Assembléia de Deus, fundada no ano seguinte, em Belém do Pará, por missionários suecos convertidos ao pentecostalismo nos Estados Unidos. Segundo o mesmo autor, essa fase do pentecostalismo no Brasil é denominada “pentecostalismo da primeira onda”, tomando-se como critério para essa classificação aspectos históricos institucionais, como as datas de fundação das respectivas igrejas (FRESTON apud MARIANO, 1999, p. 28).

Essa fase do pentecostalismo permaneceu estagnada por vinte ou trinta anos, até a década de 1950. Com a chegada de dois missionários norte-americanos da International Church of the Foursquare Gospel (Igreja do Evangelho Quadrangular), membros da Cruzada Nacional de Evangelização, em 1953, deu-se o início, segundo Mariano (1999, p.30), ao chamado “pentecostalismo da segunda onda”. Foi com esses missionários que se introduziu o evangelismo radiofônico, centrado na cura divina, fazendo surgir várias igrejas, como Brasil para Cristo (1955, São Paulo), Deus é Amor (1962, São Paulo) e Casa da Bênção (1964, Minas Gerais). Notadamente aceito pelas classes economicamente desprivilegiadas dessa época, o movimento pentecostal privilegia o sectarismo e o ascetismo, a leitura da palavra bíblica, a música e adota comportamentos mais rígidos do que os protestantes históricos.

As raízes do protestantismo, no entanto, permanecem nos meios pentecostais e nas suas declarações de fé, onde se encontram os princípios cristãos que caracterizam o protestantismo tradicional. Nota-se que sua variação está na ênfase doutrinária, distanciada de certa forma da transmissão que prescindiu, inicialmente, do estabelecimento de escolas, como fizeram as igrejas do protestantismo histórico (RAMALHO, 1976, p. 67). Segundo o mesmo autor, em razão da itinerância religiosa inaugurada pelo próprio sistema, que não visa objetivo a longo prazo, a educação religiosa no pentecostalismo é menos rigorosa, menos sistemática,

²⁴ Glossolalia é um fenômeno exclusivamente fonético que envolve todo o corpo, levando-o a movimentos descontrolados, que podem durar muitos minutos (RIVERA, 2001, p.265). O dom de falar em línguas estranhas remete ao episódio bíblico Atos 2, em que o Espírito Santo teria se manifestado aos apóstolos por meio de línguas de fogo, no quinquagésimo dia da ressurreição de Cristo. Representa uma marca distintiva do pentecostalismo.

se comparada aos sistemas de ensino do protestantismo tradicional. O trabalho de catequese do pentecostalismo está organizado nos centros de preparo teológico das próprias denominações, e o ensinamento da doutrina, quer nos cultos quer nas escolas dominicais, ou em organizações que se assemelham, acontece com uma sistematização própria, embora não distanciada dos princípios do protestantismo tradicional.

Ainda que a ênfase dessa vertente não seja na educação institucionalizada, como ocorre no protestantismo histórico, a transmissão e circulação de princípios doutrinários e ideológicos se inserem dentro de uma lógica midiática, que faz do rádio e da televisão recurso educacional de importância relevante no seu contexto, visto o espaço ocupado na mídia por esse segmento religioso.

A leitura do texto bíblico é a norteadora dos cultos e continua como prática no cotidiano do pentecostal, ainda que apresente diferenças, no âmbito das muitas denominações que constituem esse universo. Na trajetória do pentecostalismo, a socialização do conhecimento bíblico e a relação com o conhecimento socialmente construído vão se ampliando à medida que suas igrejas se conformam ao contexto social em que estão inseridas.

No Brasil, apesar de “ser a Bíblia o livro mestre dos pentecostais e haver grande empenho pela sua divulgação, a criação de escolas e seminários não acompanhou a expansão das igrejas pentecostais.” (OLIVEIRA, 1997, p. 82). Entretanto, contrariando a afirmação acima, observa-se, atualmente, nas Igrejas Pentecostais, uma rede de escolas dominicais. Verifica-se que a Assembléia de Deus²⁵, igreja pentecostal, desenvolve um forte programa de formação religiosa, a exemplo daquele presente nas igrejas do protestantismo histórico. A Assembléia de Deus conta com seminários teológicos, escolas dominicais que funcionam junto aos templos, programas de alfabetização, impressão e distribuição de material literário evangélico, material esse produzido e distribuído por diversas editoras próprias.

Outra denominação pentecostal é a Igreja Quadrangular que, assim como a Assembléia de Deus, apresenta, desde sua origem, programas de formação religiosa vinculados ao processo de aquisição da língua escrita. Suas escolas dominicais e seminários teológicos, que funcionam junto aos templos pentecostais, atestam essa nossa afirmação. No entanto, cabe ressaltar que não se percebe uma participação efetiva das Igrejas Pentecostais,

²⁵ A Assembléia de Deus é uma denominação pentecostal que se caracteriza por seu envolvimento com o ensino, não apenas do seu ideário, com a manutenção de escolas bíblicas e seminários, mas com programas de alfabetização, cursos por correspondência, publicação e divulgação, através de uma casa editora própria (CPAD), além de materiais escritos, visuais e audiovisuais, relacionados a temas de cunho teológico e social. O mesmo ocorre com a Igreja Quadrangular, que investe na Escola Dominical e na cultura de seus adeptos.

através de grandes estruturas educacionais, em relação à educação formal, quando comparadas ao protestantismo histórico.

Quanto ao neopentecostalismo, segundo Mariano (1999, p.32), classificado também como “pentecostalismo da terceira onda”, surgiu nos Estados Unidos, na década de 1970, com base nos princípios da Teologia da Prosperidade²⁶. Chega ao Brasil na mesma época, crescendo e fortalecendo-se nas décadas de 80 e 90. Por meio dessa classificação em "ondas", o autor procurou demonstrar que o surgimento dessas novas igrejas trazia mudanças no comportamento ético-social de seus adeptos, distinguindo-as das pentecostais anteriores, uma vez que abandonavam traços sectários, estereótipos de costumes e práticas ascéticas.

No que se refere ao neopentecostalismo, trata-se de um movimento que rompeu com o ascetismo de origem puritana²⁷, mostrando-se mais flexível à sociedade de consumo e à eficiência do marketing, diferindo dos movimentos que o antecederam, quanto à rigidez do comportamento pessoal e social de seus fiéis. Teologicamente, caracteriza-se por enfatizar a guerra espiritual contra o diabo, pregar e difundir a Teologia da Prosperidade e refutar os estereotipados usos e costumes da santidade, símbolo de conversão ao pentecostalismo. A principal divergência entre o neopentecostalismo e o pentecostalismo clássico está nas "suas consideráveis distinções de caráter doutrinário e comportamental, suas arrojadas formas de inserção social e seu *ethos* de afirmação no mundo.” (MARIANO, 1999, p. 37).

No Brasil, como representantes dessa nova ordem, destacam-se a Igreja Universal do Reino de Deus, a Sara Nossa Terra e a Igreja Renascer em Cristo as quais, com seus cultos lotados de fiéis, vão tecendo um estilo de vida, um jeito de ser e de viver, que aponta para *habitus* e estruturas, no mínimo instigantes, por reunirem fiéis de diversas camadas sociais.

Cumprido esclarecer, no entanto, que nem todas as características atribuídas ao pentecostalismo e ao neopentecostalismo estão presentes em todas as igrejas e movimentos.

²⁶ A teologia da Prosperidade é entendida como um conjunto de princípios que afirmam que o cristão verdadeiro tem o direito de obter a felicidade integral, e de exigi-la ainda durante a vida presente sobre a terra, bastando para isso que tenha confiança incondicional em Jesus. A Teologia da Prosperidade teve sua origem na década de 1940, nos Estados Unidos, com Kenneth Hagin (Texas/EUA, 1918), mas a efetiva introdução no meio evangélico se deu na década de 1970, com um forte cunho de auto-ajuda e de valorização do indivíduo, agregando crenças sobre cura, prosperidade e poder da fé pela confissão da "Palavra" em voz alta e "No Nome de Jesus" para recebimento das bênçãos almejadas.

²⁷ Puritanismo refere-se ao movimento religioso inglês do século XVI e XVII, nascido da determinação de tornar o cristianismo da Inglaterra o mais “puro” possível, praticado por uma igreja “purificada” de todo resíduo papista e de todo o oficialismo estatal, baseado numa doutrina absolutamente “pura” conforme a Sagrada Escritura – daí o nome. O termo “puritano” adquiriu uma conotação de excesso de moralismo, austeridade formalista e rigidez em matéria de usos e costumes, sobretudo em se tratando de comportamento sexual, contra toda a liberalidade nessa área, inclusive na maneira de vestir. Para Weber (2004, p.288), o termo engloba os movimentos do protestantismo ascético que floresceram na Inglaterra e nos Países Baixos entre os séculos XVI e XVII: congregacionistas, batistas, menonitas, quakers e independentes. Para Weber, portanto, o puritanismo é cria (nem sempre direta) do calvinismo.

Ainda que os dons do Espírito Santo ocupem lugar central, isso pode conduzir a práticas que diferem muito em intensidade, variando da emocionalidade dirigida até o êxtase ilimitado.

No que se refere à educação, o neopentecostalismo, embora com características distintas da sua matriz religiosa, o protestantismo tradicional não afasta a leitura do texto bíblico de suas práticas. Ainda que, priorizando o milagre, as expressões religiosas, as prédicas emocionais, os fenômenos e sinais externos sem grandes apelos ao intelecto, como o faz o protestantismo tradicional, não podemos ignorar que a leitura, o manuseio do texto bíblico, faz parte do cotidiano de seus seguidores.

Para Pierucci e Prandi (1996, p.25), “esses novos protestantes *made in Brazil*,” que parecem sempre à beira de um ataque definitivo de pós-protestantismo explícito, expressam uma diminuição pelo interesse da leitura da bíblia e pela condução metódica de vida. Não obstante esse procedimento, pudemos observar, em nosso trabalho, algumas características que nos estimulam a uma pesquisa posterior mais abrangente nesse aspecto, visto que percebemos que a leitura da Bíblia é uma prática incorporada nessas denominações. Todo culto implica a pregação da palavra bíblica, e os fiéis são sempre convidados a manusear a Bíblia Sagrada, a acompanhar a leitura da palavra, interpretá-la e tê-la como orientação de vida. Ressaltamos que a relação educação e neopentecostalismo, embora não nos pareça possuir a mesma sistemática e organização, quando comparados ao protestantismo histórico ou tradicional, como exemplo a ausência da Escola Dominical²⁸, caracteriza-se não só por

²⁸ A Escola Dominical é uma realidade no contexto do protestantismo histórico brasileiro e na maioria das denominações que compõem os seus desdobramentos. A Escola Dominical teve sua origem na Inglaterra em 1780, tendo por fundador o jornalista evangélico (episcopal) Robert Raikes. Inspirado pela compaixão que sentia ao ver as crianças de sua cidade entregues ao vício, ao abandono, sem qualquer orientação familiar ou espiritual, empreendeu um trabalho que já vinha desenvolvendo com os detentos de sua cidade. De acordo com Silva (1998), Raikes reunia, no templo, crianças da rua, de má fama e mau comportamento, para ensinar-lhes as Escrituras, como também princípios de linguagem, aritmética e instrução moral e cívica. A leitura, a recitação e o comentário dos versículos bíblicos constituíam-se base do ensino. Os resultados apareceram e as crianças transformavam-se e essas transformações atingiram as famílias, o que acabou gerando o apoio à Escola Bíblica Dominical, popularizando-se esta e estendendo-se aos adultos. A primeira Escola Dominical chegou, oficialmente, ao Brasil em 19 de Agosto de 1955, pelo casal escocês Robert Sarah P. Kalley. Inicialmente, Robert Kalley ministrou a palavra bíblica para cinco crianças, surgindo deste trabalho a Igreja Congregacional do Brasil, fenômeno que se repete até hoje, uma vez que inúmeras Igrejas tem surgido de trabalhos evangélicos com crianças. A Escola Dominical, durante muito tempo foi destinada somente para crianças, mas hoje é uma escola bíblica ao alcance de toda a comunidade evangélica local, destinada a todas as idades e classes, da criança na mais tenra idade ao ancião. Tomando como referência igrejas protestantes tradicionais e pentecostais, a Escola Dominical funciona com regularidade todos os domingos, cuida não apenas da formação espiritual do crente, mas dos costumes, da formação do caráter, da cidadania.

A educação desenvolvida nas Escolas Dominicais, embora tenha se apropriado de práticas pedagógicas e metodologias pertinentes à educação institucional formalizada, tem como principal objetivo educar para uma conformação religiosa, com intenções e conteúdos que são específicos da Igreja, conforme a ideologia do próprio protestantismo. Não como parte, mas como sendo a própria Igreja que ministra o ensino bíblico, a Escola Dominical expressa a ideologia do protestantismo histórico e manifesta, através de suas práticas educativas, princípios norteadores da denominação representada.

possuir outras modalidades de ensino que contemplam o estudo bíblico mas também por contar com programas voltados ao conhecimento formal.

Podemos reconhecer em algumas denominações neopentecostais, como por exemplo na Igreja Universal do Reino de Deus e na Renascer em Cristo, programas de formação religiosa, cujas modalidades de ensino, como se verifica em relação ao curso para formação de pastores e líderes, apresentam características próprias. Nessas igrejas, relacionados à educação formal, ainda podemos identificar práticas voltadas à alfabetização de adultos, às artes, à música²⁹, à língua estrangeira, além de outras relacionadas à capacitação profissional, todas presentes no programa de suas atividades comunitárias.

A recente parceria dessas igrejas com o governo, no Projeto Brasil Alfabetizado, tem demonstrado a participação desse segmento religioso no campo da educação formal. Não obstante a participação dessas igrejas nesse projeto, não nos é possível afirmar, a existência de instituições formais de origem neopentecostal destinadas ao ensino regular, tendo em vista se tratar de assunto que extrapola os objetivos desta pesquisa.

Para os interesses de nossa pesquisa, é possível identificar, na maioria dos desdobramentos protestantes, práticas relacionadas à leitura, à música, ao ensino e aprendizado da doutrina, através da escola dominical ou de derivações desta as quais se repetem tanto nas igrejas tradicionais quanto nas pentecostais e neopentecostais. Vale ressaltar também que as práticas religiosas protestantes, consideradas nas suas diversas vertentes, se caracterizam por certa regularidade e freqüência, o que demanda do fiel uma postura ascética, disciplinada e submissa às autoridades e à hierarquia religiosa.

Apesar das diferenças e especificidades características das várias vertentes da religião protestante, eventos como a *Marcha para Jesus*, em 2005, reuniu mais de dois milhões de pessoas, contando com a presença de representantes oficiais de mais 800 igrejas. Entre elas destacamos as igrejas históricas (representadas pelos presbiterianos e batistas) as pentecostais, como Assembléia de Deus e O Brasil para Cristo, e as neopentecostais, como Renascer em Cristo e Quadrangular, cuja presença no referido evento denota certa unicidade em termos de valores e princípios vigentes no contexto de suas práticas.

²⁹ Na trajetória do protestantismo e na maioria de seus desdobramentos a música ocupou lugar nas suas práticas religiosas, apresentando-se em estilos variados, indo desde hinos tradicionais a músicas populares. Todos cantam os cânticos que trazem a palavra bíblica no seu texto, além de uma grande parte das famílias investirem no aprendizado de algum instrumento musical pelos seus filhos.

4 OS SUJEITOS DA PESQUISA: IDENTIFICAÇÃO DE DIMENSÕES DO *HABITUS* FAMILIAR

O objetivo deste capítulo é identificar os elementos constitutivos do *habitus* do grupo por nós investigado, a partir da caracterização dos sujeitos da pesquisa. Para tanto usaremos como suporte o conjunto dos dados obtidos nas entrevistas e a literatura relacionada às vertentes protestantes dos investigados.

Dada a impossibilidade de trabalharmos todas as dimensões constitutivas dos *habitus* de nossos entrevistados, limitaremos aqui nossa exposição aos aspectos que julgamos pertinentes aos nossos objetivos, conforme mencionados a seguir. Isso posto, iniciaremos nossa exposição pela contextualização dessas famílias, enfocando o espaço físico em que habitam, a sua origem social e respectiva formação escolar, o trabalho e a religião enquanto dimensões para elas relevantes, para em seguida, realizar uma abordagem sobre o seu estilo de vida, relacionada ao seu comportamento moral e cultural.

4.1 ESPAÇO FÍSICO

No que se refere à pesquisa de campo, esta foi empreendida, conforme consta no Capítulo I, com alunos protestantes de uma escola municipal da Zona Leste de São Paulo e com suas famílias, moradoras do bairro de Sapopemba. Trata-se de uma região periférica marcada por profundos contrastes. Coexistem, nas imediações da escola, um aglomerado de casas antigas ao lado de muitas residências e edifícios de alto padrão. Na realidade de um bairro em expansão, as casas antigas vêm se transformando em moradias conhecidas como “casas de quintal” ou “cortiços”, à espera de investidores imobiliários, contrapondo-se a construções de grande porte, tais como o Shopping Center Anália Franco, o Estádio do Trabalhador, algumas universidades e os renomados colégios particulares. Diante do contraste dessas realidades contíguas, a população local pensa o bairro como um espaço intermediário, um bolsão, onde o desenvolvimento socioeconômico e a pobreza moram lado a lado.

Nesse contexto, em relação aos nossos entrevistados, alguns são inquilinos que moram em casas de fundo quintal, em terrenos habitados por várias famílias, vivendo cada uma delas em dois ou três cômodos, num espaço de infra-estrutura precária. Dividem instalações sanitárias, água, luz, e áreas de circulação, sem gozarem de privacidade. Outros vivem em casas alugadas, em terrenos com apenas duas ou três moradias, e poucos habitam em casa própria, em “permanente” fase de construção.

No geral, as famílias residem nas proximidades da escola, num espaço que ainda se caracteriza por diferenças em termos de construções destinadas à moradia. Ao lado de edifícios recém-construídos reservados às camadas médias, em continuidade ao desenvolvimento do bairro vizinho, encontram-se construções simples e antigas, num espaço com muitas casas ocupadas pelo comércio de produtos populares e por diversas agências bancárias. Ao longo da avenida principal que corta o bairro, encontram-se bares, pequenos mercados, bazares, papelarias, padarias, brechós e uma grande variedade de instituições religiosas, como igrejas protestantes, católicas, centros espíritas kardecistas e umbandistas, além de representações religiosas orientais.

Povoado originalmente por migrantes, o bairro é formado por uma população heterogênea, constituída de habitantes oriundos das diversas regiões do país. Atualmente, predominam nele nordestinos, segundo informações obtidas no Plano Escolar da escola. Entretanto, a maioria das crianças matriculadas na escola são nascidas em São Paulo. Ainda de acordo com o Plano Escolar, em razão do nível baixo socioeconômico e cultural detectado em estudo realizado pelos professores, a comunidade é caracterizada como fração social das camadas populares.

4.2 ORIGEM SOCIAL E FORMAÇÃO ESCOLAR

Para o interesse deste estudo, cabe destacar que, entre as famílias evangélicas pesquisadas³⁰, as protestantes tradicionais e pentecostais predominam em número e possuem maior tempo de conversão ou de vivência na prática religiosa. Esse fato justifica uma tendência em respostas teoricamente compatíveis com as orientações dessas vertentes religiosas. Ao compararmos o resultado das entrevistas, verificamos com maior facilidade a coerência existente entre as respostas dessas famílias o que não ocorreu com aquelas das neopentecostais, que contam com menor tempo de conversão. No entanto, a diferença observada nas respostas não nos parece significativa no que diz respeito à disposição para um comportamento ascético em relação à conduta de vida. Quanto às práticas religiosas, os primeiros informantes se mostram mais afeitos à racionalidade característica da vertente religiosa a que pertencem, enquanto os segundos mantêm com a religião uma relação mais

³⁰ O total da amostra corresponde a quatorze famílias, entre protestantes tradicionais, pentecostais e neopentecostais. Deste total temos 11 famílias pentecostais (7 com 12 anos de conversão; 04 representantes de segunda geração), 01 família protestante tradicional e 02 famílias neopentecostais com cinco a oito anos de conversão.

"mágica", entendendo-se mágica como uma racionalidade prática. Nesse sentido, é importante salientar que a caracterização da maioria dos entrevistados reflete uma mistura de comportamentos que expressa uma única tendência.

Em se tratando da faixa etária dos pais dos alunos selecionados, observamos que ela varia entre 30 a 40 anos de idade. Do total dos pais dessas famílias, 84,7% são casados e continuam juntos e 15,3% vivem separados. Considera-se esta uma informação relevante, devido ao nível de estabilidade que caracteriza o modo de vida das pessoas, pois esses resultados evidenciam que o modelo de família nuclear predomina no grupo. Essa conclusão, entretanto, não exclui outros arranjos³¹ domésticos do tipo mãe e filhos, também existentes nessas famílias. Pode-se adiantar que a organização familiar, a partir das relações de autoridade e poder, representa também elemento básico de ordenação e estilo de vida dos entrevistados, considerando que a maior parte deles reconhece o papel de cada um, no ambiente doméstico:

“Aqui em casa cada um sabe o seu lugar, até porque a igreja ensina e fala muito sobre a obediência dos filhos aos pais, o papel da esposa como ajudadora do marido e do homem como o sacerdote do lar. Cada um sabe os seus direitos, os seus deveres”
(Mãe de uma aluna, esposa de um pai pastor da Assembléia de Deus).

Em relação à formação escolar, *grosso modo*, é possível reconhecer que o estudo é um ideal que norteia os projetos de vida das famílias investigadas. Tomando a educação básica³² como referência para nossa análise, é possível identificar na trajetória de vida dos pais, através do discurso manifestado, situações econômico-sociais responsáveis por uma formação escolar incompleta. Pode-se perceber que grande parte dos casais dessas famílias provém de uma origem social humilde, tendo se afastado dos estudos para ingressar, ainda adolescentes, no mercado de trabalho. Assim sendo, ainda que os dados afirmem que os pais têm maior nível de escolaridade, verifica-se que, dentre eles, a maior parte (oito) só completou o ensino fundamental; três, o ensino médio e quanto ao ensino superior, apenas três tiveram oportunidade de concluí-lo. Em relação às mães, nove concluíram o ensino fundamental e cinco, o ensino médio. Nenhuma delas teve acesso aos cursos de ensino superior, embora duas já estejam se preparando para tal realização.

³¹ Arranjos familiares do tipo nuclear, marido, esposa e filhos predomina na maior parte da amostra, cerca de 72%. Ao lado dessa organização familiar, um outro arranjo focado mãe e os filhos, em decorrência da separação do casal foi registrado em 28,57% da amostra.

³² De acordo com a LDB 9394/97 a Educação Básica no Brasil compreende a educação infantil (duração), o ensino fundamental, com duração de oito anos e ensino médio com duração de três anos.

A maioria dos pais estudou em escola pública, dois deles concluíram o ensino médio no seminário teológico da igreja protestante e outros dois frequentaram o curso superior em instituições privadas. Ainda no que diz respeito à escolaridade, observa-se um interesse em ampliá-la: um dos pais está se preparando para cursar o ensino superior em Teologia e duas mães estão completando a educação básica, na expectativa de cursar o ensino superior. Essa preocupação com os estudos parece estar associada, prioritariamente, à demanda de certificação para o mundo do trabalho ou à mobilidade e prestígio dentro do contexto religioso. Devido à origem social humilde, os pais das famílias protestantes entrevistadas parecem considerar que o ensino escolarizado é o meio mais eficaz para se conquistar uma melhor qualificação, tanto para se colocarem no mercado de trabalho quanto para se situarem na vida em sociedade:

“Estou estudando porque trabalho como copeira numa universidade e apareceu a oportunidade para melhorar dentro da empresa. Vou completar o ensino médio, aqui na escola estadual, à noite, e depois fazer algum curso superior. Lá, onde trabalho, funcionários têm bolsa integral para estudar.” (Mãe de aluna).

“Sempre gostei de estudar; agora, este ano que passou, completei o ensino médio. O ano que vem vou prestar vestibular para cursar Teologia. É uma área que gosto muito, além do que é necessário saber sempre mais, como pastor da Igreja”. (Pastor e pai de aluna)

“Estou completando o ensino médio, estudo na mesma escola do Pastor. Sempre gostei de estudar, só não terminei os estudos porque tive que trabalhar muito cedo. Agora, apareceu à oportunidade, voltei. Se a gente não estudar, fica difícil arrumar um emprego melhor. Pra tudo eles exigem o ensino médio.” (Mãe de aluno).

Este modo de pensar justifica a dedicação e o empenho dispensados pelos pais para que os filhos estudem. Desejam, dessa forma, poder assegurar para sua prole a conquista de um capital cultural do qual eles, pais, se acham desprovidos.³³

4.3 TRABALHO E RELIGIÃO

Caracterizado o espaço físico de habitação e definido o perfil das famílias pesquisadas, voltaremos nossa atenção para algumas disposições das famílias protestantes em causa, com o objetivo de observar duas dimensões importantes: trabalho e religião.

Em relação ao trabalho, este parece ocupar lugar especial na trajetória da vida dos entrevistados, idéia que se mostra associada à dignidade da pessoa e a uma “vocação divina” e

³³ Para Bourdieu (2004a) o conceito de capital cultural explicita um novo recurso social, fonte de distinção e poder em sociedades em que a posse deste recurso é privilégio de poucos.

que surge como prática necessária, tanto para responder às demandas sociais quanto para cumprir a vocação indissociável da fé professada.

No que se refere à inserção no mercado de trabalho, os entrevistados revelam uma condição de inclusão satisfatória. Contudo, a maioria dos pais pesquisados se dedica a atividades manuais, face às oportunidades que se lhes ofereceram no momento do ingresso nesse mercado. Não se verificou nenhum caso em que a atividade por eles exercida decorresse de vocação ou de livre escolha. Nessas condições, os pais se ocupam profissionalmente, conforme segue:

- quatro deles exercem o ofício de metalúrgicos, sendo que três trabalham numa mesma empresa;
- um é formado em economia e mantém uma confecção própria de fabricação de bolsas e sacolas;
- um trabalha com bordados, juntamente com a família, em oficina própria;
- um é professor e leciona artes plásticas na universidade;
- um é administrador e proprietário de um escritório de contabilidade;
- um é mecânico e frentista de posto e
- um é vendedor de produtos industriais.

Cabe informar que quatro pais, dentre os entrevistados, não nos informaram a respeito das atividades que exercem.

Como se pode observar, esses pais, na sua grande maioria são assalariados. Apenas três famílias se dedicam a seu próprio negócio, envolvendo pais e filhos. Quanto ao trabalho voluntário destinado a prestar serviços na Igreja, apenas quatro entrevistados conseguem fazê-lo rotineiramente, após a jornada diária de suas atividades ou em dias de descanso, enquanto os demais apenas participam dos cultos, numa média de duas a três vezes por semana.

Em relação às mães, a participação da maioria delas no mercado de trabalho, seja ele formal ou informal, constitui uma prática comum. Marcam sua presença não somente em serviços assalariados, pois as vemos colaborando nos negócios da própria família.

Entre as mães entrevistadas, verificamos que cinco prestam serviço como faxineiras ou copeiras, três trabalham em confecção de costura e/ou bordado (duas, em oficina iniciada por elas, onde hoje trabalham também marido e filhos). Quanto às demais, exercem outras funções, como as de cabeleireira, atendente em hospital, professora voluntária, vendedoras e prestadoras de serviços artesanais diversos. Observa-se, entre essas profissionais, certa semelhança entre a ocupação exercida fora do lar e as atividades domésticas cotidianas.

Em geral, essas mães trabalham em tempo integral, reservando o período da noite ou os finais de semana para as tarefas domésticas. Apenas algumas delas mantêm atividades em regime de jornada parcial, cumprindo as tarefas do lar sem muito sacrifício. Outras acumulam atividades fora do âmbito familiar, chegando a cumprir uma jornada de doze a dezesseis horas de trabalho por dia, envolvidas em serviços diversos. Dedicam ainda o tempo livre aos compromissos com a igreja.

Uma grande parte dessas mães se dedica ao trabalho voluntário, atuando de acordo com as diferentes necessidades da igreja, em diversas frentes de trabalho. Esse voluntariado se acrescenta à participação em cultos, vigílias, grupos de oração, visitas a enfermos hospitalizados, eventos para grandes públicos, shows musicais e demais atividades relacionadas à obra religiosa. Ressalte-se que a presença aos cultos se dá de três a quatro vezes por semana.

Para que as mães possam desempenhar suas tarefas, quer no ambiente doméstico quer fora dele, em suas profissões e/ou na igreja, a maioria das famílias entrevistadas declara que tanto os pais quanto os filhos participam das obrigações relativas ao ambiente familiar. De um modo geral, o apoio dos pais, nesses casos, consiste em ajudar no cuidado com os filhos, encarregando-se das compras nos supermercados ou em participar no preparo das refeições ou até mesmo nos serviços de limpeza da casa. Em relação aos afazeres domésticos, essas mulheres contam ainda com a colaboração dos filhos mais velhos que, durante suas ausências, passam a ocupar-lhes o lugar. Normalmente, os primogênitos são estimulados, desde tenra idade, aos afazeres da casa, entendidos em sua totalidade, da arrumação aos cuidados com os irmãos mais novos, incluindo-se aí o controle desses quanto à realização dos deveres escolares. Entre os adolescentes das famílias entrevistadas, observamos que cinco deles exercem atividades que auxiliam na economia familiar, além de se dedicarem às obrigações mencionadas. Note-se que o trabalho realizado na oficina de costura dos pais ou no escritório da família não é diretamente remunerado por se tratar, segundo eles, de uma contribuição familiar. Esses jovens atuam tanto como ajudantes de serviços gerais junto aos pais ou quanto em favor de terceiros³⁴.

Vale ressaltar, que a maioria dos filhos adolescentes que trabalha o faz de modo a não prejudicar os estudos, visto que estes têm prioridade para as famílias pesquisadas.

³⁴ Dos adolescentes que trabalham com algum rendimento para a família, temos 03 deles trabalhando na oficina de costura dos pais; 01 ajudando no escritório da família; 02 adolescentes do sexo feminino trabalhando em confecção de bijuterias.

O trabalho, na opinião da maioria dessas famílias, parece representar uma forma de se afirmarem perante a sociedade, particularmente em relação à igreja. Entendem que ele não está apenas relacionado ao rendimento econômico mas que confere dignidade, respeitabilidade, prestígio e honra entre os parceiros:

Estar trabalhando é a melhor coisa do mundo, o homem sem trabalho, quando está assim, fica até meio sem jeito de dar opinião. (Pai de uma aluna desempregado, em razão doença recente).

Essa idéia de trabalho, alinhada a uma visão ascética mais viável de conquista da dignidade, remete aos valores do protestantismo tradicional calvinista. Entretanto, foi-nos possível perceber alguns posicionamentos mais próximos de uma idéia de trabalho voltado para a obtenção do lucro nos negócios e para a conseqüente participação do indivíduo na sociedade de consumo.

Tornou-se visível a valorização do trabalho entre as famílias pesquisadas. Consideram que o gosto pelo trabalho é estimulado nos filhos, através do exemplo dos pais. Trata-se de uma forma de transmissão de um *ethos*, que se expressa através da educação inculcada no âmbito doméstico e religioso. Pelo fato de esses pais alimentarem o sonho de que os filhos venham a exercer uma profissão liberal, tenham o seu próprio negócio, ou consigam uma boa colocação em empresa privada ou pública, acreditamos ser esta uma das molas propulsoras do investimento pedagógico na trajetória escolar de seus filhos.

Conforme visto, a maioria das famílias tem uma origem social humilde, cujos pais e ascendentes, avós paternos e maternos, ocupam posições de pouca qualificação e baixa remuneração. Devido a essa origem, vêm na instrução escolar um instrumento essencial para a qualificação profissional e conseqüente ascensão intergeracional. Para eles, o trabalho representa uma dimensão necessária e determinante na vida social e religiosa do cristão protestante: (...) *no Senhor vosso trabalho não é vão* (BIBLIA SAGRADA, N.T. Mateus, 15:28).

Durante as entrevistas, nas conversas informais ou nas práticas relatadas pelos informantes, percebe-se uma ênfase na importância da religião enquanto orientadora da conduta do grupo.

A maioria das famílias vive num contexto religioso cuja origem histórica se deve a uma disposição em termos de um comportamento ascético em relação aos bens deste mundo. Essa herança ascética, ainda que matizada, é uma característica dos “desdobramentos” do protestantismo contemporâneo, dentre eles o pentecostalismo, filiação da quase totalidade dos entrevistados. Grande parte das famílias pentecostais pesquisadas afirma que procura pautar seu modo de ser e de viver pelos ensinamentos religiosos, basicamente orientados para uma

vida sem prazeres mundanos³⁵, virtuosa, dedicada ao trabalho, à religião e aos estudos, discurso este que busca expressar uma moral de contenção aos prazeres da matéria:

“Às vezes saímos para uma lanchonete, outras vezes pedimos uma pizza em casa; sempre procuramos fazer passeio com as crianças que eram instrutivos, que ensinava alguma coisa. (...) os nossos filhos estão sempre envolvidos com programas da igreja, não são de ficar fora de casa com amigos até de madrugada, como vemos os pais reclamarem dos filhos, barzinho, danceteria, balada, graças a Deus, nunca se quer chegaram pedir permissão para conhecer”.

O código de ética vivenciado por essas famílias parece provocar uma disposição de segregação do mundo profano e interferir de forma preponderante nos diferentes campos de atuação em que o adepto circula como, por exemplo, o trabalho, a escola, a família, a própria Igreja, bem como nos espaços de lazer e cultura. Pelos depoimentos dos informantes é possível perceber uma sintonia entre os esquemas de comportamento apreendidos na Igreja e a prática disciplinadora vivida no ambiente familiar, a qual tem sua continuidade na demanda do universo escolar e do mundo do trabalho.

O espaço de circulação dessas famílias, fortemente vinculado à filiação religiosa, julgamos estar circunscrito às sociabilidades de um campo³⁶ de atuação, que tende a potencializar as representações sociais e inscrever possíveis procedimentos e atitudes, quanto ao que devem ou não devem fazer os sujeitos a ele subordinados.

A propósito deste argumento, acreditamos que o aprendizado desenvolvido no ambiente religioso protestante propicia ao seu portador certo distanciamento em relação a aspectos de consumo cultural valorizados pela sociedade. Dito de outra forma, devido aos reduzidos recursos econômicos, que de certa forma limitam a possibilidade de acesso das famílias aos bens de consumo e aos diferentes espaços sociais e culturais da sociedade, a concepção religiosa parece ajudar a ajustar socialmente essas famílias, desqualificando algumas práticas culturais e comportamentais³⁷, por não serem avalizadas pela igreja. Nesse

³⁵ Os prazeres mundanos, aqui entendidos como os bíblicamente citados: vícios do fumo, álcool, glotonaria, prostituição, sexo fora do casamento, corrupção, mentira, adultério, preguiça.

³⁶ O campo, enquanto uma categoria central na obra de Pierre Bourdieu (2003 a) representa um espaço social de dominação e de luta, em que seus agentes partilham um conjunto e interesses fundamentais, mais fortes que os antagonismos que possam ter.

³⁷ Percebe-se uma restrição em relação à cultura profana, desvinculada ou que de certa forma revela insubmissão aos preceitos divinos, ensinados na Igreja, como, por exemplo, filmes, programas, peças de teatro, exposição de arte, movimentos e expressões culturais que tratam de assuntos relacionados à sexualidade do ponto de vista erótico, crenças e práticas de outras culturas, como por exemplo, festa junina, dia das bruxas, festa do Divino, *parada gay*, carnaval. Em relação ao comportamento social fica evidente o respeito às hierarquias, a obediência e submissão à autoridade, o que lhes parece conferir dignidade, e o que de certa forma denota superioridade em relação aos que assim não agem.

sentido, o discurso de alguns deles revela certa dignidade e superioridade em relação aos que se comportam de forma consumista. Como diria Bourdieu, nesse caso, a necessidade se torna virtude.

Com base nessas informações, acreditamos ser correto afirmar que o princípio orientador da vida da maioria dessas famílias é a moral religiosa. Através dela, impõe-se, por um lado, um estilo de vida afinado com as exigências ascéticas controladas por essa moral e por outro, certa restrição a espaços de relações mais complexas.

A julgar pelo discurso da maioria dos entrevistados, o volume de capital cultural e econômico não se constitui parte central do patrimônio das famílias investigadas, em virtude do tipo de ocupação e do nível de instrução dos pais. Para eles é o investimento moral que se apresenta como traço disposicional compensatório desse deficit de capital. Baseados nesses dados, é lícito concluirmos pela existência de um capital econômico e cultural modesto, em relação ao capital moral.

Conseguimos verificar, em relação a nossos entrevistados, que, consoante com o que acabamos de afirmar, a maior parte da ação socializadora da família se concentra no aspecto normatizante da conduta dos seus filhos, o que se traduz na valorização do bom comportamento, do respeito às autoridades e à disciplina. A organização doméstica refletida na regularidade do cumprimento das atividades e afazeres domésticos, bem como nos demais compromissos profissionais, escolares e religiosos revela o investimento das famílias na construção de um *habitus*, alinhado às expectativas de um comportamento social adequado às demandas da sociedade moderna. Enfatizamos que essas disposições são percebidas pelo discurso dos informantes através da exposição das práticas domésticas e religiosas, estas últimas notadamente expressas por ações planificadoras que remetem a uma ascese individual e coletiva. Assim, a docilidade, a submissão, a obediência podem ser vistas como recursos, uma forma de capital, os quais recorrentes no universo familiar se constituem em estratégias que, no contexto da sociedade moderna, interessam tanto ao mundo do trabalho quanto às demandas do universo escolar.

Pudemos detectar que, de acordo com a maioria das famílias, o investimento moral no âmbito da disciplina, da obediência, da atenção e da docilidade, em relação às autoridades constituídas, acaba gerando disposições favoráveis à adaptação ao mundo escolar, compensando aspectos relacionados às lacunas relativas ao conhecimento da cultura dominante. Um outro ponto a destacar, que passa pelo investimento moral, é o controle doméstico em relação à regularidade e frequência, tanto na escola dominical quanto nos eventos religiosos, que têm na leitura e na escrita o seu principal instrumento mobilizador.

Nesse sentido, escola e religião contribuem para promover o domínio da língua culta e a incorporação de elementos constitutivos do capital cultural.

Em relação ao capital econômico, Lahire (1997, p.24) observa que, embora as condições econômicas de existência sejam necessárias, seguramente não são suficientes para justificar disposições ou comportamentos favoráveis a um bom desempenho escolar. Ainda na visão desse autor, a ordem material, afetiva e moral no âmbito doméstico podem desempenhar um papel importante na atitude da criança em relação à escola. Assim, os pais exercem um controle simultâneo sobre os comportamentos escolares e religiosos dos filhos de modo a assegurar as tarefas, tanto referentes à escola dominical quanto à secular.

De certa forma é como se a ordem moral familiar estivesse assentada na autoridade e na disciplina estimulada pelo universo familiar e complementada pela vida religiosa, o que se pode traduzir em um *ethos* muito coerente colocado em prática em um estilo de vida, num modo recorrente e sistemático de fazer e de ser.

Nesse sentido acrescenta Lahire (1997, p.26) que a ordem moral doméstica que é indissociavelmente uma ordem mental implica em comportamentos adequados do ponto de vista escolar. Ainda na concepção do autor, o aluno que vive inserido num cotidiano ordenado desenvolve, sem o perceber, métodos de organização e estruturas cognitivas ordenadas e predispostas a funcionar como estruturas de ordenação do mundo.

Como pudemos observar, apesar das especificidades das vertentes do protestantismo a que as famílias pesquisadas pertencem, evidenciou-se que, assim como o trabalho, a prática religiosa dessas famílias constitui uma das ancoras principais no processo dos vínculos de pertencimento ao mundo social. É preciso, entretanto, enfatizar que a religião se apresentou como elemento preponderante do *ethos* cultural dos entrevistados, articulando aspectos morais e éticos do grupo e estabelecendo uma estreita relação entre duas dimensões importantes, o trabalho e a religião. Acrescente-se que, para os entrevistados, essa relação se sustenta com base na escolaridade, como veremos no capítulo a seguir.

4.4 ESTILO DE VIDA

Conforme, Bourdieu (1972 apud ORTIZ, 1983, p.83) o estilo de vida diz respeito ao gosto, entendido como um conjunto de preferências que distinguem os diversos grupos sociais e está na base das escolhas, tanto em termos de consumo de bens materiais quanto no que se refere às práticas culturais. Para esse mesmo autor (1983, p. 97), o gosto não é apenas resultado das condições de existência, mas é o produto de uma educação cultural, que pode

ser adquirida, tanto no seio da família, desde a primeira infância, quanto através do sistema de ensino formal e de suas variantes. Conforme temos observado, a religião é uma das dimensões com forte ascendência sobre as famílias investigadas, motivo pelo qual se torna relevante, para o este trabalho, verificar sua influência no consumo de bens materiais e culturais que definem as escolhas do grupo pesquisado e definir-lhe o perfil.

A análise desses bens, a qual apresentaremos a seguir, objetiva explicitar as práticas que caracterizam o perfil cultural do grupo e estabelecer suas possíveis correlações com outras esferas de ação familiar, particularmente, no que se refere à educação escolar e religiosa.

Assim determinados, voltaremos nossa atenção para o consumo, com vistas não apenas nos bens materiais como alimentação, vestuário, decoração dos interiores das moradias mas também nos bens culturais como a literatura, especialmente, a leitura de textos bíblicos e a de livros, revistas, jornais, e no lazer como programas de rádio, televisão, interesse por CDs, cinema, práticas esportivas, música, viagens e contato com obras de arte: visitas a exposições e museus.

Em relação à alimentação, tanto a forma de praticá-la como as escolhas parecem estar relacionadas à origem social familiar. Apesar da extensa jornada diária de trabalho e das atividades voltadas para a prática religiosa, um fato que chama atenção é a preocupação das famílias e o extremo cuidado que revelam quanto ao horário das refeições em suas residências. Os entrevistados acreditam que as refeições devem ser partilhadas por todos os membros da família, a fim de que se fortaleçam os laços espirituais entre eles, criando assim um clima de fraternidade e de legitimação dos papéis na hierarquia familiar. Essa é uma prática da qual os entrevistados, na sua quase totalidade, afirmam não “abrirem mão”, com base no princípio da própria ética cristã, que prevê no ato de compartilhar as refeições uma aliança de fraternidade entre os homens. Para levar adiante essa conduta, os informantes procuram superar algumas dificuldades como, por exemplo, as impostas pelos meios de comunicação de massa. A maioria dessas pessoas não desconsidera a presença das mídias como forte concorrente à reunião da família à mesa, visto que a sedução de sua programação entre as crianças e adolescentes é bastante significativa.

Observa-se também, pelo discurso dos entrevistados, um extremo cuidado com a dieta familiar, tanto do ponto de vista da qualidade quanto do ponto de vista econômico. Para eles um cardápio simples é essencial para uma alimentação saudável e digna. Não deve faltar o arroz, o feijão, a carne, as verduras, o leite e as frutas. A dieta assim constituída representa uma provisão necessária e a maior parte dos entrevistados declara empreender um desmedido esforço para que esse abastecimento não falte à família. Depreende-se das entrevistas que o

consumo alimentar é exaustivamente orientado para que não ocorra desperdício, nem glotonaria. Essa procedimento se deve a práticas vinculadas tanto à influência da dimensão religiosa³⁸, com seus valores e crenças sobre o *habitus* alimentar, quanto aos recursos financeiros, enquanto limitadores da aquisição desses bens.

No que diz respeito ao vestuário, observa-se que, ainda que a dimensão econômica seja relevante, o gosto em relação à indumentária está fortemente vinculado à prática religiosa e pode ser percebido através da apresentação pessoal, tanto dos entrevistados quanto dos alunos. Além da preferência por roupas simples, percebe-se certa rejeição ao vulgar e uma preferência ao sóbrio, ou seja, ao discreto. Apenas uma das informantes, dentre as pentecostais, apresentou-se de modo despojado, na ocasião da entrevista, em razão de esta estar acontecendo no horário de seu expediente de trabalho.

Vestir-se com certo decoro, na opinião de grande parte dos informantes, representa uma referência que enfatiza uma distinção entre eles e os que não participam da mesma crença. Porém, em se tratando das famílias recém-convertidas ou pertencentes ao neopentecostalismo, Igreja Universal do Reino de Deus, não se confirmou tal posicionamento. Essa diferença, segundo declaração dos informantes, se deve ao fato de essa igreja não impor normas para o vestuário dos fiéis, impondo-as somente para os trabalhadores da hierarquia da própria igreja (pastores se distinguem por usar terno e gravata, obreiras e os demais, uniformes).

Quanto à decoração dos interiores das moradias, também se encontra limitada pelo poder econômico-social. A maior parte dos entrevistados dispõe de mobiliário simples, constituído por poucas peças, dando a idéia de que os móveis foram sendo adquiridos à medida da necessidade. Nota-se, contudo, no ambiente familiar, a preocupação com higiene e com a ordem. Tudo se apresenta muito limpo e organizado. Fazemos exceção a duas famílias, que se vêm prejudicadas em termos de organização, por manterem, no espaço doméstico, uma oficina de trabalho (costura e artesanato) num dos cômodos da casa. Esse mesmo espaço funciona como quarto durante a noite e como sala de visitas e oficina de trabalho no restante do tempo.

Em relação ao consumo de bens culturais, a maior parte das famílias caracteriza-se por consumir produtos voltados para o grande público, ou seja, para a cultura de massa – livros,

³⁸ O jejum é uma prática muito citada entre os protestantes. Retirar um alimento do cardápio como um exercício de autocontrole da vontade e de oferta ao Senhor é uma prática que encontramos no discurso de algumas famílias entrevistadas. Como exemplo: retiram do cardápio por algum tempo o refrigerante, o café, doces, algo que lhes dê prazer. Não fazem referência às crianças, contudo uma mãe afirma que quando ela faz jejum de refrigerante o consumo na família diminui, em razão de que é ela quem faz as compras.

revistas, rádio, televisão, CDs, com forte apelo comercial e econômico. Apesar dessa tendência, o consumo desses mesmos produtos, mas de cunho religioso, se mostra bastante significativo³⁹.

Constatamos que a maior parte das famílias, embora com certa dificuldade econômica, se inclui entre as consumidoras de literatura, especialmente as publicações relacionadas à cultura religiosa. A leitura representa uma atividade muito significativa na vida familiar dos pesquisados que a desenvolvem de forma intensiva interpretando os textos bíblicos. Notamos que boa parte dos integrantes das famílias frequenta a Escola Dominical de suas Igrejas e que apresenta um nível de escolaridade, em média superior a cinco anos, no ensino fundamental, o que no mínimo lhes assegura certa familiaridade com a cultura escrita.

Embora a prática da leitura se mostre mais concentrada em relação ao campo religioso, o gosto dos pesquisados se mostra mais eclético, uma vez que declaram possuir além da bíblia, outros portadores de texto, como livros de literatura indicados pela escola, romances, livros didáticos, científicos, teológicos, volumes de enciclopédias, dicionários e revista informativas. Dentre as revistas citadas, sejam ou não publicações atuais, destacam-se a *Veja* e *Isto É*, além das revistas femininas, como *Claudia*, *Marie Claire*, *Capricho*, *Criativa*, adquiridas, principalmente, pelas famílias cujos adolescentes são do sexo feminino. Foram também citadas revistas infantis⁴⁰, histórias em quadrinhos e literatura infantil de cunho religioso e não religioso:

“Geralmente a gente lê revistas antigas, mas de qualquer forma a gente se mantém informado.”

“Sempre assinamos revistas de assuntos variados; gosto muito de ler sobre decoração e beleza; as meninas também se acostumaram a isso e hoje é uma briga, uma quer uma coisa a outra quer outra. Atualmente só assinamos a revista Cláudia.” (Mãe de aluna).

“Não podemos comprar revistas, mas sempre tem alguma colega que empresta depois que lê; essas revistas que falam sobre adolescentes é o que mais tem na escola.” (aluna de uma das famílias entrevistadas).

³⁹ No que se refere ao consumo de leitura, percebemos que há uma preferência pelo que é consagrado pelo grande público, não havendo também muita variação entre as fontes de leitura. Os livros mais citados tratam de temas religiosos e voltados para o público evangélico. Dentre eles, destacam-se: *O peregrino; Deixados para trás de Jerry B. Tenkins e Vida com propósito e Operação Cavalo de Tróia de J. Benitz*. Os cantores mencionados estão relacionados ao mundo gospel, e a música popular: Oficina G3, Soraya Moraes, Diante do Trono, da Igreja Batista da Lagoinha; Chitãozinho e Xororó, Bruno e Marroni, Amado Batista. Dentre as emissoras de rádio foram citadas: a rádio CBN de São Paulo, Rádio bandeirantes, Trans América, Radio Gospel, sendo os programas de evangélicos e noticiários, os mais ouvidos. No que se refere à programação televisiva, destacam-se os programas evangélicos, noticiários, filmes de ficção e aventura e comédia. A maioria dos informantes considera que o rádio é um meio essencialmente informativo, tanto do ponto de vista das notícias nacionais e internacionais, quanto da fé e do mundo religioso que professam.

⁴⁰ Revistas da Turma da Mônica, Menino Maluquinho e sua turma, Almanques, Pato Donald e outros.

Quanto ao consumo de informação, a maioria das famílias declaram interesse na leitura de jornais, sendo que uma pequena parcela dentre elas cita os jornais de grande circulação como a *Folha de São Paulo* e o *Diário Popular*. Observa-se que grande parte dos entrevistados são leitores assíduos dos periódicos da igreja e dos exemplares divulgados pelo Metrô.

A maioria dos informantes não se refere à leitura de grandes clássicos, por não dominarem os códigos que não lhes são familiares, em razão do nível incompleto de escolaridade. Apenas quatro famílias do universo pesquisado, tendem a uma apetência pela leitura erudita ou científica, na figura de um dos cônjuges ou filhos universitários:

“Gosto de ler sobre o comportamento das pessoas, é muito importante para o meu trabalho de pastor. Tenho muitos livros de filosofia, sobre relações humanas, sobre a história do homem.” (Pai de uma aluna).

“É o meu esposo que costuma comentar com meus filhos as histórias que os professores mandam que eles leiam, eu até já li alguns deles, quando estava na sexta série, mas não faz o meu gosto, prefiro os romances de agora, parece mais fácil de ler.” (mãe de um aluno do 8º ano).

Percebe-se que a legitimidade da cultura escolar e religiosa é sensivelmente sentida, uma vez que obras literárias indicadas pela escola e textos bíblicos propostos pela igreja são leituras que circulam no ambiente doméstico, principalmente, através dos filhos. Grande parte da vida social das crianças e dos adolescentes se passa na igreja, num ambiente em que as atividades desenvolvidas nos cultos e nas demais cerimônias demandam o conhecimento e a compreensão da língua escrita, o que propicia certa familiaridade com o universo da leitura e da escrita. Percebe-se que da leitura da Bíblia, as crianças e adolescentes dessas famílias passam a outros portadores de texto, tanto no contexto religioso quanto no familiar e escolar, condição essencial para o desenvolvimento da qualidade intelectual dos alunos. Isso posto, é possível perceber que o valor da leitura para a maioria dos entrevistados aparenta não representar apenas um entretenimento mas também uma forma necessária de construir conhecimento e acumular cultura. No que se refere ao lazer observa-se que, para a maioria das famílias pesquisadas, este não tem apenas a função de repor as energias gastas pela força de trabalho mas também a de viabilizar a formação de uma cultura relacionada aos programas religiosos. Assim, assistir à televisão, ouvir programas radiofônicos, consumir CDs religiosos ou populares, assistir aos filmes em vídeos (apenas quatro famílias possuem esse eletro-eletrônico), ler a Bíblia, ir à igreja, de duas a três vezes por semana, são atividades vistas como lazer que, além de propiciar entretenimento, constituem meios de transmissão e

apreensão de conteúdos culturais e religiosos. O baixo custo financeiro para a realização dessas atividades é fator de destaque, quando mencionadas como forma de entretenimento.

No que respeita às preferências radiofônicas, detectamos que a maioria dos informantes declara preferir sintonizar as emissoras gospel, cuja programação é voltada para os informativos culturais e para vida cristã evangélica. Afirmam que sintonizam as programações radiofônicas, concomitantemente com os afazeres domésticos, ou até mesmo enquanto realizam o trabalho profissional. Essa prática permite que a família se mantenha atualizada através da figura da mãe, que ouve noticiário sobre o Brasil e o mundo, além de programas culturais, políticos e religiosos. É através das programações radiofônicas que muitos informantes declaram ter sido despertados para a religião protestante, assim como obtiveram informações para resolver problemas relacionados à educação dos filhos e à vida em família vista à luz da ética cristã.⁴¹

Quanto à música, também se estaca a preferência pelos compositores de canções cristãs, com textos musicais que transmitem a mensagem bíblica. Contudo, predomina certo gosto pelas músicas de vanguarda. Em geral, as famílias possuem CDs variados, em razão do gosto musical eclético dos filhos, que tendem tanto para o consumo de músicas populares quanto para aquele de música gospel. Pudemos encontrar CDs de Chico Buarque, Clara Nunes, Zeca Pagodinho, Amado Batista, Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo e uma citação das *Quatro estações* de Vivaldi.

Como os ritmos da música gospel são variados, o gosto dos filhos dos entrevistados quer seja pelo rock, funk ou bandas evangélicas, não é resultado de uma herança familiar. Paradoxalmente, esse gosto ocorre em decorrência de os jovens encontrarem, no universo protestante, denominações que, através de uma estratégia mais agressiva da evangelização, se utilizam de todos esses ritmos e sons. Note-se que a música representa uma forma de expressão bastante significativa entre os evangélicos, visto que é uma linguagem presente desde a gênese do protestantismo de Lutero.

Ainda que a programação televisiva se constitua alvo de críticas e restrições pelos informantes, a televisão representa o principal meio de comunicação e consumo para a totalidade das famílias pesquisadas. Assistir à televisão, no entanto, é uma prática mais exercida pelos filhos, do que pela maioria dos pais que, envolvidos com seus compromissos, não têm tempo para fazê-lo, a não ser tarde da noite, quando regressam do culto. Após a jornada diária de trabalho, seguida do tempo dedicado ao culto, às mulheres que trabalham

⁴¹ Fenômeno que foi detectado por Setton (2005). Ou seja, as mídias TV e radiofonia representam ser fontes prescritivas e nomativas, conectando as famílias a um unir de conhecimentos que complementa o saber escolar.

“fora” se dedicam às tarefas domésticas, conforme já explicitadas, enquanto ouvem e vêem algumas imagens da televisão. Dificilmente dedicam-se somente a assistir algum programa e quando o fazem, normalmente, estão compartilhando com escolhas do marido ou dos filhos. Já os pais, segundo informações deles próprios, mesmo após a jornada de trabalho ou no final da noite, após o culto, repassam diversos canais, detendo-se um pouco mais a noticiários e esportes.

Em geral os gostos dos casais das famílias entrevistadas a respeito da programação televisiva incidem mais sobre noticiários, reportagens, documentários e filmes, sendo que, dentre esses, situam-se os religiosos e os cômicos, particularmente, os que veiculam bons sentimentos. Observa-se, através do posicionamento dos informantes, que grande parte deles é contra os programas voltados a conteúdos eróticos, violentos ou comprometidos com outras ideologias religiosas.

No caso da programação para os filhos adolescentes do sexo masculino, esta se volta mais para os esportes, filmes de ficção e documentários. Já para as adolescentes do sexo feminino, predomina a escolha dos filmes clássicos, romances, variedades e shows musicais, sendo muito citado, o programa “Malhação”. Normalmente, nos finais de semana, as famílias compartilham de alguns programas juntos, geralmente filmes, esportes ou shows de variedades. A programação gospel é assistida com bastante frequência pelas pessoas do sexo feminino.

Com referência ao cinema, a maioria dos casais declara que raramente frequentam as salas de projeções, pois preferem a vida em família ou a dedicada às atividades da Igreja. Quando mencionam idas ao cinema, declaram a preferência pelos temas religiosos ou pelas mensagens simples, de cunho moral. Um filme muito citado foi *Paixão de Cristo*, de Mel Gibson. Ir ao cinema, no entanto, é uma prática muito frequente entre os jovens das famílias entrevistadas. Costumam frequentá-lo com mais regularidade que os pais. Geralmente, vão com os colegas da escola ou da igreja e, segundo os informantes, os filmes assistidos são os indicados ou os recomendados pelos professores e ou colegas do grupo religioso. De modo geral, os filmes a que se referem são os de ação ou de suspense, como de *Volta para o futuro*, havendo certa restrição à cinematografia voltada a temas que abordam questões relacionadas à pornografia, prostituição, idolatria e ao culto a outros deuses, conforme observa uma das mães. Percebe-se, no entanto, que o cinema para nossos entrevistados não representa uma prática relacionada à aquisição de cultura mas sim uma forma de entretenimento:

“A gente procura se informar de que trata o filme”. Não vale a pena assistir nada que vá contra os princípios da ética e da moral ensinada na Igreja, ainda que seja arte. Tem muitos outros tipos de fazer arte. Lembrando o apóstolo Paulo. Tudo é lícito, mas nem tudo convém ao cristão. (Mãe da Igreja Batista)

Em relação aos esportes, a falta de interesse se mostra predominante e bastante generalizada. Com uma jornada diária de aproximadamente dez horas de trabalho, à qual se acrescentam mais umas cinco destinadas aos compromissos religiosos, as atividades esportivas tornam-se praticamente inexistentes entre os adultos das famílias. Apenas uma informante, dentre as neopentecostais, costuma caminhar todos os dias, declarando manter uma relação utilitária com as atividades físicas, pela necessidade de perda de peso e emagrecimento.

A maioria dos adolescentes do sexo masculino também não pratica esportes. Esporadicamente, jogam futebol na escola, durante as aulas de educação física, mas confessam não ter nenhum interesse e prazer nas demais atividades físicas propostas pelos professores. Verifica-se o contrário com as adolescentes que, em sua maioria declara gostar das aulas de educação física, ter interesse em participar dos campeonatos esportivos promovidos pela escola, principalmente os coletivos (handebol, basquete, vôlei).

Em relação a viagens, apenas quatro famílias declaram sua preferência, realizando-as no período das férias dos casais. Duas delas costumam ir à casa de parentes, nos estados de origem; as demais, para o litoral, para casa de amigos ou para colônias de férias das empresas, nas quais trabalham. Normalmente, as viagens não têm pretensão cultural, mas representam uma oportunidade de lazer e entretenimento em família.

Quando se trata de práticas culturais mais eruditas (a exposição de artes e visita a museus), que demandam não apenas a apreensão do código cultural via escola acrescida da cultura recebida do meio familiar, percebe-se serem elas quase inexistentes entre os pais. Verifica-se, entretanto, que essas práticas já são exercidas pelos filhos, embora episodicamente. São práticas vivenciadas, apenas como atividade escolar ou proporcionada pela igreja. Também nesse aspecto, para a maior parte do grupo, a dificuldade financeira ou o pouco tempo disponível aparecem como forte justificativa dessa quase inexistência de consumo:

“Pra falar a verdade visitei o Museu do Ipiranga quando era mocinha. Agora pra sair com toda família, além de gastar muito com a condução a gente não tem tempo, porque aos sábados nos dedicamos aos afazeres domésticos e aos domingos com os compromissos da igreja e já nos preparando para a jornada de trabalho da semana.”

Enfim, concluímos, através dos depoimentos analisados, que o consumo cultural entre as famílias pesquisadas é modesto e se afigura moldado pelas restrições de ordem financeira e pela ética religiosa.

Embora encontremos, entre as famílias em tela, certas semelhanças em termos de consumo, é interessante observar que as pequenas distinções observadas estão relacionadas ao tempo de conversão e à ideologia da vertente protestante a que pertencem. Os fiéis recém-convertidos e os neopentecostais se mostram menos seletivos em relação aos programas televisivos e às práticas culturais diversas. Já os pentecostais mais tradicionais ou protestantes tradicionais voltam-se, sobretudo, para as práticas culturais alinhadas aos princípios e ideologias da Igreja-leitura, preferem programas televisivos mais apropriados ao acúmulo de cultura, como filmes, informativos e variedades.

Cabe ressaltar que se destaca, nesse contexto familiar, uma “boa vontade” em relação à cultura escolar, o que nos remete a visão de Pierre de Bourdieu quanto a um comportamento típico das classes médias, que vêem na cultura uma estratégia de mobilidade social, quando despossuídos do capital cultural da família. Essa "boa vontade" em relação ao ensino escolarizado representa um meio eficaz de ascensão social tanto no sentido econômico quanto no social.

De acordo com o exposto, a análise apresentada permitiu-nos definir não somente um perfil sócio-cultural do grupo pesquisado mas principalmente apreciar um comportamento motivado por uma expectativa de mobilidade social e por obediência aos preceitos religiosos, a partir do consumo de bens materiais e práticas culturais mais próximos do universo escolar e do mercado de trabalho.

Segundo Bourdieu (1972 apud ORTIZ, 1983, p.83) os sujeitos sociais exprimem e, ao mesmo tempo, constituem para si mesmos e para os outros, sua posição na estrutura social, a partir das marcas de distinção, conjunto de atos sociais que, independente do querer ou saber, traduzem uma certa posição na sociedade, um estilo de vida, um jeito de ser e de viver. No caso do grupo investigado, o estilo de vida se traduz em modelos coerentes e semelhantes de socialização. Tais modelos contribuem para uma perfeita harmonia entre as instâncias: família, escola e igreja nos seus respectivos subespaços.

A caracterização dos sujeitos da pesquisa, a partir das dimensões constitutivas do *habitus*, demonstrou que o planejamento de vida e as expectativas dos informantes, em relação ao trabalho, conforme vistas no item anterior, se refletem de forma imediata nas várias dimensões do consumo de bens. Expressam um estilo de vida, disposições e práticas restritas às possibilidades de ganho no trabalho e às exigências divinas.

Lembramos que a religião, conforme visto, enquanto elemento preponderante do *ethos* cultural⁴² dos entrevistados, constituiu o elo entre os aspectos morais e éticos do grupo, estabelecendo uma estreita relação entre o trabalho e a vida familiar. Acrescente-se que, para os entrevistados, a relação trabalho-religião se sustenta na escolaridade, como veremos no capítulo que segue.

⁴² Segundo Geertz (1989, p.93) *ethos* resume aspectos morais e éticos de determinadas culturas.

5 AFINIDADES ELETIVAS ENTRE ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO: FAMÍLIA, ESCOLA E RELIGIÃO.

5.1 CONSIDERAÇÃO CONCEITUAL

Como vimos no capítulo anterior, o consumo de bens e práticas culturais das famílias pesquisadas revelou um estilo de vida que tende a propiciar aos filhos, sujeitos dessa pesquisa, um espaço de circulação social limitado à família, à escola e à religião.

Nosso interesse agora é a refletir sobre as possíveis afinidades eletivas, especificamente sobre os projetos educativos no âmbito dessas esferas de socialização.

Para o interesse desta reflexão, seria oportuno indagar se, na atualidade, a religião protestante, enquanto matriz socializadora, faculta um estilo de vida, um *ethos* que se relaciona, em termos de idéias e interesses, com a família e a escola. Haveria uma afinidade eletiva entre família, escola e religião, de tal sorte que essa crença pudesse fortalecer aspectos socializadores dos modelos de socialização das referidas instâncias? Esse questionamento, aparentemente simples, é, na verdade, capaz de despertar uma reflexão ampla, pois se revela de fundamental importância para a percepção da religião como “um conjunto de práticas e esquemas de pensamento” estruturalmente convergentes para algumas dimensões da sociedade. Com vistas a responder à questão acima, voltaremos nossa atenção para as relações entre alguns aspectos relativos à religião e à família protestante bem como ao universo escolar, a partir das entrevistas, de modo a encontrar elementos comuns constitutivos de um *habitus* os quais se prestem a reforçar as demandas do processo de socialização e do desempenho escolar positivo.

À medida que procuramos entender o processo de socialização de alunos protestantes bem sucedidos na escola, nos apoiamos no conceito de *afinidades eletivas*, visto que, se entendermos o desempenho escolar como uma dimensão da realidade material, é decisivo reconhecer que essa relação realidade material e mundo simbólico não é direta, nem linear, Paula (2005, p.71).

Esse entendimento demanda um olhar mais sensível às “coincidências” e “convergências” entre essas esferas. A expressão *afinidades eletivas*⁴³ foi utilizada por Max

⁴³ *Afinidade eletiva* é uma expressão utilizada por Max Weber quando trata de problemas religiosos. A expressão *afinidades eletivas*, segundo Pierucci (2004, p. 277) é originária das ciências naturais, primitivamente uma expressão química devida a Bergmann, no século XVIII, que usava o termo para se referir à existência, constatado pela química inorgânica da época, de elementos que formam combinações preferenciais, as quais, porém, em presença de determinados outros elementos, se mostram impermanentes, dissolvendo-se em favor de

Weber, na sua obra *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, para explicar e descrever a individualidade histórica da relação entre a ética religiosa do protestantismo ascético e a racionalidade prática da cultura capitalista moderna, grávida de conseqüências para a civilização ocidental (WEBER, 2004, p.277).

Cabe lembrar aqui que a família, a escola e a religião, enquanto configurações sociais produtoras de valores culturais coexistentes, serão vistas como responsáveis pelo processo de construção dos *habitus* individuais dos alunos.

Nosso ponto de partida para esta reflexão concentra-se na idéia de que o processo de socialização, na contemporaneidade, se dá num espaço plural de múltiplas relações sociais, conforme comenta Setton (2002b). Na mesma linha de pensamento, Lahire (2002, p.27) afirma que, “os filhos de nossas atuais formações sociais confrontam-se cada vez mais com situações heterogêneas, concorrentes e, às vezes, até contraditórias do ponto de vista da socialização que desenvolvem”. Por esse motivo, é possível pensar na construção de um sujeito social influenciado por um sistema de múltiplas referências, dada à coexistência plural de contextos socializadores. Observa também Setton (2002b, p.67) que o “sujeito social contemporâneo é determinado e influenciado por um campo híbrido e diversificado de socialização”.

No entanto, ainda que a sociedade contemporânea seja palco, muitas vezes, de experiências de socialização díspares e contraditórias, a realidade empírica pesquisada, nesta dissertação, mostrou-se uma experiência distinta, pois investigamos indivíduos que vivenciam modelos coerentes e semelhantes de socialização. Dito de outra forma, observamos, conforme xatesta ampla bibliografia sociológica, que a religião como uma matriz de socialização, geradora de representações, padrões de conduta, normas e regras, surge no contexto pesquisado, como uma instância de socialização que compartilha com a família e a escola das responsabilidades pedagógicas coerentes e notadamente homogêneas (LAHIRE, 2004).

Quanto à religião, Touraine (2002, p. 324) afirma que ela explode ao entrar na modernidade, mas que os seus elementos não desaparecem, e que a idéia de que a vida social deve repousar sobre valores comuns, em particular sobre valores religiosos, continua poderosa

novas combinações. O termo foi utilizado por Goethe na sua novela *Die Wahlverwandtschaften*, que o transferiu para o reino das relações amorosas de atração mútua, e recombinação seletiva. A novela acabou por divulgar na Alemanha não só a terminologia como também seu modo de usá-la em sentido figurado, inspiração seguida mais tarde por Max Weber em mais de um contexto de sua sociologia. Segundo Paula J.A (2005) no artigo *Afinidades eletivas e pensamento econômico: 1870-1914*, a expressão não está contemplada na *Enciclopédia Internacional de Ciências Sociais* e representa um tipo muito particular de relação dialética que se estabelece entre duas configurações sociais ou culturais não redutíveis a determinação causal direta ou “influência” no sentido tradicional (*apud, Lowy, 1989, p.13*).

no mundo ocidental. Porém, são as instituições família e escola que ocupam o centro das reflexões, quando o assunto é relacionado ao processo de socialização. No entanto, considerando que o posicionamento moderno associa razão e religião, é possível agregar experiências socializadoras religiosas às já vividas no âmbito da família e da escola. Assim criam-se situações de exposição simultânea a esses contextos socializadores que, embora possam dar a impressão de universos autônomos, apresentam “entrelaçamentos”, convergências de ações e práticas, perceptíveis no detalhamento das práticas de nossos entrevistados. Por esse motivo não pudemos nos eximir de observar a importância da religião em pelo menos um dos segmentos da população, o das famílias dos alunos protestantes.

Sabe-se, entretanto, que, do mesmo modo que a religião, a cultura escolar propicia aos indivíduos um corpo comum de categorias de pensamentos relacionados à comunicação, que podem ser vividos e valorizados pelo universo familiar. (BOURDIEU, 2003; DURKHEIM, 1978). Para Bourdieu (2004b, p.41), mais especificamente, cada família transmite a seus filhos “certo capital cultural”, um “certo *ethos*”, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, baseado em diferentes disposições culturais, sociais, lingüísticas, religiosas, incorporadas por cada um de seus agentes.

Transpondo essa idéia para o contexto deste estudo, a religião protestante teria criado para seus adeptos um estilo de vida, um *ethos*, envolvendo ações e práticas que teriam uma afinidade eletiva com o modo específico da família e da escola se relacionar com a cultura e o saber. Ou seja, os universos religioso, familiar e escolar, enquanto instâncias de socialização tenderiam a inscrever de maneira coerente seus esquemas de pensamento nas consciências individuais, que nelas se incorporam como se fossem naturais, transformando-se em *habitus*..

Conforme vimos, nas últimas décadas, a religião protestante, considerando-se seus desdobramentos, tem se manifestado de modo bastante significativo no contexto social brasileiro, mostrando-se como orientadora de comportamentos. Desempenha também um papel disciplinador de condutas, característica já anunciada por Max Weber (2003), quando, na sua obra *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, exemplifica que essa orientação racional e metódica de conduta de vida se constitui em *disposições* individuais duradouras de crença e práticas. Com base nessa estrutura de aceitação e plausibilidade⁴⁴, podemos pensar a influência desse universo religioso no processo de socialização, de “formação” do indivíduo,

⁴⁴ Segundo Peter L Berger (2003, 59) a estrutura de plausibilidade está relacionada com uma base social requerida pelos diferentes mundos para continuar a sua existência como um único mundo que é real para os seres humanos reais. A realidade do mundo cristão, por exemplo, depende de estruturas sociais nas quais essa realidade aparece como óbvia para os adeptos do cristianismo, dignas de fé, real para eles.

podendo percebê-la como uma outra instância, que pode ser considerada parceira na tarefa de transmitir valores, maneiras de agir, de ser, de fazer, que orientam ações e práticas. Entretanto, o que, dentro dessa esfera religiosa, de sua organização material, cultural e afetiva poderia influenciar diretamente o desempenho escolar de alunos oriundos de contextos familiares que participam desses espaços socializadores, distinguindo-os dos demais?

No contexto pesquisado, foi-nos possível identificar alguns elementos comuns à religião, à família e à escola, embora tenhamos considerado as especificidades que caracterizam essas instituições, pautadas por propósitos e princípios distintos. Elementos como a racionalidade, o investimento moral, o comportamento ascético, a disciplina, o uso do intelecto, o domínio da escrita, da palavra e do cálculo se revelam, de alguma forma, constitutivos da prática das famílias pesquisadas. Observou-se que, ao levar seus fiéis a se dedicarem de modo ascético e disciplinado às práticas religiosas, valorizando a obediência e o respeito às autoridades constituídas espiritualmente, a religião potencializa disposições recorrentes na família e na escola. Percebe-se, portanto, um reforço constante entre projetos pedagógicos de distintas instâncias de socialização, potencializando sua força, coerência e legitimidade. É como se a crença em cada um dos modelos de socialização acabasse por fortalecê-los mutuamente, numa sinergia quase natural.

Para compreender a articulação dessas afinidades nos espaços de socialização – família, escola e religião, tendo em vista a trajetória social dos entrevistados – recorreremos principalmente ao conceito de *habitus* de Bourdieu⁴⁵, pois tal conceito permite que se entenda como o “entrelaçamento” desses universos socializadores convergem para ações e práticas de sucesso no âmbito escolar. Nesse sentido, conceito de *habitus* é aqui utilizado como um instrumento para pensar o produto da relação entre esses diferentes espaços, a partir das afinidades entre eles. Para Bourdieu (1972 apud ORTIZ, 1983, p.18) a existência do *habitus* resulta de um longo processo de aprendizado, pelo fato de *habitus* serem "sistemas de disposições adquiridos pela aprendizagem implícita ou explícita, que funcionam como um sistema de esquemas geradores de conduta e de representações". É através do processo de aprendizagem que os agentes sociais interiorizam os princípios geradores de suas ações bem como as disposições que orientam determinados comportamentos em situações circunstanciadas de socialização.

⁴⁵ O *habitus* é, a um só tempo, fruto e expressão da interiorização das estruturas objetivas, é um “duplo processo de interiorização da exterioridade e da exteriorização da interioridade.” (BOURDIEU; PASSERON, 1975, p. 213). É justamente este duplo movimento que torna o *habitus* dinâmico, passível de mudanças, modificando e sendo modificado pelas estruturas sociais.

As experiências primeiras dos atores sociais vividas no ambiente familiar, entendidas como o conjunto de disposições produzido e adquirido nas relações familiares está, para Bourdieu, no princípio da recepção e da apreciação de toda experiência ulterior dos atores sociais, ao mesmo tempo em que as disposições adquiridas no sistema escolar constituem uma assimilação das mensagens produzidas pelo contexto cultural. Assim, o *habitus* seria um “um conjunto de esquemas implantados desde a primeira educação familiar, religiosa e escolar, constantemente repostos e reatualizados ao longo da trajetória social restante.” (MICELI, 2003, p. XLII apud BOURDIEU, 2003 a).

Ainda segundo Bourdieu, a passagem de um tipo regular de aprendizado e estímulo ao domínio das práticas e representações faz-se pela mediação do *habitus*, compreendido enquanto

“(...) sistemas de disposições duráveis” e transferíveis, estruturas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptados a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio exposto das operações necessárias para atingi-los, objetivamente “reguladas” e “regulares”, sem ser o produto da obediência a regras, sendo coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um maestro.” (BOURDIEU 2003a, p.XL).

Apoiados nessa conceituação, daremos continuidade ao nosso trabalho, direcionando-o para as possíveis afinidades eletivas entre as esferas mencionadas, limitando-nos apenas a aspectos relativos à racionalidade, à disciplina, à ascese e à linguagem escrita, conforme segue.

5.2 AFINIDADES ELETIVAS NO UNIVERSO RELIGIOSO, FAMILIAR E ESCOLAR

5.2.1 Racionalidade

Vemos que a racionalidade tornou-se, no mundo moderno, o princípio de organização da vida pessoal e coletiva. Segundo observa Touraine (2002, p.18), a razão não comanda apenas a atividade científica e técnica mas também o governo dos homens tanto quanto a administração das coisas.

Para Weber (apud Pierucci 2003, p.85), mesmo o comportamento religioso reduzido às formas mais elementares da magia apresenta um ponderável conteúdo de racionalidade. Apesar da emoção ser uma das marcas distintivas das denominações protestantes da

atualidade, o racionalismo⁴⁶ das práticas religiosas está presente no contexto familiar estudado e se traduz em procedimentos metódicos para a conquista de uma vida compatível com a crença e as exigências sociais.

No entender de Pierucci (2003, p.82), atento a essa visão de Max Weber, a ação dita religiosa é mundana nos bens que ela visa, intramundana nos fins subjetivamente visados, porque cada um quer alguma coisa neste mundo, seja saúde, dinheiro, reconhecimento, entre outros, de tal sorte, que o ser humano, quando age religiosamente, age com o objetivo de permanecer o maior tempo possível sobre a face da terra. Nesse mesmo sentido, Weber (2000, p.279) afirma que as ações religiosas ou mágicas devem ser realizadas *“para que vás muito bem e vivas muitos e muitos anos sobre a face da terra”*.

Lembramos que a racionalidade, segundo Max Weber (1982), é um conceito muito ligado à burocracia, visto que esta, enquanto forma de organização social, se baseia nos princípios do cálculo e do planejamento. Portanto, pode-se afirmar que um dos meios pelo do qual a racionalização se atualiza nas sociedades ocidentais é a burocracia. Para Weber (2000) a organização burocrática é hierárquica e, no âmbito das relações sociais, tem como elementos constitutivos o poder e a dominação, que implicam disciplina e obediência.

Assim posicionados, é lícito afirmar que, a estrutura burocrática e hierárquica da instituição religiosa, a obediência e submissão dos fiéis às autoridades e lideranças, veiculadas nos depoimentos dos informantes, representam um princípio de organização que denota a racionalidade disciplinadora presente no cotidiano da igreja e dos fiéis. Na própria organização administrativa, observamos, nesse aspecto, que o processo de transmissão dos preceitos religiosos exige um sistema organizado de formação de quadros: pastores, mestres, adeptos envolvidos com a transmissão e a manipulação do sagrado, seja durante o culto, seja nos demais espaços de veiculação da ideologia religiosa, refletindo todos eles os elementos de racionalidade organizacional.

Do mesmo modo, o tempo de duração das orações, dos cultos, das pregações, das programações de ensino para crianças e adultos, bem como o estabelecimento de cronogramas de atividades podem ser considerados representativos de planejamento racional da prática religiosa, à medida que submete seus adeptos a uma rotina regular, em que é necessário empreender cálculos para controlar e coordenar o tempo dedicado ao exercício da religião, num processo de organização de suas atividades. Conclui-se, assim, que a religião protestante

⁴⁶ O significado do racionalismo está também relacionado com a realização metódica de um fim, precisamente dado e prático, por meio de um cálculo cada vez mais preciso dos meios adequados. Pode também significar uma “disposição sistemática” (WEBER, 1982, p.337).

se utiliza de dispositivos disciplinares, mais ou menos rígidos, como reguladores da conduta, de maneira a atingir seus objetivos administrativos, oferecendo modelos de conduta para seus adeptos e fiéis. Dessa condição decorre a possibilidade de se prever a transferência de comportamentos de uma instância à outra. Observamos que a racionalidade, no contexto familiar dos entrevistados, se relaciona, sobretudo, com o campo da ética, com os valores morais que a família defende e transmite aos seus descendentes. Estes princípios devem reger as relações entre todos os seus membros, fortemente sujeitos à influência dos códigos morais religiosos, que, entre outras coisas, defendem a preservação da própria estrutura familiar. Da mesma forma observamos que a ética familiar está sujeita a outras influências externas, valores e normas de instituições e grupos com os quais a célula familiar se relaciona ou dos quais faz parte, cada uma delas metodicamente organizada para um mesmo fim.

A questão da racionalidade no universo familiar, portanto, passa necessariamente pelos procedimentos de uma educação moral, que, segundo La Taille (1996, p.141), é uma ética do dever, da reverência aos valores morais, adotada por motivos puramente racionais. Decorrente desse princípio, a lei deve ser respeitada por ser lei, logicamente aceita, uma vez que é possível confrontá-la, refutá-la, debatê-la, dialogar sobre ela. Nesse sentido, o universo familiar é favorável ao desenvolvimento da razão, enquanto palco de demonstrações, refutações e argumentações.

Observou-se, pelo discurso dos informantes que as argumentações que expõem a lógica do código moral da família evangélica estão calcadas na lógica do texto bíblico e nos ensinamentos da ética cristã protestante. As argumentações e suas confirmações são explicitadas e compreendidas com base nas orientações apreendidas no texto do livro sagrado. Dessa forma, as relações familiares observadas no grupo são claramente marcadas por conteúdos religiosos, que dão coerência e consistência à organização doméstica eminentemente hierárquica, calcada no poder, na dominação, na disciplina e na obediência das gerações mais jovens às mais velhas.

A racionalidade no plano familiar não se restringe naturalmente à ética e à moral. Considera-se sua presença necessária nas inúmeras práticas de escrita, classificação, cálculo de gastos e consumo, determinação de métodos para execução de tarefas, organização dos afazeres domésticos, do tempo e do espaço em função do trabalho, da prática religiosa e da escolarização dos filhos, enfim práticas comuns ao cotidiano de todas as famílias. Independentemente da denominação religiosa, a coerência de organização extrapola também para o campo do lazer e das obrigações quer se considere a submissão aos horários de refeição, de higiene pessoal, de repouso, de descanso, de brincadeira e de estudo, de tal sorte a

imprimir regularidade ao ritmo doméstico⁴⁷. A determinação religiosa de cumprir a vontade do Deus, metodicamente, de forma próspera e bem-sucedida, é um dos elementos que marca a organização do contexto familiar.

No que se refere ao racionalismo na escola, este é inerente à estrutura escolar e manifesta-se coincidente com a organização familiar, em muitos pontos, visto que, tendo como principal objetivo a formação dos indivíduos, transmite sistematicamente conhecimentos socialmente construídos. Tanto Bourdieu e Passeron (1975) quanto Durkheim (1978) colocam a estrutura escolar e a organização familiar como complementares. Quanto à racionalidade no contexto escolar, ressalta-se sua função de atender às necessidades mais amplas do ser humano e da sociedade, o que significa que a ordem escolar segue uma lógica ordenadora das atividades de todos que a vivenciam.

É notória, nas atuais propostas educacionais, a preocupação com a reflexão e a autonomia moral, exigindo que a escola estenda a sua responsabilidade de formadora para além do plano pedagógico, buscando oferecer uma educação que possibilite ao estudante discernir e deliberar com independência e responsabilidade acerca dos imperativos sociais. Verifica-se que o sistema de ensino expressa e concretiza a racionalidade pela própria maneira de estruturar o programa curricular (conteúdos mínimos, habilidades básicas etc.), passando pela concepção de aprendizagem e suas bases metodológicas, pelas normas de conduta, pela estrutura hierárquica, pela organização espacial e temporal, culminado com a lógica interna dos conteúdos de cada disciplina, regidos por leis, regras, padrões e ordenamentos próprios.

Quanto ao aluno protestante, a igreja o submete a práticas pedagógicas semelhantes às da escola, caso participe dos seus espaços de ensino. Nesses espaços, embora com outros propósitos, realiza-se, na linguagem verbal, um investimento em que as regras da lógica, assim como as da gramática, acabam sendo trabalhadas com certa frequência. Some-se a isso, a exposição contínua dos fiéis a práticas de leitura e conversações, que, segundo Lipman (1994, p.35), ajudam aos que já pensam a pensar melhor, uma vez que potencializam situações de inferências, deduções, interpretações, generalizações, classificações, enfim, ajudam aos que estão submetidos a essas práticas a pensar mais, a serem indivíduos mais reflexivos, competências que se identificam com as trabalhadas na escola.

⁴⁷ A regularidade nas práticas domésticas fica explícita na maioria dos discursos dos informantes que expressam como necessidades em decorrência da frequência aos cultos e demais compromissos da igreja. Os horários precisam ser regulados, *“a fim de que se possa cumprir todos os compromissos, tanto os pais como os filhos”*. (transcrição da fala de um pai de aluna)

Para Habermas (1989), a linguagem e a contextualização dialógica representam pontos de apoio da razão, manifestados pelos agentes, quando imersos em uma discussão e é esse tipo de relação que proporciona ou deveria ser proporcionada pelo o contexto pedagógico escolar. Ainda, segundo Dewey (1959), a linguagem e a comunicação estão no âmago do aprendizado, seja ele social ou específico dos conteúdos científicos, e são fundamentais para o desenvolvimento da racionalidade sendo, por isso, elementos fulcrais na escola. Referindo-se também à racionalização do mundo moderno, uma preocupação de Max Weber está em explicitar que ela não está ligada apenas ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia mas também a uma abordagem racional da natureza e da vida social, que têm, na educação formal, o principal veículo, contribuindo, assim, para a socialização da criança.

Com base nessas considerações sobre a racionalidade no âmbito familiar, escolar e religioso, observa-se sua presença em diferentes graus e formas distintas, nessas três instâncias de socialização. Quer dizer que se trata de um procedimento observável, essencialmente, como um exercício que se repete e se expressa na organização do tempo (horários, cronogramas), do espaço (seleção, classificação, ordenação, seriação) e no estabelecimento do ritmo que se imprime às ações e práticas (regularidade, frequência). Considerando o depoimento das famílias pesquisadas, é notória a preocupação com a precisão dos horários e com a regularidade nas ações, o que nos permite apontar para a consonância dos elementos que potencializam a adaptação do aluno à racionalidade que lhe é imposta nos diferentes contextos em pauta.

5.2.2 Disciplina

Em relação à disciplina no contexto religioso, Durkheim (1947, p.38) considera imprescindível a sua existência e uso no processo de construção da moralidade. Para ele, os elementos da moralidade são retirados das idéias religiosas, e o espírito de disciplina é um deles. Ainda para o mesmo autor, a disciplina implica em atos que se repetem, que orientam a conduta com autoridade.

O fato de as igrejas evangélicas estimularem seus fiéis a uma participação mais freqüente e rotineira nas práticas religiosas (cultos diários, campanhas, seminários, grupos de estudo ou afins) impõe uma organização disciplinar aos seus adeptos. A presença pontual e sistemática dos servos aos cultos, assim como dos oficiais da igreja, que a preparam para receber o público, expressa a disciplina que caracteriza essa prática. São atos que se repetem

com regularidade, calcados na obediência e na submissão às autoridades constituídas espiritual e institucionalmente:

A autoridade é o caráter de um homem que se elevou acima dos homens; é um super-homem. (...) Somente a sociedade está acima dos indivíduos. É dela, portanto, que emana toda a autoridade. É ela que comunica, a tais ou quais qualidades humanas, este caráter *sui generis*, este prestígio que eleva acima deles mesmos os indivíduos que o possuem. Tornam-se super-homens porque, por essa via, participam da superioridade deste tipo de transcendência da sociedade em relação aos seus membros (DURKHEIM, 1947, p.91)

Considere-se que a religião protestante, desde a sua gênese enquanto instituição, se organiza com base na moralidade divina, de modo que seus adeptos se tornem servidores de um ser superior: “o homem só age moralmente quando se torna o servidor de um ser superior a ele e a todos os outros indivíduos.” (DURKHEIM, 1947, p.65). Essa moralidade cristã, representada por um sistema de regras e normas pré-estabelecidas, um *ethos* que orienta a conduta e o modo de vida de seus adeptos, tem na disciplina seu principal aliado, pois o que demanda o seu exercício é o respeito à autoridade.

Entretanto, segundo a opinião de alguns professores, conforme depoimentos comentados no início deste trabalho, essa exigência disciplinar imposta pela igreja aos seguidores do protestantismo, expressa certa ambigüidade. Opinam eles que, ao mesmo tempo em que a disciplina potencializa estratégias para o êxito na conquista dos objetivos da instituição religiosa, pode tornar-se um elemento de automatização. Aqui lembramos Bourdieu (MICELI, apud BOURDIEU, 2003, p.LIX), quando afirma que a eficácia da religião, entendida no aspecto de sua moralidade, retira do plano das relações sociais objetivas o arbítrio e o controle da ordem do mundo, que passa a ser entendida como o produto de uma vontade divina. Com base em argumentos semelhantes ao de Bourdieu, muitos dentre os professores entrevistados, em nossa pesquisa de campo, sobre o desempenho dos alunos protestantes, são de opinião que a disciplina religiosa, embora tenha uma ação positiva relativamente ao comportamento, à conduta social dos alunos, exerce uma influência negativa para a formação do homem crítico, atuante e assertivo. Observam que os alunos protestantes, de um modo geral, mostram-se submissos, dóceis, pouco questionadores, à beira do conformismo.⁴⁸

⁴⁸ Transcrição de entrevista com um professor, no período de pré-investigação na escola: “Ele é um aluno muito bom, faz tudo o que você manda, não liga muito quando a classe está naquela confusão, geralmente não gostam de aparecer, de dar opinião, assim como os pais durante as reuniões de pais e mestres”. (Professor de Matemática, 7º ano do ensino fundamental).

Em relação à disciplina escolar, enquanto instituição, a escola demonstra sua forma peculiar de exercer autoridade por meio de normas explícitas ou implícitas de funcionamento, representadas por regras e regulamentos, escritos ou não, com base nos quais organiza a conduta de alunos e demais trabalhadores.

Como vimos na observação de Durkheim (1947), a disciplina tem considerável importância na formação do caráter, à medida que possibilita o desenvolvimento de atitudes relacionadas ao domínio próprio, das paixões e dos desejos, de tal sorte a se constituir elemento de distinção entre os seus portadores. Sua principal função é determinar a conduta, fixá-la para longe do arbítrio individual. Ressalte-se ainda que a disciplina escolar deve ser entendida como algo que vai além do discurso pedagógico, pois representa um conjunto no contexto das ações e práticas que são expressas nos conteúdos, métodos de ensino, interação professor-aluno, seqüências precisas de conteúdos e atividades, todos considerados dentro da temporalidade do ensino, como o são os horários para a realização das tarefas propostas, os prazos de entrega, entre outros.

Ainda que saibamos das dificuldades da escola pública para atingir este modelo ideal, parece-nos bastante revelador o fato de as famílias pesquisadas atribuírem aos professores e aos demais funcionários da escola a qualidade de defensores da ordem, da normalidade consentida pela sociedade e acolhida pelos pais, como uma maneira de adaptar seus filhos aos padrões morais e educacionais esperados e exigidos pela sociedade. *Grosso modo*, a maioria dos pais demonstra apoiar as medidas disciplinares da escola, uma vez que estas estão em conformidade com as normas e regras da moralidade doméstica, que por sua vez estão pautadas na ética cristã.

Retomando as idéias de Durkheim (1947 p.38), consideramos que o espírito de disciplina e o gosto pela regularidade e autoridade são componentes que todo indivíduo deve adquirir para cumprir as normas do dever, não por medo das conseqüências desagradáveis, mas por gosto, uma vez que o auto-controle faz parte do processo de humanização para a vida em sociedade.

Quando pensamos a disciplina no contexto familiar pesquisado, reportamos-nos também a Louraine (2002) que observa que a educação, na modernidade, ainda pode ser vista como socialização e como acesso à razão. Para ele a criança deve ser disciplinada a fim de dominar-se e aprender as regras da vida em sociedade, entendendo-se que a disciplina é, ao mesmo tempo, uma obrigação e um instrumento de punição e de conhecimento.

Enquanto imposição de padrões relacionados à conduta individual, a disciplina mantém seu espaço no plano doméstico das sociedades modernas, tendo como objetivo

principal estimular adultos e crianças para o aprendizado e obediência às regras sociais, bem como potencializar e desenvolver capacidades para viver as demandas materiais, intelectuais e morais que se apresentam ao sujeito no decorrer da vida.

Nas famílias pesquisadas pudemos observar uma moral fortemente marcada pelo espírito de disciplina. A autoridade que regula e normatiza a vida da maioria das famílias emana, principalmente, das lideranças religiosas que por sua vez declaram respeito e obediência às autoridades constituídas no mundo material. Contudo, vale reiterar que, segundo essas famílias, é a Deus, sobre todas as coisas, que elas devem obediência e fidelidade.

No universo familiar, na quase totalidade das famílias pesquisadas, as relações de autoridade e poder estão presentes como elementos ordenadores, não apenas no que diz respeito às suas relações mas também estabelecendo hierarquicamente a autoridade masculina, de marido e pai, chefe da família. Lembramos que, conforme anteriormente dito, o respeito e a obediência ao marido e ao pai parecem estar ligados com a questão bíblica de ser ele o “sacerdote” do lar, o provedor. A autoridade da mãe e da esposa vincula-se ao papel de dona de casa e de colaboradora das ordens emanadas do marido, como mediadora da autoridade dele. São as regras impostas pelo marido e pai que sempre prevalecem nessas famílias cristãs pesquisadas, sendo notórias nas mães as características de submissão, reverência e subordinação à autoridade do marido.

Embora muitas mães desempenhem atividade remunerada fora do lar, sendo também mantenedoras da família, essa situação se mantém. Aos filhos, detentores de autoridade semelhante sobre os irmãos mais novos, reserva-se também a função de mediadores das regras e normas emanadas das mães, para a administração do ambiente doméstico, quando estas estão ausentes. Entretanto, de acordo com o depoimento de alguns informantes, devido ao espírito de iniciativa dos jovens e à autoridade conservadora do pai, essa relação de submissão e reverência sofre resistência⁴⁹, ainda que se perceba uma ordem na vida doméstica que imprime respeito, sujeição à autoridade, submissão voluntária e racional ao dever:

“Ultimamente é difícil eles irem ao mesmo horário que a gente para a igreja; já não gostam muito de sair conosco; o mais velho porque está na faculdade, sempre arranja uma desculpa”. (mãe de aluno do 8º ano do ensino fundamental, igreja Batista).

⁴⁹ Essa resistência foi referida mais em relação aos gostos, como por exemplo, por mais que a mãe de L. desejasse que o filho aprendesse violino, o garoto resolveu aprender teclado; verificamos também limites em relação aos horários e programações televisas e principalmente dos contatos relacionados aos amigos, e as obrigações domésticas.

Essa disciplina vivida no âmbito das famílias, baseada na obediência inquestionável à autoridade exterior e deificada, parece, de fato, reforçar o desenvolvimento de personalidades passivas e pouco reflexivas, em conformidade com a opinião de Setton (1999, p.83), para quem uma autoridade inquestionável, exterior e deificada, reforça a construção de indivíduos passivos, pouco reflexivos, orientados para acatar ordens alheias.

Ainda assim, essa forma de autoridade das famílias pesquisadas remete ao modelo tradicional de disciplina e obediência e se harmoniza com as formas de autoridade estimuladas e esperadas na escola, o que, de alguma forma, facilita a adaptação do aluno ao universo escolar. Verifica-se, entretanto que, de modo geral, essa autoridade exercida no interior das famílias se dá, sobretudo, por meio da atenção e do diálogo, não se registrando casos de violência física⁵⁰.

Nota-se, pelo discurso dos informantes, uma interiorização da disciplina, das regras e normas veiculadas na sociedade, particularmente em relação ao compromisso com as questões escolares, atribuindo-se relativa importância ao autocontrole dos filhos. Atente-se, porém, que as sanções, punições e castigos não deixaram de ser mencionados, apesar da ênfase dada à conversa, como o principal instrumento de controle moral utilizado pelos pais, no processo de socialização dos filhos. Esse diálogo, que baseado nas orientações e em exemplos bíblicos, consiste num relacionamento positivo para o controle da autoridade paterna.

A disciplina no ambiente familiar relaciona-se também aos compromissos e tarefas do lar a que está sujeita a maioria dos filhos (horários pré-fixados para o lazer, descanso, estudo, alimentação, prática religiosa) e imprime certa previsibilidade às ações domésticas. Para Lahire (2002, p.26), a regularidade das atividades e dos horários, as regras de vida estritas e recorrentes, os ordenamentos, as disposições ou classificações domésticas produzem estruturas cognitivas ordenadas, resultantes da disciplina, suficientemente capazes de pôr em ordem, gerir, organizar os pensamentos, atitudes e procedimentos. Também a rotina religiosa seguida pelas famílias evangélicas pesquisadas exerce profunda influência sobre a disciplina empreendida na suas vidas domésticas.

Para Durkheim (1947, p.133), a rotina, o hábito e o tradicionalismo são pontos de apoio para a ação disciplinar passível de ser exercida sobre a criança. Da mesma forma, na visão desse mesmo autor, a autonomia se traduz, no ambiente doméstico pesquisado, a partir do investimento dos pais na autodisciplina dos filhos - controle das vontades, das pulsões, da atenção, dos procedimentos e atitudes em relação às obrigações domésticas, religiosas e

⁵⁰ Em relação à autoridade exercida pelo diálogo, percebe-se uma tendência no discurso a colocações “politicamente corretas”.

escolares. No entanto, ao se referir à autonomia, Lahire, em oposição a Durkheim, a conceitua como não sendo

“(…) a consequência de uma vontade que reconhece a regra enquanto algo racionalmente fundado, mas sim a consequência de um *ethos* que reconhece, imediata e tacitamente, princípios de socialização, regras do jogo, não muito distantes daquelas que presidiram sua própria produção.” (LAHIRE, 1997, p.65).

No decorrer das entrevistas com os familiares dos alunos, foi possível perceber que as regras no meio familiar são anunciadas claramente. Os pais procuram explicar o sim e o não, o certo e o errado, sustentando-os nos mandamentos bíblicos, porque a obediência e a submissão aos preceitos religiosos e à autoridade não deixam margem de dúvida para a criança. "Obedecer voluntariamente, querer ativa e deliberadamente pela ciência da uma razão de ser, é o que nos preserva da humilhação e servidão", conforme (DURKHEIM, 1947, p.116).

Quanto à disciplina no universo religioso, familiar e escolar concluímos que, no ambiente familiar, a obediência e submissão dos filhos aos pais relaciona-se com o comportamento da maioria das mães de se mostrarem submissas aos maridos mesmo trabalhando fora e contribuindo para o sustento da família, além de investirem grande parte do tempo a acompanhar os filhos em suas obrigações, tanto escolares como religiosas. Um outro ponto bastante significativo em relação a essa questão é o fato de as mães ensinarem os filhos à luz da palavra bíblica, tomada como referência divina para a obediência. Essa autoridade dos pais calcada nos ensinamentos bíblicos constitui-se num modelo explicativo do porquê e do para quê obedecer. No universo religioso, a disciplina se associa à moralidade e à obediência às regras da igreja e se reflete nos atos repetidos com regularidade, calcados na obediência e na submissão às autoridades constituídas espiritual e institucionalmente. No universo escolar, a disciplina vai além do discurso pedagógico, representando um conjunto de ações e práticas pertinentes ao desempenho das funções escolares.

A exemplo do que se ocorreu com a racionalidade, observam-se as afinidades da disciplina no âmbito familiar, escolar e religioso, funcionando em cada uma dessas três instâncias de socialização de acordo as suas especificidades.

5.2.3 Ascetismo

Um outro ponto de afinidade na relação família, escola e religião é o ascetismo austero e disciplinado, herança notória nas ações e práticas pelos adeptos protestantes. Cabe esclarecer que o protestantismo puritano é reconhecido pela disposição de seus seguidores em fazer do trabalho diário e metódico um dever religioso, para que se cumpra a vontade de Deus na terra. A idéia de Max Weber (2003) de que o cristão puritano se entende como um instrumento útil de Deus para transformar e dominar racionalmente o mundo por meio do trabalho é perceptível entre as famílias protestantes pesquisadas, o que lhes confere certa dignidade. Vendo-se como um instrumento de Deus, o adepto aprende a controlar os seus impulsos naturais, desejando controlar o mundo para servir a Deus.

Na obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, escrita por Max Weber com o objetivo específico de tratar do “domínio metódico da conduta humana”, o conceito típico-ideal de ascese é enfocado. De acordo com esse conceito, exige-se do asceta uma série de comportamentos que apontam para um racionalismo, tanto no sentido de uma sistematização racional de sua própria conduta de vida pessoal quanto no sentido da rejeição de tudo o que é eticamente irracional, seja artístico, seja pessoal-sentimental dentro do mundo e de suas ordens (PIERUCCI, 2003, p.96).

Entre os adeptos dos desdobramentos do protestantismo (pentecostalismo renovado e neopentecostalismo) há uma cultura, ainda que em graus diferentes, baseada numa conduta de vida ascética. Essa conduta propagada nos cultos e divulgada pelos meios de comunicação, evidencia-se pelo discurso dos informantes, quando se referem à sua participação pessoal e constante nas atividades religiosas e quando, na mídia⁵¹, expressam vibração com a visibilidade do protestantismo.

É preciso considerar que o papel de devoto exige a combinação da vida voltada ao trabalho secular com a sua participação ativa na programação da igreja, procedimento que demanda sistematização racional da própria conduta de vida, no sentido de controlar o cansaço, o sono, o consumo, as práticas culturais, o lazer, e até a dieta alimentar, praticando jejuns.

Nota-se que, na mídia televisiva e radiofônica e escrita, o perfil que as lideranças evangélicas divulgam de si mesmas é de pessoas que se dedicam incansavelmente ao serviço religioso, desempenhando diferentes funções e atuando em diferentes esferas sociais. Com programações que vão além do culto e das pregações religiosas, essas lideranças se

⁵¹ Um bom exemplo da postura ascética, amplamente divulgado pela mídia, ocorreu recentemente, com o casamento do jogador de futebol Kaká, membro da Igreja Evangélica Renascer em Cristo, que declarou o seu ascetismo sexual, em obediência à orientação religiosa que prega a abstinência sexual fora do matrimônio.

apresentam numa organização religiosa também voltada para o mercado de consumo, como comunicadores de rádio, de televisão bem como de outros meios de comunicação, no papel de pastores, conselheiros e/ou articuladores em diferentes situações sociais. Dessa forma acabam ditando um modelo de conduta ascético relacionado à prática religiosa. Esse modelo ainda recebe reforços pontuais com procedimentos característicos das diferentes vertentes protestantes, como no caso dos pastores da Igreja Universal que, num exemplo de autocontrole sobre o corpo e o espírito, atendem à exigência de não terem filhos, ou de se submeterem à vasectomia quando mandados para fora do país em missão religiosa (CAMPOS, 1977, p.407).

No que se refere ao ascetismo no ambiente familiar, considerando-o como uma instância privilegiada de socialização por representar a mediação entre o homem e a sociedade, é preciso admitir que a família não só projeta valores, normas e crenças dominantes na sociedade, mas também os reproduz, os reforça e, muitas vezes, os modifica dentro do próprio grupo familiar.

Essa característica da ação familiar pode ser claramente percebida nas famílias evangélicas pesquisadas que, na sua quase totalidade, pertencendo às camadas mais pobres da população, têm uma história de desestruturação, de falta de estabilidade, de ambiente agressivo, uma realidade que se repete e parece ter relação direta com a miséria e a marginalização social, anterior à conversão ao protestantismo. Percebe-se, contudo, que atualmente essas famílias apresentam uma configuração relativamente estável por manterem uma relação de interdependência social e afetiva que denota certa regularidade na vivência entre pais e filhos. Queremos crer que essa configuração esteja relacionada com a relativa inserção social proporcionada pela participação dos entrevistados nas atividades da igreja. É aqui que se cria um sentimento de pertença a um grupo com regras claras de conduta e comportamento as quais extrapolam os limites do ambiente religioso.

Originárias, na sua maioria, de lares desestruturados e tendo conquistado uma situação familiar organizada, parte das famílias evangélicas pesquisadas nutre a esperança de continuar a manter o espaço de convivência familiar em ordem, de forma a criar condições para a ascensão espiritual e social dos filhos. Tal disposição é mais característica de algumas famílias pentecostais e neopentecostais recém convertidas. Essa vontade funciona como estímulo para o estabelecimento de relações sociais significativas e duráveis entre seus membros da família..

No discurso dos pais fica clara a crença de que a ordem no ambiente familiar contribui para que os filhos se desenvolvam em termos escolares. Por esse motivo, os pais procuram

investir na escolarização dos filhos, tanto em termos religiosos, incentivando-os na participação da escola dominical, quanto na formação secular. Nesse contexto, o ascetismo doméstico, percebido nas famílias pesquisadas, representa uma dimensão do esforço despendido para educar os filhos, não apenas para se tornarem seguidores da crença religiosa mas, sobretudo, para se constituírem pessoas capacitadas, equilibradas e trabalhadoras e, principalmente, engajadas na sociedade.

Nesse sentido, percebe-se a disposição dos pais em renunciarem aos prazeres pessoais para que os filhos possam ascender socialmente, algo que relacionam diretamente com o processo de escolarização. O ascetismo familiar se traduz, então, no investimento intensivo nos estudos da prole, passando pela valorização da disciplina e do autocontrole dos filhos, sempre apoiado nos ensinamentos bíblicos que orientam os adeptos do cristianismo ao domínio próprio.

Essa disposição da maioria dos pais em sacrificar-se pelos filhos, deixando os lazes para mais tarde e concentrando-se na realização dos objetivos mencionados, é ensinada aos filhos para que assim o façam em relação aos irmãos. Esse procedimento potencializa interdependências intimamente ligadas ao equilíbrio das tensões familiares, dando uma noção de estabilidade na configuração familiar, pois, a organização do universo familiar fundamenta-se em regras bastante exigentes que os pais impõem a si mesmos e exigem que a prole as respeitem da mesma forma.

Pelo que se pode constatar através da pesquisa de campo, conforme exposto, observa-se o costume generalizado de os familiares comerem todos juntos, em horário determinado, pelo menos em uma das refeições, como também se verifica certo rigor e regularidade na organização temporal das atividades (horários, dias específicos para ir aos cultos, receber amigos, brincar, fazer as tarefas). Assim, o treino ético que a dimensão ascética da religião impõe a seus membros é reforçado nas famílias pelo controle e autocontrole dos sujeitos que compõem o universo doméstico, fazendo que o ascetismo das práticas religiosas se estenda para a vida profissional dos pais e para o ambiente familiar e escolar dos filhos. Portanto, deduz-se que os filhos dispõem de autonomia restrita em termos de escolhas, visto que os lazes, entretenimentos, práticas culturais e sociais, sob a orientação dos pais, estão exclusivamente relacionados às práticas da igreja, ao ascetismo e são docilmente acolhidas pela prole.

Essa constatação revela uma propensão dos filhos à renúncia de si mesmos, aparentando certo conformismo em relação às atividades admitidas pelos pais, como é no caso de aprender a tocar clarinete ou flauta, porque são os instrumentos disponíveis na igreja.

Entretanto, ao contrário do que ocorre em casa, a maioria dos filhos dos casais entrevistados opõem certa resistência às atividades extracurriculares propostas pela escola, como participar do conselho de escola, do grêmio estudantil, da liderança de classe, de campeonatos esportivos e de oficinas culturais, entre outras atividades. Ressalta-se aqui a resistência que alguns adolescentes do gênero masculino oferecem quanto à participação nas aulas de educação física, pela qual não revelam interesse, conforme consta do resultado das entrevistas realizadas junto aos professores da escola (cf. Cap. 2).

Quanto ao ascetismo na escola, o próprio cumprimento da rotina escolar diária exige certa disposição moral para que se realizem os objetivos da instituição, uma vez que essa rotina envolve relações de poder, reconhecimento da autoridade, submissão a regras e normas. Os objetivos das ações escolares não se restringem à construção do conhecimento, incluem também a aquisição de hábitos de vida, como pontualidade, assiduidade, frequência, aspectos que integram a expectativa dos pais. De acordo com Bourdieu (2004a), a escola valoriza e cobra não apenas o domínio de um conjunto de referências culturais e lingüísticas mas também um modo específico de se relacionar com a cultura e o saber. Vale lembrar também que Durkheim (1978) afirma que a educação moral escolar deve imprimir no jovem certo estado de disposições morais e disciplinares.

Nota-se que, no que se refere à escola, em consonância com o acabamos de mencionar, os pais dos alunos protestantes esperam que o tempo dos filhos seja ocupado não apenas com conhecimentos e saberes mas também com aprendizagens voltadas ao desenvolvimento da disciplina pessoal.

As atividades escolares também geram disposições ascéticas ao considerarem a utilização do tempo, a regularidade das ações, a previsão e submissão a seqüências temporais (realizar as tarefas na hora certa). Dessa forma, o ascetismo escolar, herdeiro das práticas dos monastérios e conventos, manifesta-se basicamente no controle do tempo, por meio do estabelecimento de ritmos, obrigações e ocupações determinadas, de modo regular e sistematizado.

Conforme vimos, a conduta ascética estimulada pelo culto e pelas pregações religiosas e ainda reforçada pela mídia, apresenta-se como um modelo estreitamente relacionado à prática religiosa. Nota-se que, enquanto devotos, os protestantes, de um modo geral, combinam a vida de trabalho com as atividades da igreja, procurando sistematizar racionalmente sua conduta, para o bom desempenho de suas funções, cumprindo os preceitos bíblicos.

No ambiente familiar, o ascetismo se traduz no investimento intensivo dos pais nos estudos dos filhos, passando pela valorização da disciplina e do autocontrole da prole, com apoio nos ensinamentos bíblicos que orientam esses adeptos do cristianismo ao domínio próprio. Nesse sentido, o treino ético imposto pela dimensão ascética da religião vê-se reforçado nas famílias, fazendo que o ascetismo das práticas religiosas se estenda não só para a vida profissional dos pais mas também para o ambiente familiar e escolar dos filhos.

Quanto à escola, como o cumprimento de sua rotina diária exige certa disposição moral para que se realizem os seus objetivos que, além da construção do conhecimento, incluem hábitos de vida, nota-se que nela se geram disposições ascéticas para o cumprimento de suas tarefas. Dessa forma, o ascetismo escolar se manifesta no controle do tempo, pela organização sistemática das atividades impostas aos alunos. Portanto, o ascetismo se faz presente nas três instâncias, religião, família e escola e, a exemplo do que se verificou com a racionalidade e com a disciplina, funciona de acordo com os objetivos de cada uma, concorrendo para reforçar o processo de socialização dos alunos.

5.2.4 Cultura Escrita

Dando continuidade à nossa exposição, focalizaremos a cultura escrita.

Em relação essa cultura, pensada nas esferas da família, da escola e da religião, nos reportamos ao cristianismo, que se define como uma religião da palavra – Lovgo – e do livro – Bivblo –, lembrando que Lutero reforça esse aspecto na Reforma Protestante. Para Weber, tal religião de livro, ou seja, a bíblica “(...) converte-se na base de um sistema educativo não só para os membros do sacerdócio mas também, e até especialmente, para os leigos.” (WEBER, 2000, p. 315).

Conforme vimos inicialmente, o protestantismo teve a sua gênese com Martinho Lutero, homem sábio e culto, que tomou como princípio da Reforma da Igreja o reconhecimento da Bíblia como fonte única de revelação e salvação. Por esse motivo, uma das primeiras preocupações dos reformadores foi a disponibilidade da Bíblia em língua vernácula. Vale lembrar que, antes de Lutero terminar a sua tradução da Bíblia em 1534, alguns pastores de Zurique já tinham proposto uma Bíblia alemã, em 1530, assim como ocorrera na Holanda, em 1526; na Itália, em 1532 e na França, em 1535. A difusão da Reforma por toda Europa deveu-se em grande parte à ampla divulgação das idéias de Lutero por meio de seus escritos, assim como a Reforma de Calvino, empreendida em Genebra, alcançou o público com a publicação da sua obra *Instituição da religião cristã*, em 1536.

À medida que as idéias reformistas ganhavam adeptos, crescia o consumo e a produção de livros, catecismos, salmos, entre outros, pelo fato de a doutrina enfatizar a apropriação do conhecimento por meio da palavra escrita.

Em relação à prática da leitura, Chartier e Hébrard (1995), consideram que o investimento dos protestantes nessa prática cultural se deve ao seu apoio nas idéias de Bréal (1872, p. 73), que vê a relação da religião com a prática da leitura como uma imersão num processo cultural contínuo. Observe-se o que afirma a respeito da leitura:

“Ler não é algo tão fácil como nos parece: requer treino e prática. O catolicismo não somente substitui o livro pelo rosário como ainda elogia a santa ignorância. Considera-se a mulher espanhola que passou uma hora sentada num banco de igreja, com um leque na mão, como alguém que realizou uma obra que agrada a Deus. Comparemo-la com a mulher protestante, que lê e relê sua Bíblia, procurando penetrar na linguagem simbólica do Velho Testamento ou tentando harmonizar os três livros sinóticos. Admitamos que ambas sejam dotadas de iguais qualidades morais e de inteligência: como são diferentes as maneiras de tratar o espírito! De um lado, é mantido incultivado (caso não se tenha ainda tornado estéril); do outro, é submetido a um processo cultural contínuo.” (BRÉAL, 1872, p.73 apud CHARTIER e JEAN HÉBRARD, 1995, p. 349).

Ainda que o protestantismo no contexto social brasileiro seja muito amplo e diversificado, vivenciou sua dimensão educativa em relação à cultura escrita no que diz respeito ao protestantismo histórico, ficando sujeito às variações nos diferentes contextos de seus desdobramentos – pentecostalismo e neopentecostalismo.

Segundo Campos (1977, p.248), antes da chegada dos missionários Robert Calley (congregacionista) e Ashbel G. Simonton (presbiteriano), na metade do século XIX, viajantes teriam distribuído bíblias, livros devocionais e panfletos protestantes no interior de nosso país. Este fato indica a presença da cultura escrita na prática religiosa, nesse processo inicial do trabalho missionário no Brasil. Dessa forma, relativamente à educação, os missionários preocuparam-se principalmente com o analfabetismo, pois traziam uma prática litúrgica e educacional baseada na leitura e na escrita.

Já o pentecostalismo, apesar de trazer, em suas raízes, as marcas do protestantismo histórico ou tradicional em relação à cultura escrita, na sistematização do conhecimento para fins de transmissão de sua doutrina, privilegia a oralidade em suas práticas, prescindindo,

inicialmente, do estabelecimento de ensino oficial, ou seja, escolas destinadas educação formal (RAMALHO, 1976, p. 67).

Características semelhantes às do pentecostalismo, quanto à cultura escrita, podem ser observadas nas igrejas neopentecostais por nós observadas, quais sejam: a Universal do Reino de Deus e a Renascer em Cristo. Nota-se que essas igrejas também prescindem de estabelecimentos de ensino oficial, mas não dispensam outras de modalidades de ensino voltadas para a transmissão da cultura religiosa. Percebemos que essa nossa observação contraria a opinião de Pierucci, a respeito dos neopentecostais, quando afirma:

"(...) esses novos protestantes *made in Brazil*, que parecem sempre à beira de um ataque definitivo de pós-protestantismo explícito, expressam uma diminuição pelo interesse da leitura da bíblia e pela condução metódica de vida, desinteresse." (PIERUCCI, 1996, p.25).

Acreditamos que tal desencontro de opiniões se deva ao fato de a pesquisa ter tomado como amostra apenas duas igrejas, devendo ser ampliada para que se possa ou não validar tal resultado.

No que se refere ao pentecostalismo, observa Oliveira (1997, p.82) que, apesar de “ser a Bíblia o livro mestre e grande o empenho pela sua divulgação, a criação de escolas e seminários não acompanhou a expansão das igrejas e seitas pentecostais”. Como vimos, embora a maioria dos pentecostais, nas suas várias denominações, não dispensem a leitura do texto bíblico, alguns dentre eles não investiram na transmissão sistemática do conhecimento religioso, por meio das escolas dominicais.

Não obstante as afirmações precedentes, dentre as igrejas pentecostais observadas e freqüentadas pelas famílias pesquisadas, a Assembléia de Deus se caracteriza pelo envolvimento não apenas com o ensino do seu ideário e com a manutenção de escolas bíblicas e de seminários mas também com programas de alfabetização, cursos por correspondência, publicação e divulgação de materiais escritos, visuais e audiovisuais, relacionados a temas de cunho teológico e social. Mantém inclusive o *Centro de Publicações da Assembléia de Deus* (CPAD), uma casa publicadora de sua propriedade. Observa-se o mesmo na Igreja Quadrangular, pelo seu investimento acentuado nas escolas dominicais e na cultura de seus adeptos.

Embora todas as famílias pesquisadas se declarem genericamente “evangélicas” e apresentem maior ou menor aproximação com a cultura escrita, tanto no universo religioso como no familiar, reiteramos que a abordagem da cultura escrita no universo pesquisado,

precisa levar em conta os diferentes desdobramentos do protestantismo tendo em vista suas diferentes características.

Vale lembrar, ainda, que, em matéria de religião, a relação com a escrita está diretamente ligada aos princípios metodológicos da pregação e até mesmo às características do pastor ou líder de cada templo. A guisa de exemplo podemos citar, dentre as igrejas visitadas, a Igreja Bethesta, que apresenta um discurso notadamente marcado por apelo intelectual; a Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, que dispõe de diferentes suportes de texto acessíveis ao fiel para acompanhamento do culto e apresenta um discurso cuidadosamente articulado ao texto e ao contexto; a Igreja Universal do Reino de Deus, que tem um enfoque notório na comunicação oral; a Igreja Apostólica Renascer em Cristo, que tem na leitura e escrita uma das principais características de seus cultos: enfoque na leitura do texto bíblico, letra dos hinos e louvores num painel, leitura de testemunhos redigidos por fiéis da igreja e anotações das palavras proferidas pelos pastores e líderes que ocupam o púlpito, entre outras.

Ainda que a comunicação oral-auditiva seja uma característica dos diferentes desdobramentos e das múltiplas tendências que caracterizam o protestantismo, jornais, revistas, panfletos e livros são suportes de textos encontrados na maioria deles. Portanto, a escrita, com maior ou menor ênfase, está presente nas diferentes vertentes do protestantismo. Acreditamos que a exposição dos fiéis à prática da leitura, com certa regularidade e frequência, favorece o desenvolvimento de competências que, em termos lingüísticos, se mostram compatíveis com as exigências escolares.

Quanto à cultura escrita no ambiente doméstico, retomamos a observação de Lahire (1997, p.20) sobre a capitalização das estruturas textuais pela criança que conhece histórias lidas por seus pais, podendo reinvestir tais estruturas em situações de comunicação oral ou escrita. Uma das características fortemente distintivas no lar em que os pais professam a religião evangélica, sem dúvida, são as histórias das personagens bíblicas ou de fundo moral cristão, das quais os pais lançam mão para o lazer e orientação educacional e/ou moral dos filhos.

Um outro comportamento da maioria dos pais evangélicos é a leitura sistemática da Bíblia ou dos livros relacionados à religião, de modo sistematizado, a fim de apreender e compreender os ensinamentos doutrinários, para diversos fins, como, por exemplo, preparar textos para a “pregação” ou evangelização de outros, ou simplesmente atender a alguma proposta pedagógica da igreja.

Muitos pais declararam que separam momentos, no âmbito doméstico, para à leitura de textos bíblicos, ou de literaturas relacionadas à doutrina, assim como de escritura de textos testemunhais para serem lidos na igreja, entre outros. Alguns informantes, de determinadas vertentes protestantes, declaram que a leitura da Bíblia, no lar, além de lhes dar conforto, é uma obrigação dos fiéis; sendo que alguns, dentre os entrevistados, costumam fazer anotações durante os cultos e retomá-las em casa. Para Proença (2003) a leitura é um dos rudimentos que dá sustentação aos convertidos do universo protestante:

"(...) lê-se para estruturar" e "compreender a vida" e conferir-lhe "significado". Pelas leituras educam os filhos, se estabelecem os ritos para guerrear e vencer o demônio; por meio dela são criadas as regras de comportamento, elaborados os argumentos para a entrega de "dízimos" e ofertas; é ela que também dá sustentação ao poder exercido pelo líder e legitimação aos títulos que ostenta, conferindo-lhe autoridade perante o grupo a fim de conduzi-lo." (PROENÇA, 2003, p. 34).

Observa Lahire (1997, p.21) que a criança associa a maneira como os pais se relacionam com a leitura e a escrita, desenvolvendo na escola postura semelhante. Para o autor, a escrita no ambiente doméstico não tem um papel apenas de exemplo mas, sobretudo, de organização doméstica, o que potencializa o desenvolvimento de capacidades relacionadas ao ato de planejar, condição desejável no universo escolar.

A presença objetiva de atos de escrita familiar está associada também ao registro da comunicação e das necessidades cotidianas, de acordo com o discurso dos informantes, pois bilhetes, receitas, cálculo e previsão de gastos domésticos e possíveis aquisições representam objeto de planejamento nas famílias investigadas. As práticas de lazer e consumo estão diretamente relacionadas a uma ordem de prioridades, o que demanda projeto, seleção, classificação, escolha, planejamento, habilidades no pensar.

É certo que o simples fato de pertencer a um grupo familiar de pais leitores e escritores não garante que o filho interiorizará, de imediato, a situação escolar. O que chama a atenção no grupo pesquisado não é o fato de todos possuírem a Bíblia em casa e de a quase totalidade se declarar leitores freqüentes da palavra escrita, mas a maneira como fazem a intermediação entre a escrita e os filhos. Uma das práticas freqüentemente reportadas e que parece constituir-se em estratégia de interiorização é que a maioria dos pais lê e conta histórias bíblicas aos filhos, desde tenra idade, criando momentos de intimidade e interação com a leitura.

Uma outra estratégia de interiorização bastante significativa é a proximidade com a cultura escolar, dada à vivência sistemática da família com práticas de leitura e escrita na escola dominical. São prestigiadas as publicações religiosas voltadas para crianças e

adolescentes como revistas em quadrinhos, os cadernos para colorir, as palavras cruzadas, os jogos e os quebra-cabeças com temáticas bíblicas. A quase totalidade dos pais procura presentear os filhos com essa espécie de literatura infantil.

Apesar desse incentivo pela leitura, percebe-se, no âmbito familiar, uma prática reduzida a poucos livros: Bíblia, obras relacionadas ao estudo religioso, literatura escolar, alguns romances e volumes de enciclopédia. Também se observa pouca circulação em termos de periódicos e/ou outro tipo de literatura escrita para adolescentes e adultos, conforme comentado por ocasião da caracterização das famílias.

Conclui-se que no universo familiar pesquisado ainda que os textos bíblicos passem por leituras coletivas decifradas de "uns para outros", trata-se de uma prática que amplia de algum modo o capital cultural da família e mobiliza capacidades compatíveis com o universo escolar. Segundo Chartier (2001, p. 234), ler remete sempre, mesmo em face de um ritual, a um processo de inteligibilidade, o que é necessário à formação de competências.

No contexto escolar, por sua vez, a cultura escrita se caracteriza enquanto ação social instituída que demanda aprendizagem e ocupa um espaço privilegiado no processo de transmissão da cultura letrada. A escola é hoje, e desde há muito tempo, a principal instituição responsável pela preparação de pessoas para a participação no mundo da escrita, utilizando-se primordialmente de registros verbais em suas práticas de construção e reconstrução do conhecimento, bem como de elaboração do pensamento. Portanto, a escrita entendida em sentido ampla, abrangendo tanto a leitura como a produção de textos, coloca-se, no centro dos espaços discursivos escolares, como uma das metas fundamentais da educação institucionalizada.

Nesse sentido, leitura e escrita estão estreitamente relacionadas com o engajamento cognitivo do aluno por se tratar de práticas que desenvolvem habilidades do pensamento, uma vez que envolvem diferentes processos mentais, como atenção, percepção, memória e pensamento, que são de extrema importância para a compreensão da linguagem. São exigidos do cidadão, receptor e/ou produtor de textos, estratégias de dedução, de indução e de inferência, habilidades essas necessárias à formação do leitor competente, ensinadas e aprendidas na escola, porém não exclusivamente nela.

Observa Sacristan (2005, p.180) que a condição de bom leitor não está ligada somente à escolaridade mas também a outras circunstâncias sociais, uma vez que inúmeros fatores de socialização concorrem para que se crie o hábito da leitura e se desenvolva o domínio da

escrita. No entendimento dos escolásticos⁵², o *habitus* é um termo utilizado para designar uma qualidade estável e difícil de ser apreendida, necessitando de execuções repetidas de determinados atos para ser adquirido. Ainda segundo os escolásticos, o *habitus*, sistema de “disposições duráveis”, resulta de um longo processo de aprendizado, produto do contato dos atores sociais com diversas modalidades de estrutura social. Dessa forma, a inserção do aluno na família, na igreja, na escola, espaços sociais que privilegiam determinadas ações e práticas que se repetem, contribui cada qual à sua maneira, para o estabelecimento de uma matriz de percepção, de apreciação e de ação que pode ser reforçada por determinadas condições sociais.

Portanto, no que diz respeito aos universos pesquisados – família, religião e escola – mais do que correlações e convergências de ações, o que realmente se observa é certa coerência nos princípios de socialização aos quais estão sujeitos os atores envolvidos na pesquisa. Percebe-se um investimento em conteúdos, procedimentos e atitudes socializadoras (racionalidade, ascetismo, poder e autoridade, disciplina, escrita, entre outros) recorrentes na família, na escola e na prática religiosa, capaz, por isso mesmo, de potencializar tais resultados.

5.3 ARTICULAÇÃO DAS INSTÂNCIAS DE SOCIALIZAÇÃO

A religião, entendida como um sistema de regulamentação da vida (Weber, 1982), ao apontar para a possibilidade de mudança social por meio do carisma e da religião, não nega o seu papel conservador e controlador, que se potencializa ao influenciar os valores morais e éticos da família e das demais instâncias sociais. A família que, enquanto instituição, organiza e estrutura o modo de vida dos indivíduos, constitui-se também em agência de controle social, que transmite valores e normas fortemente influenciados pelos códigos morais. Dessa forma, pode-se dizer que a religião, através de seu processo de socialização, seus ritos e mitos, exerce controle sobre o comportamento de seus adeptos e encontra ressonância no universo familiar, que procura também a conservação e reprodução de seus capitais. Conforme observa Bourdieu (2004a, p.177), “(...) a família permanece um dos lugares de acumulação, de conservação e de reprodução de diferentes tipos de capital”.

⁵² Ver Mora, José Fester. Dicionário de Filosofia, Sudamericana, 1971. Segundo o autor Carlos Benedito Martins Bourdieu vai reter a idéia de escolástica *habitus*, enquanto um sistema de “disposições duráveis”.

Neste sentido, a família, a religião e a escola, como espaços produtores e difusores de valores e padrões de comportamento, ao mesmo tempo em que exercem controle sobre seus membros, contribuem para a regularização do funcionamento da sociedade vista como um todo. Entretanto, é interessante notar que o controle social se refere a um sistema de símbolos e normas culturais e arbitrárias passível de modificações. Os grupos sociais tendem a reproduzir esse conjunto de símbolos e normas, no sentido de sua manutenção e conservação. Trata-se de uma forma de controle social inevitável, no entanto passível de problematizar-se.

Na visão de Sacristan (2005, p.123), a família disciplina, moraliza e educa em nome da ordem social representada pelo Estado. No contexto das famílias pesquisadas, observamos que assim procedem em nome dos valores da religião que professam. Tanto a religião como a família dos alunos pesquisados, enquanto instituições socializadoras, tendem a formar o sujeito não apenas transmitindo o instituído, mas procurando manter uma estrutura de plausibilidade, um *nomos* que, segundo Berger (1985), fortalece os mecanismos de interiorização de normas que prezam a obediência, a passividade, a docilidade em relação às expectativas sociais e religiosas. Para realizar esses intentos, ambas, a religião e a família, buscam estratégias de reprodução, principalmente pelas vias escolares, por meio da educação. Desse ponto de vista, o sistema educacional também se afigura como uma agência de regulação social, contribuindo para fiscalização do comportamento dos agentes sociais. Para Sacristan (2005, p.182), a escola adquiriu sua forma de trabalhar encarnando e abrigando um poder delegado pela família e pelo Estado, o que lhe confere uma forma peculiar de exercer autoridade e impor os seus sistemas de controle, de forma implícita ou explícita, através de regulamentos escritos e não escritos. Na visão de Max Weber (apud BOTTOMORE, 1987), toda a racionalização do mundo moderno está ligada ao desenvolvimento do conhecimento científico, ficando para os sistemas educacionais, no último século, a responsabilidade de sua transmissão. Dessa forma, pode-se considerar a educação formal, tendo a escola como principal agente, uma dimensão formadora e reprodutora do controle social.

Em se tratando de escola, Bourdieu e Passeron (apud ALVES 1986, p.9), em seu livro *A reprodução*, denunciam que ela serve como um mecanismo de reprodução e manutenção da ideologia dominante. Para os autores, as crianças interiorizam valores, crenças, atitudes, formas de pensar, de perceber, de apreciar e de agir devidamente valorizados no contexto social no qual estão inseridas. Segundo eles, a escola contemporânea, assim como a sociedade, valoriza o *habitus* da classe dominante, portanto reproduz o sistema de valores sobre o qual as forças dominantes atuam, visando à manutenção do poder. Dito de outra

forma, segundo os autores, a escola funciona como um sistema de controle, contribuindo para a manutenção e reprodução de hierarquias sociais.

Também para Bourdieu (2004a, p. 131), a família tem um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social, isto é, na reprodução da estrutura do espaço das relações sociais. Nesse sentido, observamos que as estratégias de transmissão da herança cultural, simbólica, afetiva e econômica, se constituem instrumentos de pressão e coerção, que têm na educação familiar e escolar seus principais meios de atuação.

Para o interesse desta reflexão seria interessante colocar que as famílias pesquisadas deixam bastante claro que investem na educação escolar, porque percebem a escola como principal estratégia de controle para a manutenção e ampliação da posição social que ocupam. A escola representa uma estratégia de mobilidade social, como também confere aos que dela participam com sucesso, prestígio e honra no contexto religioso, conforme anteriormente dito. Um adepto letrado, com desenvoltura no campo da leitura e da escrita, não tem apenas maior facilidade de compreensão e apreensão do texto bíblico mas também capitaliza possibilidades de acesso a funções dentro da hierarquia da igreja, funções que demandam o conhecimento socialmente construído, ou seja, certo capital cultural que se converte em poder e prestígio social.

No grupo pesquisado, uma das estratégias de transmissão observadas é o próprio discurso, formulado com base nas orientações recebidas durante as pregações, nos cultos, nas escolas dominicais, nos estudos bíblicos, no conteúdo dos hinos e dos louvores. Basicamente, assim como na igreja, diferentes linguagens são utilizadas no processo de transmissão de elementos que caracterizam o estilo de vida dessas famílias, havendo um notório predomínio da linguagem verbal. Esse fato possibilita não só a representação e a regulação, tanto dos próprios pensamentos e ações quanto dos alheios, mas também representam um modo de influenciar o outro pela convivência, por uma forma branda e gradual de educação. Desse modo, o discurso produzido e utilizado no contexto familiar, baseado na leitura do texto bíblico e materiais afins, de conteúdo religioso, bem como a repetição de expressões e de palavras de ordem, relacionadas ao contexto religioso, têm como objetivo a regulação do pensamento, a formação de categorias do julgamento dos membros da família.

É interessante observar que do pentecostalismo clássico ao neopentecostalismo, desdobramentos do protestantismo ascético, afeito à leitura das Sagradas Escrituras, há grupos que sofrem ganhos e perdas em relação às práticas da escrita, uma vez que esta perde seu papel central nas novas configurações, em detrimento de outras linguagens. No universo

social pesquisado, basicamente constituído por protestantes tradicionais e pentecostais renovados, predispostos à leitura e ao conhecimento da palavra bíblica, é importante ressaltar que essas práticas representam a base dos meios de controle, manutenção e de reprodução dos valores e crenças professados.

Um outro exemplo do uso freqüente do poder da linguagem como estratégia reguladora são as orações realizadas em família. Essa prática potencializa a incorporação dos ensinamentos pelas crianças, uma vez que a oração representa uma conversa, com frases gramaticalmente articuladas, num discurso elaborado a partir das necessidades pessoais dos membros do grupo familiar.

Vale reforçar também o poder da escola dominical. Para nós ela não cumpre apenas a função de formar seus adeptos, em termos de conhecimento doutrinário e comportamental. Nesse caso não chamamos atenção somente para o conteúdo religioso que a escola transmite, mas sim para um sistema de categorias de julgamento, de percepção e de pensamento que ela veicula, com o objetivo de inculcar nos fiéis uma certa visão de mundo.

A educação desenvolvida nas escolas dominicais, mesmo tendo se apropriado de práticas pedagógicas e metodologias pertinentes à educação formal, tem como principal objetivo educar para uma conformação religiosa, com intenções e conteúdos que são específicos da Igreja, conforme a ideologia e os princípios da denominação representada. A exposição e a freqüência regulares às situações de ensino das escolas dominicais levam não só à reprodução de um estilo de vida compatível com a manutenção dos princípios doutrinários mas também predis põem seus adeptos a uma distinção em termos de capitais, ou seja, confere-lhes um capital moral conservador.

Dito de outra forma, as escolas dominicais, empenhando-se na transmissão do capital cultural religioso, tendem a desenvolver hábitos, procedimentos, esquemas de ação que, em continuidade ao universo familiar, acabam por potencializar um *habitus* dócil, disciplinado e predisposto a obediência.

Embora Bourdieu (2004a, p.177) afirme que o capital social seja em grande parte reproduzido pela família, observa-se, pelo discurso dos entrevistados, que a convivência na igreja, nos seus espaços de socialização, de forma regular e constante, possibilita a construção de uma rede de relações extremamente útil, que constitui uma força de controle e pressão social. Uma das principais evidências desse fato surge no discurso dos educadores, na pré-investigação de nossa pesquisa, que são unânimes ao observar que os alunos de pertença religiosa protestante buscam se agrupar na escola, inclusive espacialmente, ocupando na sala de aula lugares próximos ou reunindo-se, no intervalo das aulas, em rodas de conversa, de tal

sorte que são facilmente identificados como grupo pelos outros estudantes. Na própria configuração do campo de pesquisa foi possível constatar esse fato, pois os alunos apresentaram-se como voluntários para a realização das entrevistas com os familiares, sempre em pequenos grupos ou duplas. Durante os encontros com as famílias, verificou-se que os pais dos alunos se conheciam, ou por frequentarem a mesma igreja ou por já terem se aproximado em eventos escolares pela identificação religiosa dos filhos.

Bourdieu (2003a, p.32) observa que tanto Karl Marx quanto Max Weber concordam que a religião cumpre a função de conservação de uma dada ordem social. Nesse sentido verifica-se que regras de conduta relacionadas à ascese, à disciplina, ao respeito à autoridade e às hierarquias sociais, elementos inculcados na igreja, são fortemente reforçadas no universo doméstico e nas instituições escolares, apresentando-se como constitutivos de um *habitus* e práticas, em consonância com demandas e expectativas sociais de indivíduos dóceis e obedientes.

Quanto aos mecanismos de controle social, as práticas religiosas de ensinar, aconselhar, evangelizar, dirimir dúvidas, são constantes no processo de manutenção do mundo religioso e de sua plausibilidade. É na família, no entanto, que o projeto de socialização religioso ganha seus principais aliados, no sentido de reforçar os seus valores, normas e regras.

Pode-se afirmar, portanto, que, devido à existência de compatibilidade entre os projetos de socialização praticados nos universos familiar, escolar e religioso, ocorre o fortalecimento dessas instâncias de controle social. Os objetivos dessas instâncias, seus conteúdos e suas estratégias estão voltados à manutenção e reprodução de uma ordem, o que implica investimento na conformação e na acomodação às suas propostas. Nesse sentido, o que se verifica é a formação de corpos e mentalidades dóceis, subordinados a uma violência simbólica⁵³, ou seja, a uma submissão branda, lenta e gradual frente aos padrões e pressões sociais, isto é, uma tendência à aceitação, ao reconhecimento e a uma profunda identificação com os pressupostos dessa socialização. A coerência de propostas pedagógicas, desta feita, encerra um desconhecimento da arbitrariedade dos valores sociais promovidos neste processo. Concordando com Bourdieu (1989), o poder simbólico constitutivo dessas articulações de sentido se revela no lento processo de aquisição de referências culturais insensivelmente

⁵³ Para Pierre Bourdieu a violência simbólica representa a violência que extorpe submissões que sequer são percebidas como tais, apoiando-se em expectativas coletivas, em crenças socialmente inculcadas. Bourdieu considera que a religião contribui para a imposição dissimulada dos princípios de estrumação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e representações (BOURDIEU, 2003 a, p.33-34).

inculcadas, que faz que os indivíduos vejam como natural as representações ou idéias sociais dominantes. Constata-se, pelo discurso dos entrevistados, certa docilidade, credulidade, passividade diante do que se aprende e do que se lê nessas três esferas de ação, o que, de certa forma, os torna sujeitos adaptáveis e competentes para atuar nesses espaços, correspondendo com sucesso a muitas de suas exigências.

Desta feita, em relação às famílias pesquisadas, a convergência dos projetos coerentes de socialização dessas instâncias concorrem, explicitamente, para criar um *habitus* ascético e disciplinado que gera indivíduos adaptáveis, capazes de obter resultados satisfatórios na família, na religião e na escola. Nesse sentido, há que considerar que o mundo vivido se torna muito plausível, restringindo o espaço de reflexão a um nível de alienação, pouco condizente com as exigências de um mundo que demanda autonomia e reflexividade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho propusemo-nos a caracterizar a relação de afinidade entre a religião protestante, a escola, algumas famílias das camadas populares e suas influências no rendimento escolar favorável de alunos do ensino fundamental. Neste estudo, tomamos a prática da religião como um dos fatores socializadores envolvidos no processo de escolarização, analisando um grupo de alunos protestantes a fim de investigar o êxito que se evidenciava no rendimento escolar.

O objetivo mais específico, entretanto, consistiu em observar a articulação entre as práticas socializadoras da religião protestante, da escola e de algumas famílias das camadas populares, a fim de verificar em que medida facultavam ao aluno um rendimento escolar favorável.

Para a realização desta pesquisa partimos da hipótese de que o êxito no desempenho escolar de alunos protestantes servia-se de um *habitus* que adquirido na igreja e potencializado na família parecia agir em consonância com as práticas escolares, criando disposições que contribuía para a adaptabilidade dos alunos ao nível das exigências da escola.

Partindo da hipótese que envolvia um *habitus* construído no entrelaçamento de diferentes instâncias socializadoras, realizamos nossa pesquisa.

Refletir sobre a relação religião protestante e desempenho escolar não representou uma tarefa fácil desde o início do levantamento da hipótese de nossa pesquisa, em razão da falta de material teórico que tratasse da questão do êxito ou fracasso escolar com vistas à dimensão religiosa, enquanto instância socializadora. Contudo as idéias contidas nas obras de Max Weber e de Pierre Bourdieu, respectivamente *A Ética protestante e o espírito do capitalismo* e *La Distincion*, e nas leituras de obras de sociólogos, voltadas à religião e a cultura foram essenciais, para estabelecer a existência de uma relação entre o *habitus* do protestantismo com outras esferas de atuação social, o que veio corroborar a idéia de relação entre as práticas socializadoras protestante e o desempenho de seus adeptos na área escolar. Assim era necessário problematizar não só as características do protestantismo da atualidade mas também a relação da prática religiosa protestante e o sucesso escolar.

Quanto ao protestantismo, o resgate histórico, bem como leituras e observações da prática religiosa protestante de algumas denominações, nos permitiram concluir que o protestantismo calvinista de Weber do século passado, encontra-se no Brasil, agora

representado por várias vertentes, Embora essas vertentes guardem as características iniciais da gênese do protestantismo histórico, denotam variações em suas práticas religiosas, particularmente em relação à educação, objeto de nossa inquietude. Os protestantes – batistas, metodistas, presbiterianos – herdeiros da ascese puritana tradicional, são minoria, conforme se confirma em nossa pesquisa de campo, crescendo em número de adeptos, apenas quando se pentecostalizam. Os pentecostais de origem norte americana representam a maioria dos evangélicos no Brasil e, assim como a maior parte dos nossos entrevistados, esse grupo considera que os males do mundo existem em função da vontade de Deus, um tipo de pensamento que estimula uma postura mais conformista frente aos desafios sociais. Os neopentecostais, ultima onda do pentecostalismo que começou a se propagar no Brasil por volta dos anos 80, representam parte de um surto de igrejas evangélicas que, enquanto produtoras de sentido, não o fazem de modo globalizante, como ocorre com as dos protestantes tradicionais. Esses novos protestantes abandonam a idéia de dar uma resposta única aos problemas da humanidade e decidem por respostas mais individuais e específicas. Observa-se, agora, não mais uma ética pautada em valores universais que oscilam entre o profano e o sagrado, mas uma nova ética que comporta os dois lados, voltada para valores pessoais ou de grupos. Essa religiosidade manifesta-se principalmente entre as igrejas pentecostais renovadas e as neopentecostais, que se caracterizam por uma ética calcada na interação, na fusão entre as fronteiras materiais e espirituais, o que caracteriza uma ética comportamental não sectária.

O trabalho de campo, no entanto, iniciado com uma pré-investigação na escola e caracterizado por um diálogo junto aos profissionais da educação, revelou que para a maioria deles a relação religião e desempenho escolar não era uma questão totalmente ausente de suas reflexões. A partir dessa pré-investigação concluímos haver razoável concordância, entre os educadores, sobre o papel da religião na vida escolar dos alunos. Nesse sentido, os professores vincularam o desempenho dos alunos à religião, limitando-o às atitudes comportamentais – disciplina e respeito às regras escolares – com reflexos positivos na aprendizagem. Ainda que de forma exploratória e assistemática, deparamo-nos, também com um dado bastante interessante. Entre as várias vinculações do aluno protestante com o desempenho escolar surge o processo de avaliação escolar configurado para uma apreciação quantitativa e qualitativa do processo. Para os docentes, essa característica do sistema de avaliação, também concorria para um resultado de êxito favorável a alunos disciplinados, obedientes, dóceis, características essas geralmente encontradas em alunos de tradição protestante.

Um outro aspecto a ser considerado, nesta fase de pré-investigação, foi o fato de que para os professores, a organização familiar e o investimento moral e pedagógico dos pais protestantes na trajetória dos filhos, também exerciam um papel fundamental no êxito escolar dos alunos. Neste sentido, percebemos que os professores mencionavam diferentes instâncias de socialização às quais atribuíam alguma influência no êxito escolar dos jovens. Essa observação fez com que recorrêssemos as idéias de *Bourdieu* relacionadas à socialização familiar, para quem os elementos constitutivos do *habitus* presentes nas ações e práticas das famílias envolvidas poderiam explicitar um perfil cultural afinado as demandas escolares. Com base nessa concepção, observamos suas características sócio-econômicas e culturais.

De acordo com os resultados obtidos, os pesquisados se apresentavam como pessoas simples, que se ocupam com o trabalho, a família e a religião, característica essa decorrente de uma origem social humilde e de algumas restrições econômicas. Apresentam um baixo nível de escolaridade e uma alta expectativa de elevá-lo, com vistas a uma qualificação profissional que lhes permitisse maior mobilidade social e possibilidade de ascensão no contexto religioso. Dedicam-se e empenham-se na escolarização dos filhos, investem no capital moral e religioso da prole, de acordo com os princípios da religião, motivados a isso principalmente pela ausência de capital econômico e cultural legitimado pela sociedade. Consideram a religião e o trabalho como requisitos indispensáveis para o pertencimento e reconhecimento social. Verificou-se ainda, em relação ao consumo de bens, uma preocupação notável com a alimentação, com a adequação do vestuário e com a limpeza do ambiente doméstico. Quanto ao consumo cultural, o grupo revelou-se modesto, devido a restrições econômicas e religiosas, bem como aos limites de uma baixa escolaridade.

Por fim, configurou-se, nessas famílias, um estilo de vida, situações e práticas restritas às possibilidades de ganho no trabalho e às exigências divinas, sendo a religião o elemento prioritário do *ethos* cultural desses entrevistados.

Embora, sabidamente, a caracterização resultasse de um perfil desenhado a partir de questões genéricas, as famílias mostraram um *habitus* ético e moral e, de certa forma, ascético, predisposto às exigências escolares. Essa análise, também, revelou-nos um *habitus* vinculado às orientações religiosas e voltado para a integração e mobilidade social, que apresentam uma singularidade no modo de pensar e de agir, fundamentada na família e na religião.

Nota-se que essas famílias prezam o convívio familiar, valorizam a cultura escolar e o congregacionismo religioso.

Do nosso ponto de vista, a singularidade verificada no modo de pensar e de agir dos informantes apresenta-se como decorrência do circunscrito espaço de circulação do grupo, que se vê limitado à família, à escola, à religião. Acrescente-se que essa disposição provoca um distanciamento do modelo cultural de família veiculado pela mídia, sustentado pela sociedade, restringindo a visão de mundo unicamente a estes espaços de circulação.

Ao longo da construção do perfil das famílias pesquisadas, a hipótese inicial do nosso trabalho foi se confirmando, à medida que as famílias foram revelando um projeto de vida homogêneo em termos de valores e crenças, em consonância com seus espaços de circulação. Terminada a caracterização, fomos levados a concluir que poderia existir um feixe de práticas e de determinações socializadoras convergentes e coincidentes, entre as famílias pesquisadas que explicitariam um singular perfil.

Analisando as afinidades eletivas entre os espaços de socialização: família, escola e religião pudemos concluir que a racionalidade, no âmbito familiar, escolar e religioso, se apresenta em diferentes graus e formas distintas. Ainda pelo depoimento das famílias pesquisadas, evidenciou-se a preocupação com a precisão dos horários e com a regularidade nas ações, apontando para a consonância dos elementos que potencializam a adaptação do aluno à racionalidade que lhe é imposta nos diferentes contextos.

Quanto à disciplina no universo religioso, familiar e escolar pudemos concluir também que, a exemplo do que se ocorreu com a racionalidade, observaram-se afinidades da disciplina no âmbito familiar, escolar e religioso, funcionando cada uma dessas três instâncias de socialização de acordo com suas especificidades. No ambiente familiar, observou-se que a obediência e submissão dos filhos aos pais articula-se com o comportamento submisso da maioria das mães em relação aos maridos, com o investimento delas no acompanhamento e controle às obrigações dos filhos e com os ensinamentos que lhes transmitem, todos à luz da palavra bíblica, tomada como modelo de referência divina para a obediência. No universo religioso, a disciplina associada à moralidade e à obediência às regras da igreja se reflete nos atos repetidos com regularidade, com base na obediência e na submissão às autoridades espiritual e institucionalmente constituídas. No universo escolar, a disciplina vê-se representada num conjunto de ações e práticas pertinentes ao desempenho das funções escolares.

Quanto à conduta ascética estimulada pela religião e reforçada em várias ocasiões pela programação religiosa das mídias, embora tenha se apresentado como um modelo estreitamente relacionado a esta dimensão, observamos que as práticas familiares relatadas pelos nossos interlocutores demonstraram um comportamento que apontava para uma

sistematização racional da vida familiar. Ou seja, o trabalho e as atividades da igreja apareceram associados a uma sistematização racional de suas condutas, em cumprindo aos preceitos bíblicos, bem como no exercício das funções de cada um dos entrevistados.

No ambiente familiar, o ascetismo se traduziu no investimento intensivo dos pais nos estudos dos filhos, perpassando a disciplina e o autocontrole da prole, ambos apoiados na Bíblia, com vistas ao domínio próprio. Esse treino ético imposto pela dimensão ascética da religião apresentou-se reforçado nas famílias, estendendo o ascetismo das práticas religiosas para a vida profissional dos pais e para o ambiente familiar e escolar dos filhos.

Quanto à escola, as disposições ascéticas para o cumprimento de suas tarefas se manifestaram no controle do tempo, devido à organização sistemática das atividades impostas aos alunos. Portanto, pudemos deduzir que o ascetismo se fez e se faz presente nas três instâncias, igreja, família e escola e, a exemplo do que se verificou com a racionalidade e com a disciplina, funcionam de acordo com os objetivos de cada uma, concorrendo para reforçar um projeto único de socialização dos alunos.

Por fim, ainda que as famílias pesquisadas apresentem diferentes níveis de aproximação com a cultura escrita, tanto no universo religioso como no familiar, a escrita se apresenta enquanto estratégia socializadora. O relato de histórias para os filhos, desde pequenos, seja ele de personagens bíblicas ou de fundo moral cristão frequentemente é usado entre eles no lazer e, concomitantemente, para orientação educacional e/ou moral dos filhos. Enfatiza-se a leitura sistemática da Bíblia ou dos livros relacionados à religião, a fim de apreender e compreender os ensinamentos doutrinários.

Neste sentido, a proximidade com a cultura escolar, dada à vivência sistemática da família com práticas de leitura e escrita na escola dominical, também se fez evidente. Concluiu-se, pois que, no universo familiar pesquisado, a leitura pôde-se constituir uma prática que amplia o capital cultural da família bem como mobiliza capacidades compatíveis com o universo escolar.

Essas afinidades, entendidas enquanto coerências e convergências recorrentes nos projetos socialização dessas instâncias socializadoras, acabam por reforçar ações e práticas, disposições que favorecem o êxito em relação às demandas e expectativas desses espaços sociais. Se tomarmos como exemplo à escrita, um aluno sistematicamente exposto a essa prática na esfera religiosa e familiar, ainda que se considere a qualidade da interação com este objeto do conhecimento, capitalizará recursos em detrimento a outros não expostos a estes códigos.

Observamos assim que as famílias retomam e valorizam códigos de conhecimento e pensamento que a religião oferece, construindo e transmitindo a seus filhos um certo capital cultural, moral, ético e religioso que, segundo os professores, de certa forma a escola valoriza e premia.

Pode-se concluir, pois, que esta afinidade com a moral favorecida pela religião e vivida de modo ascético no universo familiar, contribui para que o aluno tenha maior oportunidade de sucesso no âmbito dessas esferas de ação. No entanto, se esta sinergia entre os projetos de socialização convergente, por um lado, contribui para a conformação e para o sucesso nos espaços de circulação, por outro, é possível observar também que essa homogeneidade de princípios éticos acaba corroborando um certo conformismo naqueles que estão sujeitos. Isto é, observamos que todos os aspectos acima comentados –racionalidade, ascetismo e disciplina- que explicitam afinidades no grupo pesquisado levam a um projeto de socialização coerente. Criam um *habitus* que predispõe seus agentes a estruturas disposicionais tão plausíveis e coerentes que passam a se tornar quase “naturais”, ou seja, estruturas reificadas, circunscritas aos espaços de circulação familiar, igreja, escola. Desta feita, a convergência de valores éticos iria produzir indivíduos bem adaptados, com todas as chances de desfrutarem de uma situação de êxito nas referidas esferas de socializadoras. Não obstante, é forçoso perguntar. Como caracterizar o produto final desta socialização por demais coerente?

Num derradeiro exercício analítico e compreensivo arriscaríamos afirmar que devido a plausibilidade entre as estruturas éticas e morais destes projetos de socialização praticados nos universos familiar, escolar e religioso observamos o fortalecimento destas instâncias e por conseqüência o fortalecimento de suas formas de controle social.

Assim, considerando que os objetivos, os conteúdos e as estratégias socializadoras destas instituições estando voltadas para a manutenção e reprodução de uma ordem racional, ascética, e disciplinar, é possível afirmar também que o produto destes investimentos, ou seja, os alunos investigados têm todas as chances de construir identidades fortemente acomodadas e dóceis. De certa forma foi o que verificamos. Sujeitos todo tempo a uma submissão branda, gradual e homeopática a padrões e pressões sociais, expressam em seus comportamentos uma aceitação ao reconhecimento e a uma profunda identificação com os pressupostos de socialização a que estão sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ronaldo de. Religião na metrópole paulista. *Revista brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v.19, n.56, p.15-27, out. 2004.
- ALVES, Nilda. Formação do jovem professor para a educação básica. *Caderno CEDES*, n.17, p. 5-20, 1986.
- ALVES, Rubens. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Atica, 1979.
- BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, Editora, 1985.
- BERGER, Peter Ludwig. Peter Berger e a religião. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). *Sociologia da religião: enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BERGER, Peter Ludwig e LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição revista e corrigida. Rio de Janeiro, Imprensa Brasileira, 1994.
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knoop. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, J. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1975.
- BOURDIEU, Pierre. *Pierre Bourdieu: Sociologia*. In: Ortiz, Renato (Org.); Trad. de Paula Montero e Auzmendi. – São Paulo: Ática, 1983.
- _____. *La Distincion*. Trad. Maria Del Carmen Ruiz de Elvira. Madrid: Altea, Taurus, Alfaguara, S. A, 1988.
- _____. A leitura: uma prática cultural. In: Chartier, Roger (coord). *Práticas de leitura*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- _____. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk Editora, 2002.
- _____. *Economia das trocas simbólicas*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003a.
- _____. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: Micelli, Sérgio (coord) . *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003 a.
- _____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 5. ed. Trad. Mariza Correa. Campinas, SP: Papyrus, 2004a.
- _____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs). *Escritos de Educação*. 6 ed. Petrópolis:Vozes, 2004b, 41-64.

BOTTOMORE, T. B. *Introdução à Sociologia*. Trad. Waltensir Dutra e Patrick Burglin. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1987.

BRANDÃO, Zaia. *Pesquisa em Educação: conversa com pós-graduandos*. São Paulo: Loyola, 2002.

CAMPOS, Leonildo Campos. *Teatro, Templo e Mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis. RJ: Vozes, São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1977.

CARIA, Telmo. *Da estrutura prática à conjuntura interativa: relendo o Esboço de uma teoria da prática de Pierre Bourdieu*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v.64, p.135 -143, 2002.

CARVALHO, Marília Pinto de. *No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais*. São Paulo: Xamã, 1999.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: Áries, Philippe; Chartier, Roger. *História da vida privada III*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CHARTIER, Anne Marie; HÉBRAND Jean. *Discursos sobre a leitura: 1880 -1980*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: *Práticas da Leitura*; sob a direção de Roger Chartier ; uma iniciativa de Alain Paire; trad. De Cristiane nascimento; introdução de Alcir Pécora. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

DREHER, Martin N. *Para compreender a dimensão histórica da relação Igreja Luterana e educação*. Palestra proferida no dia 30 de maio de 2004 para Equipes Pedagógicas da Rede Sinodal, no Colégio Cônsul Carlos Renault, Brusque –SC.

DEWEY, John. *Como pensamos*. São Paulo: Ed. Nacional, 1959.

DURKHEIM Émile. *La educacion moral*. Buenos Aires:Ed. Lousada, 1947.

_____. *Educação e sociologia*. Com um estudo da obra de Durkheim, pelo Prof. Paul Fauconnet. Trad. Prof. Lourenço Filho. 11 ed. São Paulo: Melhoramentos; [Rio de Janeiro]; Fundação Nacional do Material Escolar, 1978.

_____. *A evolução pedagógica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p.28-29.

_____. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EDWARD, José. A força do Senhor. *Revista Veja*. São Paulo, ano 35, n.26, p.87-9, jul.2002.

ELIAS, NORBERT. *Os Estabelecidos e Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edito, 2000.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.

FRESTON, Paul. Protestantismo e democracia no Brasil. *Lusotopie*: v. 1999, n.1, p. 329 -340, 1999 (1999, p.329).

_____. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. Campinas. Tese de Doutorado, IFCH/UNICAMP, 1993.

HABERMAS, J. *Teoria de la Accion Comunicativa: Racionalidad de la Acción y Racionalización Social*, V. I e II. Madrid: Ed. Taurus, 1987.

_____. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1989.

IGREJA LUTERANA .*Os paradigmas de Lutero para a música sacra*. São Leopoldo: IELB, v.62, 2003, periodicidade semestral.

LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável*. Trad. Ramon Américo Vasquez e Sonia Goldfeder. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Homem plural: os determinantes da ação*. Trad. Jaime A. Clasen. Ramon. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Trad. Didier Martins e Patrícia C.R. Reuillard. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LARROYO, Francisco. *História geral da pedagogia*. São Paulo: Mestre Jáú Editora, 1974.

LA TAILLE, Yves de. A educação moral: Kant e Piaget. In. MACEDO, Lino (org.). *Cinco estudos de educação moral*. Jean Piaget et.al. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996, p.137-177.

LEONARD, Emile. *O protestantismo brasileiro*. São Paulo: Aste, 1963.

LERENA, Carlos. *Materiales de Sociologia De La Educacion Y De La Cultura*. Grupo Zero Cultural, 1985.

LIPMAN, Mattheew. *A filosofia na sala de aula*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994, 300

LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. V.5. São Leopoldo, RGS: Editoras Sinodal e Concórdia, 1994.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIZ, Cecília Loreto. Secularização e dessecularização: comentários a um texto de Peter Berger. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n° 21, p. 9-23, abril de 2001.

_____. A sociologia da religião de Max Weber. In: FAUSTINO, Teixeira (org) *Sociologia da Religião*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MENDONÇA, A. G.; VELASQUES, F. P. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MENDONÇA, A. G. Ideologia e educação no Brasil. *Revista Cristianismo y Sociedad*. Ano XXIX, nº107, México, 1991.

_____. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1995.

_____. Sinais de cansaço no protestantismo. *Revista IHU- On – Line*, São Leopoldo: Rio Grande do Sul, edição nº 169, dezembro de 2005.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Thompson: Pioneira Editora, 2002.

NAGLLE, Jorge. *Educação e Sociedade na 1ª República*. São Paulo, EPU: Rio de Janeiro, Fundação Nacional do Material Escolar, 1974.

NEGRÃO, Lísias N. *Nem Jardim encantado, nem clube de intelectuais desencantados*. Prova Oral de Erudição – Concurso de Titulação, novembro de 2003.

NIEBUHR, Richard H. *As origens sociais das denominações cristãs*. São Paulo: Aste Editora, 1992.

NOBLIT , George W. Poder e desvelo na sala de aula. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v.21, n.2, p.119-137, jul/dez, 1995

NOGUEIRA, M. Alice ; NOGUEIRA , M. C. M. A sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação e Sociedade*, n.78, p.11-35, abril 2002.

NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis:Vozes, 2003.

NOGUEIRA, M. Alice; CATANI (Org.). *A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura*. 6.ed. In:*Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2004.

OLIVEIRA, A. Maria Antonieta. *Pentecostalismo e construtivismo: a construção da autonomia do sujeito na prática pedagógica de educadores pentecostais*. Estudo de caso de uma escola de Ensino Fundamental da Assembléia de Deus. 1997. 260p. Tese (Doutorado em Educação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo

PAULA, João Antonio de. Afinidades eletivas e pensamento econômico: 1870-1914. *Kriterion*, Jan/Jun., Belo Horizonte, v. 46, n. 111, p. 70-90, 2005.

PAULY, Evaldo Luís. *Ética, educação, e cidadania: questões de fundamentação teológica e filosófica da ética na educação*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Introdução: As religiões no Brasil Contemporâneo. In: PRANDI, R. *Um Sopro do Espírito: a reação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo:Edusp – Fapesp, 1977.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: USP, Curso de Pós- Graduação em Sociologia:ED.34, 2003

_____. Bye bye, Brasil: O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.

PROENÇA, Wander de Lara. *Magia, prosperidade e messianismo.o “sagrado selvagem” nas representações e práticas de leitura do neopentecostalismo brasileiro*. Curitiba; Aos Quatro Ventos, 2003.

RAMALHO, Jether Pereira. *Prática educativa e sociedade: um estudo de sociologia da educação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

RIVERA, P. Barrera. *Tradição, transmissão e emoção religiosa: sociologia do protestantismo na América Latina*. São Paulo: Olho d’Água, 2001.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. As transformações do final do século: resignificando os conceitos autoridade e autonomia. In: AQUINO, J. Groppa. (org). *Autoridade e autonomia*. São Paulo: Summus, 1999.

_____. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 107-116, jan/jun. 2002a.

_____. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, n. 20, p. 60-70, Maio/Jun/Jul/Ago 2002b

_____. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade.In:*Educação e Sociedade*, n.90, v.26, p. 77 a 105, jan/abril 2005.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *Poderes instáveis em educação*. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.

SILVA, Esequiel Theodoro da. *Elementos da pedagogia da leitura*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SILVA, Gilberto. *A escola dominical*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. 5 ed. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, 1982.

WEBER, Max. *Economia e sociedade; fundamentos da sociologia compreensiva*.(Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; ver. Téc. de Gabriel Cohn, 3 ed.- Vol. I. Brasília: Editora Universidade de Brasília).EeS, 2000.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito da o capitalismo*. (trad. de M. Irene Szmrecsányi e Tamás Szmrecsányi). 2.ed. revisada. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

_____ *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo Antonio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WILLIS, Paull. *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social*; (trad. Por TOMAZ Tadeu da Silva, DAISE Batista). Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir(Coords.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. 5.ed. São Paulo: Vozes, 2003.

TEIXEIRA, Faustino (org.). *Sociologia da religião: enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da Modernidade*. 7 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

ANEXOS

ANEXO 01

Tabela 01. Religião dos alunos.EMF “Leonor Mendes de Barros” Março de 2003

Ensino Fundam./ Ano	Cat.	Esp./ Kardec	Afro-Bra.	Prot/ Evan	Não sabe	Nenh.	Outras*	Total
1ª série	34	02	00	12	53	00	01	102
2ª série	28	04	00	28	32	04	03	99
3ª série	39	02	00	32	16	05	00	94
4ª série	30	11	00	29	24	02	00	96
5ª série	54	07	00	34	16	03	02	116
6ª série	37	07	00	18	04	08	00	74
7ª série	49	02	00	22	04	01	02	80
8ª série	24	04	00	11	00	05	01	45
TOTAL	295	39	00	186	149	28	09	706

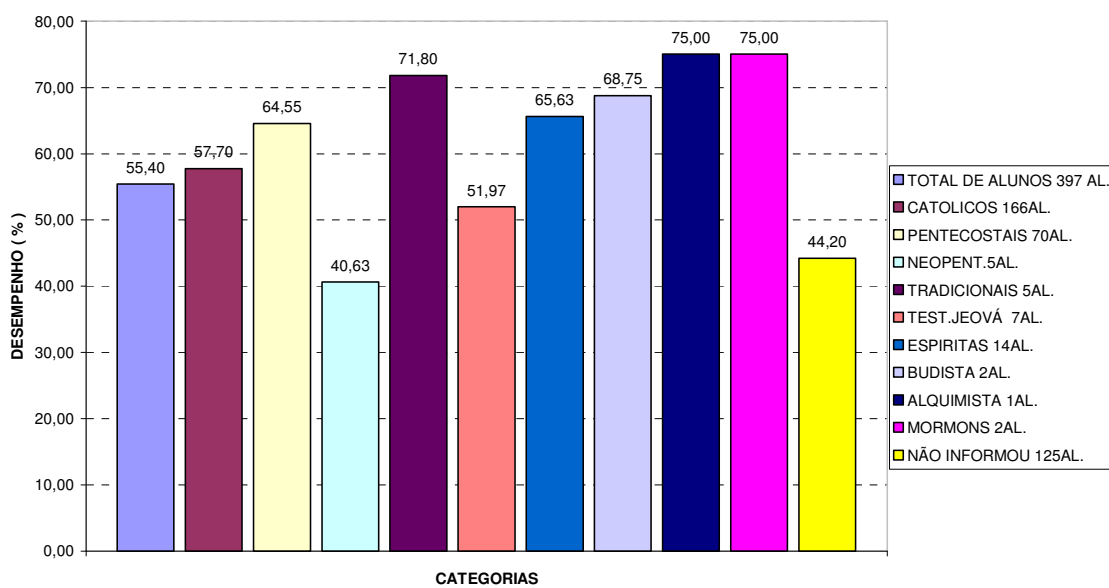
Tabela 02. Religião dos professores e demais funcionários.EMF “Leonor Mendes de Barros” Março de 2003

Disciplina/ Função	Cat.	Esp./ Kardec	Afro-Bra.	Prot/ Evan	Outra	Inde finida	N.R	Total
Português	02	01	00	00	00	00	00	03
Matemática	01	00	00	00	00	01	00	02
Ciências Naturais	01	00	00	01	00	00	00	02
Artes	02	00	00	00	00	00	00	02
Inglês	01	00	00	00	00	00	00	01
Geografia	00	00	00	01	00	01	00	02
História	00	00	00	00	00	00	00	00
Informática	01	00	00	00	00	00	00	01
Educação Física	01	00	00	00	00	00	00	01
Profs 1ª a 4ª série	12	00	00	01	00	00	01	14
Diretor	00	01	00	00	00	00	00	01
Assistente Direção	00	01	00	00	00	00	00	01
Coordenadores	02	00	00	00	00	00	00	02
Equipe Auxiliar	05	04	00	05	00	00	03	17
TOTAL	28	07	00	08	00	02	04	49

Tabela 01: *Sobre as categorias: **Outras** (mórmons, budistas, alquimistas); **Nenhuma** (houve verbalização da palavra nenhuma); **Não sabe** (houve manifestação verbal ou escrita da expressão

ANEXO 02

DESEMPENHO ESCOLAR E RELIGIÃO
Alunos de 5º a 8ªséries do Ensino Fundamental



ANEXO 03

Roteiro: Entrevista com os pais

01. FAMÍLIA

Formação cultural: avós e pais

Ensino institucional: básico /superior

Tipo de estabelecimento: particular/público/outro

Ramo de ensino: profissional/ propedêutico

Organização familiar

Quantidade de pessoas na família nuclear – pai , mãe, filhos/ pais separados/ modelo demográfico da família.

Quantidade de pessoas agregadas – tios, avós,....

Situação social e econômica

Ascendente/ descendente – família que vem tendo sucesso ou insucessos em termos sociais, econômicos, culturais

Relacionamentos

Fechado / aberto/ recebem visitas/ têm amigos/ hospitalidade/ relacionamento com vizinhos

02. NATURALIDADE

Cidade de origem/ e Razões da escolha da localidade da moradia atual/ tempo de residência no endereço / outros locais anteriores que residiu /periferia/ central

03. ATIVIDADE PROFISSIONAL OU OCUPAÇÃO

Autônomo/ comerciante/ empregado/ funcionário público

Cargo ocupado: chefia/ subalterno/

Dificuldades e facilidades para exercer o trabalho

Origem da escolha da atividade profissional/ quem ou quê influenciou

04. RELIGIÃO

Origem: Tradição/ Conversão

Práticas religiosas: praticante, não praticante/ frequência.

Práticas relevantes: culto, grupo de oração, encontro de casais, outra.

Nível de participação: liderança/ membro

Qualidade das participações: eventos/ festas/ congressos/ seminários/ cursos –
(relacionados à vida religiosa, profissional, qualificações de modo geral, lazer).

05. Outras práticas culturais

Lazer: passeio ?/ onde?/ quando?/ com quem? / a família toda?/ passeios preferidos

Esporte: praticam esportes? o que a família pratica junto/ e separados?

Arte: instrumentos musicais/ canto/ alguém canta, toca instrumento, fazem isso juntos
ou separados? Tipo de Música predileta da família/ quem gosta do que em termos
musicais

Programas televisivos: filmes, que tipo?/entrevistas/ telenovelas/ cômicos/
diversidades

Leituras: leitura em família/ individual/ todos lêem os mesmos livros?

06. ESCOLA

Escolha da escola: proximidade com a casa/ indicação/ pública/ fama/ outros

Considerações sobre a escola: dá continuidade ao que é ensinado em casa/ completa/
amplia os conhecimentos/ deixa a desejar/ considera e respeita as opções religiosas de
todos

Relacionamento pais /escola: freqüenta reuniões de pais e mestres/ atende a todas as
solicitações da escola/tem oportunidade de dar sugestões/ participa de eventos/

Participação: colabora com o Conselho de Escola, APM e outros

Importância de ter um filho nesta escola: características físicas/ características
humanas/ profissionais competentes/ segurança/ higiene/ qualidade do ensino